



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

EDUARDO CARVALHO DE ALMEIDA

ARGUMENTAÇÃO E MULTIMODALIDADE: ANÁLISE DE PROCESSOS
REFERENCIAIS EM TEXTOS DA REDE SOCIAL X

FORTALEZA

2023

EDUARDO CARVALHO DE ALMEIDA

ARGUMENTAÇÃO E MULTIMODALIDADE: ANÁLISE DE PROCESSOS
REFERENCIAIS EM TEXTOS DA REDE SOCIAL X

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para o título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A446a Almeida, Eduardo Carvalho de.
Argumentação e multimodalidade : análise de processos referenciais em textos da rede social X /
Eduardo Carvalho de Almeida. – 2023.
167 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Linguística, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

1. Argumentação. 2. Multimodalidade. 3. Linguística textual. I. Título.

CDD 410

EDUARDO CARVALHO DE ALMEIDA

ARGUMENTAÇÃO E MULTIMODALIDADE: ANÁLISE DE PROCESSOS
REFERENCIAIS EM TEXTOS DA REDE SOCIAL X

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para o título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

Aprovada em 28/08/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves-Segundo
Universidade de São Paulo (USP)

Dedico este trabalho a todos que foram vítimas da covid-19. Escrevo para que, de alguma forma, o que foi feito a vocês nunca seja ignorado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que se fazem presente neste texto, sem as quais ele não seria possível, cada uma à sua maneira.

À professora Mônica, minha orientadora, pela enorme paciência, pelas palavras sábias e carinhosas, pelos conselhos, pela compreensão, pelos ensinamentos, pela inteligência, pelas oportunidades; ela foi a estrela-guia que iluminou este trabalho do começo ao fim.

À minha família: mãe, pai, irmãs, tias, primos, avós, tias-avós, por terem proporcionado que eu me educasse bem, terem me feito gostar de ler, escrever e ter curiosidade de aprender desde antes de eu me lembrar. Incluo também entre a família meus vizinhos da cidade de Pacajus.

A todos os amigos, tanto os antigos quanto os novos, os que moram perto e os que moram longe, que, às vezes sem saber, me deram ideias que estão aqui.

Aos membros das minhas bancas de qualificação, seminários de pesquisa e defesa pelos apontamentos feitos e, principalmente, por serem minhas grandes inspirações, junto da minha orientadora: professores Paulo Gonçalves-Segundo, Zenaide Valdevino, Valdinar Custódio Filho e Mariza Angélica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



(Cornellà, 2020).

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar, por meio dos processos referenciais (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014; Cavalcante; Brito, 2016; entre outros), como recursos imagéticos são mobilizados como estratégias argumentativas em textos verbo-imagéticos. Para realizar essa investigação, o estudo adota os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Textual (LT), que tem o texto e as estratégias de textualização como seu objeto de estudo, definido por Cavalcante *et al.* (2019) como uma unidade de comunicação e sentido em contexto, composto por diferentes sistemas semióticos. Além disso, a LT, inspirada nas pesquisas de Ruth Amossy sobre argumentação e discurso, admite que todo texto é argumentativo (Cavalcante *et al.*, 2020). Supõe-se que as imagens presentes em textos verbo-imagéticos também fazem parte de estratégias argumentativas. Para investigá-las, foi escolhida a Semiótica Social (Kress, 2010; Kress; Van Leeuwen, 2021) a fim de fornecer um aparato analítico imagético que contribuísse para a descrição das estratégias argumentativas subjacentes aos textos selecionados. O *corpus* consiste em 24 posts com chamadas noticiosas verbo-imagéticos, publicados por perfis verificados pela rede social X (anteriormente conhecida como Twitter) sobre a temática da covid-19. A análise dos textos foi feita em três etapas: reconstrução de raciocínios argumentativos (entimemas) a partir dos tópicos centrais dos textos; descrição dos processos referenciais de introdução e anáfora (Cavalcante; Brito, 2016); e identificação de recursos visuais segundo a Gramática do Design Visual (Kress; Van Leeuwen, 2021). Pôde-se verificar, após as análises, que foi a participação das imagens na descrição do tópico discursivo o que possibilitou a reconstrução dos posicionamentos implícitos e que o papel delas não se deu apenas nas premissas ou apenas nas conclusões dos argumentos, mas na apreensão global deste, via redes referenciais. Notou-se que os elementos mais cotextuais relacionaram-se às premissas menores explícitas e que estes foram pistas textuais para chegar às premissas maiores e às conclusões implícitas.

Palavras-chave: argumentação; multimodalidade; linguística textual.

ABSTRACT

This research has the goal of analyze, through referential processes (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014; Cavalcante; Brito, 2016; among others), how visual resources are mobilized as argumentative strategies in verbal and visual texts. To execute this investigation, the study adopts the presumed theory and methodology from Text Linguistics (TL), which has the text and the textual strategies as its object of study, defined by Cavalcante *et al.* (2019) as a unity of communication and meaning in context, composed by different semiotic systems. Apart from that, TL, inspired by research from Ruth Amossy about argumentation and discourse, admits that every text is argumentative (Cavalcante *et al.*, 2020). It is supposed that images present in verbal and visual texts are also part of argumentative strategies. To investigate them, Social Semiotics (Kress, 2010; Kress; Van Leeuwen, 2021) was chosen to provide an analytical apparatus which contributed to the description of argumentative strategies underlying the selected texts. The *corpus* consists of 24 posts with verbal and visual journalistic headlines, published by verified profiles by X social media on the covid-19 theme. The analysis of the texts was made in three steps: reconstruction of argumentative reasoning (enthymemes) based on the central topics of the texts; description of referential processes of introduction and anaphor (Cavalcante; Brito, 2016); and identification of visual resources according to the Grammar of Visual Design (Kress; Van Leeuwen, 2021). It was possible to verify, after the analysis, that it was the role of the images on the description of the discursive topic that made the reconstruction of implied opinions possible and that their role took part not only on premises or conclusions of the arguments, but on its global understanding, *via* referential nets. It was noticed that the most cotextual elements were related to the minor explicit premises, and these elements were textual clues to get to major premises and implicit conclusions.

Keywords: argumentation; multimodality; text linguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Texto de dimensão argumentativa	26
Figura 2 – Cartaz Stop the plant	37
Figura 3 – Cartaz de apelo à ajuda humanitária	40
Figura 4 – Planta da cidade de Fortaleza (1875)	42
Figura 5 – Cartum político (1882).....	47
Figura 6 – Exemplo de negação visual (círculo vermelho).....	48
Figura 7 – Exemplo de negação visual (incongruência visual).....	49
Figura 8 – Cartaz UVA for women	50
Figura 9 – Pôster de campanha do The Guardian.....	55
Figura 10 – Carro desenhado por uma criança	58
Figura 11 – Representação com vetor	63
Figura 12 – Representação com estrutura de árvore.....	63
Figura 13 – Exemplo de estrutura narrativa transacional	65
Figura 14 – Exemplo de estrutura narrativa não transacional	66
Figura 15 – Os tipos cheios de si.....	67
Figura 16 – Estrutura analítica em mapa-múndi	69
Figura 17 – Estrutura simbólica.....	72
Figura 18 – Estrutura sugestiva simbólica.....	73
Figura 19 – Olhar de Demanda	76
Figura 20 – Olhar de Oferta.....	77
Figura 21 – T13 – Distância mais pessoal	78
Figura 22 – T16 – Distância social.....	78
Figura 23 – Distância mais impessoal	78
Figura 24 – Ângulo horizontal frontal.....	80
Figura 25 – T2 – Ângulo horizontal oblíquo	81
Figura 26 – T18 – Ângulo vertical alto	81
Figura 27 – T23 – Ângulo vertical baixo	83
Figura 28 – Atitude objetiva.....	84
Figura 29 – Orientação naturalística.....	85
Figura 30 – Orientação tecnológica.....	86
Figura 31 – Orientação sensorial	87
Figura 32 – Orientação abstrata.....	88

Figura 33 – Dado-Novo.....	90
Figura 34 – T20 – Ideal-Real.....	91
Figura 35 – Centro-Margem.....	91
Figura 36 – T4 – Segregação.....	93
Figura 37 – Separação.....	94
Figura 38 – T11 – Contraste visual e Integração.....	95
Figura 39 – Sobreposição.....	96
Figura 40 – T12 – Rima visual.....	97
Figura 41 – Saliência.....	98
Figura 42 – T11.....	106
Figura 43 – Exemplo: referente sem menção referencial.....	112
Figura 44 – Funções da construção referencial.....	115
Figura 45 – Exemplo de anáfora direta e indireta.....	117
Figura 46 – Exemplo de encapsulamento.....	119
Figura 47 – Exemplo de texto a ser analisado.....	121
Figura 48 – Tuíte (post) do tipo thread.....	123
Figura 49 – Botão de busca avançada.....	125
Figura 50 – Opções de refinamento na busca avançada do Twitter, atual rede social X (1)	126
Figura 51 – Opções de refinamento na busca avançada do Twitter, atual rede social X (2)	126
Figura 52 – T9.....	129
Figura 53 – Comentários ao texto T9.....	132
Figura 54 – T5.....	134
Figura 55 – T21.....	135
Figura 56 – T10.....	137
Figura 57 – T14.....	138
Figura 58 – T19.....	140
Figura 59 – Comentários com posicionamentos contrários à vacinação.....	142
Figura 60 – T8.....	143
Figura 61 – T1.....	144
Figura 62 – T6.....	145
Figura 63 – T7.....	146
Figura 64 – T15.....	148

Figura 65 – Janela com informações do perfil e ferramenta "Pessoas relevantes"	149
Figura 66 – T24	150
Figura 67 – T3	152

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2 ARGUMENTAÇÃO: DO ESTRITAMENTE VERBAL AO MULTIMODAL .	18
2.1 Argumentação como um fenômeno estritamente verbal	18
2.2 A Análise da Argumentação no Discurso	23
2.3 Argumentação multimodal	32
2.3.1 Condensação simbólica	38
2.3.2 Dimensão ilativa	45
2.3.3 Incorporação de categorias semióticas	51
3 MULTIMODALIDADE	56
3.1 Semiótica Social	56
3.2 Gramática do Design Visual	61
3.2.1 Significados representacionais.....	62
3.2.2 Significados interativos	74
3.2.3 Significados composicionais	89
4 LINGUÍSTICA TEXTUAL	100
4.1 Processos referenciais.....	108
5 METODOLOGIA.....	120
5.1 Método de abordagem e tipo de pesquisa.....	120
5.2 Delimitação do universo e da amostra	121
5.3 Procedimento de coleta de dados	124
5.4 Procedimento de análise dos dados.....	127
6 ANÁLISES	129
6.1 A temática da covid-19 relacionada a números	129
6.2 Temática da vacinação	141
6.3 Outras temáticas	148
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
REFERÊNCIAS	160

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando observamos as interações humanas acontecerem, por meio de textos, é inegável que não só palavras são utilizadas para negociar sentidos. Há algum tempo, admite-se, no campo das Ciências da Linguagem, que sentidos construídos pela interação entre escrita, fala, imagem estática, imagem dinâmica, música etc. são passíveis de ser investigados em um estudo científico. Ao mesmo tempo, algumas abordagens textuais e discursivas, como a Linguística de Texto (LT) e a Análise da Argumentação no Discurso (AAD), vêm admitindo que todo texto e todo discurso são argumentativos, no sentido de que, se não visam explicitamente fazer o interlocutor aderir a uma tese, orientam, de forma implícita, as maneiras de ver, sentir e agir dos sujeitos.

A partir dessas premissas, elaboramos uma pergunta de base: em que medida os sujeitos tentam persuadir uns aos outros utilizando recursos multimodais diversos? Para responder essa pergunta, pensamos que uma investigação das estratégias argumentativas acionadas por recursos verbo-imagéticos pode ser feita tendo como guia as diretrizes da LT e suas categorias de análise, mas em interface com perspectivas da argumentação e da semiótica social.

A LT vem adotando o conceito de texto como “um enunciado (no sentido dado a esse termo por Brait, 2016), que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de sistemas semióticos¹” (Cavalcante *et al.*, 2019, p. 26). Essa disciplina concebe o texto como algo que acontece efetivamente, de forma única e irrepetível, que, para construir seus sentidos, convoca conhecimentos enciclopédicos e interacionais e é guiado pela contenda argumentativa e pelos embates discursivos que o atravessam. Nesse sentido, falamos que a LT admite pressupostos sociocognitivos e discursivos. Entretanto, o objeto de análise da LT não são os conhecimentos de mundo nem as formações discursivas, mas as estratégias de colocar em texto, isto é, de textualizar, os projetos de dizer dos sujeitos.

¹ O termo *sistemas semióticos* é definido por Kerbrat-Orecchioni (2006 *apud* Cavalcante *et al.*, 2019, p.36) como os diferentes meios e canais de expressão que podem envolver recursos (tecnológicos ou não) para que a comunicação ocorra. No entanto, utilizaremos nesta dissertação o termo *modos semióticos*, definido por Kress (2010) no contexto da Semiótica Social, que nos fornece as categorias de visualidade com a qual trabalhamos. No capítulo 3 (página 60), encontra-se a explicação sobre esse conceito.

A partir dessa perspectiva, nossa intenção é analisar, por meio de processos referenciais, como recursos imagéticos, em integração com outros modos semióticos, são mobilizados como estratégias de argumentação. Tal objetivo de investigação visa a contribuir com os estudos em que se procura analisar a forma como um recurso não verbal pode ser tão argumentativo quanto um verbal, apesar de tal dimensão não ter origem na LT nem ser seu objeto de estudo. É inquestionável que esses fenômenos ocorrem nos eventos comunicativos que se dão no dia a dia, portanto, acontecem em textos que foram efetivamente produzidos, e uma descrição das estratégias de textualização pode contribuir para a sistematização desse fenômeno e para a descrição de certas regularidades.

Investigar as tentativas de persuasão em práticas textuais que, a priori, não são consideradas argumentativas por algumas vertentes do campo da Argumentação (como a Nova Retórica) demanda uma concepção de argumentação mais ampla. Isso porque nem toda abordagem argumentativa considera que todos os textos tenham um caráter persuasivo. Por exemplo, os textos escolhidos por nós para compor o *corpus* desta pesquisa fazem parte de uma prática jornalística da qual se espera uma aparente neutralidade e objetividade. São chamadas para notícias publicadas na rede social X (anteriormente conhecida por Twitter)² por veículos de comunicação, compostas pelo modo semiótico imagético, modo semiótico escrito, links hipertextuais e outros recursos tecnolinguageiros do ambiente digital, como observa Paveau (2021).

Porém, percebemos que muitas das escolhas feitas no nível da escrita e da imagem, mas principalmente na interação entre os dois modos, parecem revelar certos posicionamentos dos locutores, que, se não desejam convencer seus leitores de algo explicitamente, certamente os orientam para certas maneiras de ver a questão da notícia veiculada. A tomada de posicionamento, concordando com Amossy (2018), se dá sempre num espaço discursivo em que há pelo menos dois pontos de vista sobre determinada questão: acreditar ou não que a pandemia do coronavírus, iniciada em 2020, foi real? Acreditar ou não na eficácia das vacinas?

² A rede social Twitter passa por uma mudança de nome (para X) e de identidade visual após sua aquisição pelo empresário Elon Musk em 2022. Até a finalização desta dissertação (outubro de 2023), ainda é possível acessar o site tanto procurando por Twitter quanto por X, mas toda a identidade já foi atualizada. Por isso, fizemos referência à forma mais atual de denominação da rede social (X), exceto nos casos em que usamos capturas de tela de textos do Twitter que não puderam ser atualizadas porque foram apagadas. Nesses casos, a denominação foi feita nas duas formas, como vêm fazendo os veículos de comunicação (rede social X, antigo Twitter, ou X/Twitter), afinal, a forma Twitter ainda é bastante usada pela comunidade.

Por isso, a LT vem considerando que todo texto é argumentativo, no sentido de que, se não visa a defender explicitamente uma tese, tenta, mais sutilmente, modificar os modos de ver, pensar e sentir dos interlocutores, guiando seu olhar para determinados pontos de vista. Essa concepção advém de Amossy (2008, 2011, 2016, 2017, 2018), autora que realizou uma incorporação dos estudos da Retórica e da Nova Retórica à Análise do Discurso de linha francesa. Para Amossy (2018), a argumentação é constitutiva do discurso, e, para Cavalcante *et al.* (2020), é no texto que ela se expressa.

Amossy (2018) propõe, então, que se fale em discursos de visada argumentativa, situação em que se tenta fazer o outro aderir a uma tese, e em discursos de dimensão argumentativa, aqueles que visam, mais modestamente, a modificar a orientação dos modos de ver e sentir. Dessa forma, autora prefere abolir a distinção entre discursos argumentativos e não argumentativos e propor que a argumentação se dá, na verdade, em um *continuum*: em um dos polos, há o choque de teses antagônicas; no outro lado, há discursos de caráter informativo ou narrativo, que, mesmo contra a força de subtrair seu caráter persuasivo, ainda mantêm uma dimensão argumentativa.

No entanto, a ampliação do que se analisa sob um viés argumentativo encontra um entrave nos modos semióticos privilegiados (fala e escrita). Amossy (2018, p. 47) define como objeto da argumentação os “meios verbais” que são usados para persuadir o outro. De fato, algumas das categorias de análise que são convocadas pela autora dizem respeito à materialidade linguística: designações nominais explícitas, descrições, pronomes pessoais, escolhas lexicais, conectores etc. Ao lado de Amossy, encontram-se as definições de Aristóteles (2011), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), Reboul (2004), van Eemeren (2001), todos interessados em ver como os meios verbais levam alguém a aderir a uma tese. Abordaremos esse assunto no Capítulo 2 de nosso trabalho.

Longe de questionar a importância das categorias e das análises produzidas ao longo da história da Retórica, nós nos perguntamos se é suficiente, hoje, uma análise deter-se no exame da fala e da escrita. Por isso, desejamos nos alinhar às perspectivas em argumentação que analisam os raciocínios argumentativos ocorridos na comunicação cotidiana e que convocam uma gama de recursos multimodais para negociar pontos de vista (Tseronis, 2018). Ressaltamos, porém, que a LT não é uma teoria da argumentação, mas pode, a partir de seus critérios, evidenciar o jogo argumentativo que guia os sentidos

dos textos. Podemos, então, contribuir com a compreensão do subcampo da Argumentação Multimodal, que considera que a argumentação se dá por diversos modos semióticos, ampliando o escopo de análise das teorias tradicionais.

A interface entre argumentação e multimodalidade é possível, segundo Tseronis (2018), porque o interesse em aspectos não verbais na comunicação argumentativa deu-se em paralelo ao projeto de Análise do Discurso Multimodal que se desenvolveu a partir do trabalho de Kress e van Leeuwen (2021). A argumentação multimodal, destaca Kjeldsen (2015b), possui orientações teóricas diversas, bem como métodos de análise e interfaces com teorias da multimodalidade para explicar o funcionamento de outros modos semióticos no projeto de persuasão. Dentre as abordagens mais produtivas na contemporaneidade, estão a Lógica Informal, a Retórica e a Pragmadialética.

Gonçalves-Segundo (2021) nota que as três abordagens trabalham com o exame da divisão de trabalho entre os modos semióticos no que concerne à argumentação, mas cada uma focaliza uma dimensão específica: a Lógica Informal examina a estrutura e o raciocínio argumentativos; a Retórica examina o potencial persuasivo, considerando o processo de condensação simbólica das imagens (seu potencial para veicular diferentes ideias e sensações no instante mesmo da percepção); a Pragmadialética focaliza o papel dos modos semióticos na resolução de um conflito de opiniões. Também nota o autor que, se todas as abordagens valorizam o papel do imagético, nem todas incorporam, de forma sistemática, categorias de análise oriundas de arcabouços semióticos, que possam descrever mais apropriadamente a argumentação por via da imagem.

Nesse sentido, Gonçalves-Segundo observa que é a Pragmadialética praticada por Tseronis (2018) que melhor incorpora ferramentas semióticas na análise da argumentação multimodal. De fato, o autor se baseia em Kress (2010) quanto à compreensão dos modos semióticos. Tseronis (2018) questiona as abordagens da argumentação multimodal que descrevem as imagens apenas em termos de representação, isto é, de descrições mais voltadas para o conteúdo. No entanto, além do *que* é representado pela imagem, é importante analisar *como* isso é representado. Assim, esse autor afirma que é preciso incorporar categorias típicas do modo visual, como organização num layout, cores, iluminação, ângulo da câmera, enquadramento etc. Por isso, a Semiótica Social parece ser uma das teorias de multimodalidade mais proveitosas,

porque propõe categorias sistemáticas de análise das imagens, e por isso optamos por adotar as categorias fornecidas por essa teoria para analisar imagens.

Para proceder às nossas análises, escolhemos o critério textual dos processos referenciais e decidimos utilizar as categorias imagéticas da Gramática do Design Visual (GDV), a fim de estudar como os recursos multimodais contribuem para a argumentação nos textos, assunto que será aprofundado no capítulo 3. A GDV é uma proposta de análise da imagem elaborada por Kress e Van Leeuwen (2021), cujo objetivo é descrever as regularidades encontradas na comunicação visual contemporânea ocidental. Essas regularidades são vistas em sua dimensão sócio-histórica, dado que o social é a fonte dos significados dos recursos semióticos.

A relação entre LT e GDV já vem sendo estabelecida por alguns pesquisadores. Dentre as pesquisas em LT, Capistrano Júnior (2012), Nascimento (2014), Teixeira (2016) e Sales (2017) relacionam os processos referenciais a categorias da GDV. Os autores trabalham selecionando categorias das três metafunções do modo semiótico visual (representacional, interpessoal e composicional), relacionando-as aos processos referenciais.

A proposta da referenciação, que será abordada no Capítulo 4, nasceu de uma necessidade, segundo Mondada e Dubois (2003), de se opor a perspectivas que consideram que as palavras e as coisas do mundo possuem uma relação direta e objetiva. As autoras propõem que, entre as palavras e as entidades do mundo, há uma relação instável e mediada pela linguagem, de forma que, quando nos comunicamos, submetemos nossas versões dos objetos do mundo à aprovação do outro.

Nesse processo, o que se analisa é a forma como discursivizamos as categorias do mundo, não mais vistas em sua dimensão empírica, mas como objetos de discurso. Como características desse fenômeno, tem-se que o real é visto como instável, que há sempre uma negociação entre os parceiros da comunicação e que a referenciação é um fenômeno sociocognitivo e situado. Uma das contribuições das pesquisas em referenciação, como as de Custódio Filho (2011), Capistrano Júnior (2012), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Nascimento (2014), Teixeira (2016), Sales (2017), é de que os referentes não precisam de expressão referenciais linguísticas para serem apreendidos no texto; outros modos semióticos podem contribuir para a construção do

referente, porque a referenciação não é um fenômeno (apenas) linguístico, mas é sociocognitivo e discursivo e se dá pela linguagem em suas diversas facetas.

Além disso, pesquisas de referenciação também vêm contribuindo para uma análise dos procedimentos argumentativos em textos. Cavalcante (2016) foi a primeira a propor uma articulação entre a LT e a Análise da Argumentação no Discurso (AAD), de Amossy, percebendo que possuíamos aproximações em relação à noção de sujeito, que é, ao mesmo tempo, estratégico na tentativa de influência do outro, mas atravessado por posicionamentos discursivos que o constroem, mesmo que de forma inconsciente, a falar o que fala.

Macedo (2018) deu prosseguimento a isso e demonstrou que estratégias de textualização são estratégias argumentativas. Em relação à referenciação, a autora constata que a construção dos referentes no texto pode ser relacionada com a seleção e a presentificação de dados discursivos, baseados nos acordos prévios que subjazem à argumentação e constroem os argumentos. Oliveira (2020) também analisa os processos referenciais relacionando-os a processos argumentativos, mas focaliza a figura do *pathos*, uma das três provas retóricas (ao lado do *logos* e do *ethos*), relacionando-os aos princípios de inferência emocional, de Ungerer (2020). Essas pesquisas não focalizaram as estratégias visuais explicitamente (apesar de haver textos multimodais em seus *corpora*), mas oferecem constatações importantes sobre a relação entre referenciação e argumentação.

No capítulo 5, de metodologia, explicitamos, com mais detalhes, o caminho que escolhemos para fazer nossas análises: reconstruir os raciocínios argumentativos evocados pelo tópico discursivo em torno das redes referenciais, analisando elementos dóxicos; descrever a progressão referencial e identificar categorias da visualidade. No capítulo 6, as análises são aplicadas ao *corpus* de 24 posts publicados por perfis autenticados pela rede social X, que contenham uma chamada para uma notícia, composta por escrita e imagem. Ao final da leitura da pesquisa, nas considerações finais, esperamos ter contribuído para a valorização do papel que outros modos semióticos além do verbal desempenham na dinâmica argumentativa dos textos.

2 ARGUMENTAÇÃO: DO ESTRITAMENTE VERBAL AO MULTIMODAL

Para atingir nosso objetivo central de analisar estratégias argumentativas mobilizadas por recursos multimodais em posts da rede social X, por meio de processos referenciais, iniciaremos nosso percurso teórico pelo âmbito dos estudos em argumentação. São muitas as perspectivas nesse campo de investigação, sendo necessário, portanto, optar por aqueles conceitos que mais se aproximam dos pressupostos teórico-metodológicos em Linguística Textual, que guia nossa investigação.

Nesse sentido, articulações têm sido propostas entre argumentação e LT, conforme vemos nas pesquisas de Cavalcante (2016), Macedo (2018), Cavalcante *et al.* (2020), Oliveira (2020), que comungam do pressuposto de que todo texto possui uma dimensão argumentativa, ideia baseada em Amossy (2018), para quem todo discurso tem uma dimensão argumentativa. Esclarecimentos acerca do que significa exatamente essa dimensão argumentativa em todo texto serão feitos nas próximas páginas.

Antes, porém, faz-se necessário explicar de que maneira o campo da argumentação, bastante antigo e bem estabelecido, foi-se encaminhando de perspectivas que consideram como válido apenas o cotexto estritamente verbal para abordagens que reconhecem o papel de outros modos semióticos, como o imagético, no ato de tentar influenciar o outro.

2.1 Argumentação como um fenômeno estritamente verbal

Desde a Antiguidade, o ser humano tem interesse em compreender o fenômeno pelo qual tentamos persuadir ou convencer o outro a aceitar pontos de vista, a tomar uma posição diante de um questionamento, a agir diante de uma situação, a resolver conflitos. Tal fenômeno é alvo de investigações por perspectivas diversas – argumentação, retórica, dialética, lógica, bem como variações – e ora restringe seu interesse a apenas algumas atividades discursivas, ora, mais recentemente, amplia seu escopo. Essas perspectivas são tão diversas que é difícil achar um denominador comum, mas a maioria se dedicou (e se dedica até hoje) a investigar os meios verbais falados e escritos, e não outros, usados para convencer e persuadir.

A primeira definição de retórica, segundo nos conta Reboul (2004), remonta a Córax e seu discípulo, Tísias, que a definiram como “criadora da persuasão” em uma “coletânea de preceitos práticos que continha exemplos para uso das pessoas que recorressem à justiça” (Reboul, 2004, p. 2). O surgimento dessa disciplina se deu no âmbito judiciário, quando, por volta do ano de 465 na cidade de Sicília, alguns cidadãos desejaram reaver seus bens que haviam sido tomados pelos tiranos (que haviam acabado de ser expulsos da cidade), em uma época em que não existiam advogados. Nesse contexto, os retores (isto é, um mestre em retórica) ofereciam a esses litigantes um instrumento de persuasão que afirmaram ser tão poderoso que era capaz de convencer qualquer pessoa de qualquer coisa.

Para isso, inventaram a ordem em que o discurso judiciário deveria ser proferido e o que cada parte deveria conter, bem como elaboraram os lugares (*topoi*), esquemas gerais passíveis de ser aplicados em diversas situações (Reboul, 2004). Apesar de não haver aí uma menção explícita às modalidades da língua, depreende-se que a disposição do discurso diz respeito a sua organização na fala, bem como ao seu conteúdo semântico. Desde a origem dessa arte, então, é a linguagem verbal que é objeto de uma sistematização.

Segundo essa tradição, Aristóteles (2011, p. 40) define a retórica como a “faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão”, ocupando-se do que é provável – o que já era admitido pelos retores da época de Córax (Reboul, 2004). Ela visa a observar e descobrir o que é adequado para persuadir em qualquer questão que nos é apresentada, não se restringindo a um gênero específico do discurso, contando, para isso, com dois tipos de meios de persuasão: os que são independentes da arte da persuasão e são preexistentes ao discurso, como testemunhas, acordos escritos, confissões; e os que são dependentes da arte da persuasão, que devem ser construídos pelo orador, com base no método da retórica, no momento do discurso. Em relação a estes últimos, Aristóteles afirma que

Há três tipos de meios de persuasão supridos pela **palavra falada**. O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espírito; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar (Aristóteles, 2011, p. 45, grifo nosso).

Respectivamente, os três meios são conhecidos pelos nomes gregos *ethos*, *pathos* e *logos*. Tanto o *ethos*, “a imagem que o orador projeta de si mesmo em seu

discurso e que contribui para assegurar sua credibilidade e sua autoridade” (AMOSSY, 2018, p. 18), quanto o *pathos*, a emoção que o orador deseja suscitar no auditório, e o *logos*, entendido como discurso e razão (Amossy, 2018), são atingidos por meio de recursos verbais mobilizados pelo orador num todo organizado.

A noção de retórica como discurso persuasivo, segundo Amossy (2018), foi suplantada por uma concepção de retórica como “arte de bem dizer”. Tal situação foi acarretada pela redução das cinco partes da retórica a apenas uma, a questão do estilo, cuja “culpa” se atribui a Petrus Ramus, que dissociou o raciocínio dialético e a retórica (Amossy, 2018). A retórica clássica fundamentava-se nas seguintes partes (Amossy, 2018): *inventio* (a busca de materiais a serem usados no discurso), *dispositio* (a organização desses materiais no discurso), *elocutio* (a questão do estilo), *memoria* (a memorização do discurso) e *actio* (exercício da palavra pública, incidindo sobre voz e gesto). Note-se que a última parte considerava outros elementos que não apenas o material linguístico do discurso, mas perdeu-se, segundo Amossy (2018), junto com a *memoria*, devido ao papel mais reduzido que o exercício da palavra pública foi adquirindo na sociedade.

Dessa forma, a retórica, principalmente a partir da Idade Média, ficou restrita à questão do estilo, notadamente às figuras de linguagem, ideia que persistiu nos tratados de figuras e, depois, nos estudos apenas de metáfora e metonímia (Amossy, 2018). De acordo com Reboul (2008) e Amossy (2018), essa visão da retórica como questão de estilo fez que vários autores, como Barthes, Jakobson, o Grupo μ^3 , Genette etc., restringissem a retórica ao domínio da literatura e da poética – e, mais uma vez, ao domínio do verbal, mas, nesses casos citados, restrito apenas a esse campo da linguagem.

Progressivamente, o sentido de “retórica” sofreu uma negatização e foi visto com desconfiança, como uma arte que apenas “ornamenta” o discurso com figuras, floreios, segundo observa Reboul (2004), em detrimento de seu conteúdo racional – do *logos*, que, para os retóricos mais tradicionais, constitui o cerne da argumentação, mais do que as emoções suscitadas ou a imagem de si do orador. Parte dessa visão negativa acerca dessa disciplina, explica Meyer (2007), deu-se também pelo objeto da retórica não

³ O Grupo μ , inclusive, propõe, em 1992, o *Traité du signe visuel* (Tratado do signo visual), um tratado de retórica visual que entende *retórica* como estudo de figuras de linguagem, que poderiam ser aplicadas também às imagens.

ter tido bons contornos desde seu início e pelo fato de, ao longo do tempo, suas três dimensões principais – orador, auditório e uma mídia (uma linguagem) por meio da qual o orador tenta persuadir o auditório – terem sido separadas nas diversas abordagens retóricas, em vez de terem sido tratadas de forma unificada.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), Reboul (2004) e Plantin (2008) também contam que o prestígio que adquiriu o pensamento racional, científico e objetivo oriundo de Descartes contribuiu para a deslegitimação da retórica. Para Descartes (e para todo o pensamento ocidental influenciado por ele até hoje), não seria racional o pensamento que não pudesse ser objeto de demonstração em uma investigação puramente formal – portanto, o pensamento *verossímil* (ou seja, o raciocínio retórico) é deslegitimado (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996).

Com a obra “Tratado da argumentação: a nova retórica”, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) rompem com as retóricas restritas à classificação e à análise de figuras (AMOSSY, 2018) e se posicionam contra o pensamento puramente analítico e lógico cartesiano, típico da matemática. Parece ser consenso entre grandes pesquisadores da argumentação, como Amossy (2018), Reboul (2004) e Plantin (2008), que foi a Nova Retórica que devolveu legitimidade ao raciocínio baseado no provável, no verossímil, no que é objeto de questionamento. De fato, esse foi um grande passo dado na teoria da argumentação para dar conta de outros tipos de raciocínio, principalmente aqueles da comunicação cotidiana, em língua natural, fora de um sistema fechado, que é típico da lógica e da matemática, em que se procura demonstrar o que é evidente. A argumentação, ao contrário, não trabalha sobre o que é evidente, porque o que é evidente não precisa de prova (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996), mas sobre o verossímil. Como afirma Meyer (2007), há questões da vida prática que não oferecem certeza, mas nem por isso devem ser excluídas do campo da razão.

Com efeito, ao legitimar novamente a retórica, os autores definem o objeto da teoria da argumentação como “o estudo das **técnicas discursivas** que permitem *provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento*” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 4, negrito nosso), e a Nova Retórica “só versará sobre *recursos discursivos* para se obter a adesão dos espíritos: apenas a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e para convencer será examinada a seguir” (p. 8). Dessa forma, na Nova Retórica, qualquer uso que visa a obter a adesão e não se

baseia na linguagem (isto é, na língua) está fora do estudo da argumentação – por exemplo, quem convence pelo exemplo sem falar nada e aquele que utiliza o afago e o tapa. A nova retórica só recorre a esses exemplos quando a linguagem os evidenciar, quer se recorra a promessas ou a ameaças (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996).

Ao delimitar o escopo da argumentação como o estudo das técnicas discursivas, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) afirmam que também deixam de lado as numerosas técnicas que a propaganda, por exemplo, usa para condicionar o auditório. Provavelmente, os autores se referem a elementos não linguísticos aos quais a publicidade recorre para convencer seu auditório a comprar produtos e aderir a ideias e comportamentos, como imagens, cores, músicas, ou mesmo a disposição de produtos, a mobilização de emoções – todas técnicas “extralinguísticas” pelas quais a publicidade é conhecida. Dessa forma, o esforço louvável dos autores da Nova Retórica em retomar como objeto da argumentação questões da vida prática em diversas esferas, infelizmente, não contemplou outros meios languageiros de persuasão, o que é compreensível, pelo grande prestígio que a língua, vista como o meio legítimo de veiculação do pensamento, adquiriu na sociedade.

Dentre aqueles textos que retomam e avançam os estudos aristotélicos e perelmanianos, encontra-se a conhecida obra “Introdução à retórica”, de Olivier Reboul (2004), para quem a retórica é a “arte de persuadir pelo discurso” (p. XIV), entendendo *discurso* como “toda produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou por uma sequência de frases, que tenha começo e fim e apresente certa unidade de sentido” (p. XIV) e *persuadir* como “levar alguém a crer em alguma coisa” (p. XV). Todo o panorama apresentado pelo autor sobre a retórica, portanto, é contado a partir dessa perspectiva centrada no verbal, levando-o explicitamente a considerar que uma retórica da imagem (em referência ao texto de Barthes de 1964, *La rhétorique de l’image*⁴), uma retórica da propaganda e uma retórica da poética (como fizeram Jakobson e o Grupo μ) são “estilhaçamentos” do pensamento retórico, porque são impróprios para produzir argumentação, mas notáveis para amplificar *ethos* e *pathos*. Fica evidente que o que Reboul considera como um “verdadeiro” pensamento retórico é aquele centrado no *logos*, no raciocínio verbal, o que o faz enaltecer o investimento da Nova Retórica nas técnicas argumentativas discursivas.

⁴ Esse texto traduzido pode ser encontrado em Barthes (1990).

Uma última definição (mas não menos importante) que se baseia na retórica antiga e na Nova Retórica vale a pena ser mencionada: a definição de argumentação da Análise da Argumentação no Discurso (AAD), desenvolvida por Amossy (2018). Ela propõe uma ampliação da definição de Perelman e Olbrechts-Tyteca e define argumentação como

os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus interlocutores, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema (Amossy, 2018, p. 47, grifo nosso).

Com sua definição e sua abordagem, Amossy se posiciona como uma analista da argumentação no discurso que examina os discursos em situação – que inegavelmente recorrem a outros modos que não apenas a língua –, mas não há categorias de análise para outros modos semióticos na AAD. A autora até reconhece que a imagem de si, o *ethos*, de um locutor transita entre modalidades, revelando-se no visual e no verbal (Amossy, 2014), mas não se dedica sistematicamente a outras materialidades. Em Linguística Textual, todas essas materialidades, quer sejam verbais, quer sejam não verbais, são empregadas como estratégias de textualização e têm finalidade persuasiva.

Como essa abordagem foi incorporada aos estudos em Linguística Textual, que adéquam a definição de Amossy a seus pressupostos teóricos, iremos examiná-la na próxima subseção. Mesmo que Amossy focalize meios verbais de persuasão, acreditamos que alguns de seus conceitos podem ser apreendidos por outros modos semióticos.

2.2 A Análise da Argumentação no Discurso

Ruth Amossy desenvolve um projeto de integrar a argumentação retórica, de base aristotélica e perelmaniana, à análise do discurso de linha francesa⁵, lugar teórico do qual fala. A autora argumenta que todo discurso⁶ visa produzir um impacto sobre seu

⁵ Ela se alinha principalmente à Maingueneau (1991), para quem a análise do discurso é a investigação do dispositivo de enunciação que liga uma organização textual a um lugar social determinado (*apud* Amossy, 2016).

⁶ Para a Análise do Discurso praticada por Maingueneau (2015), o discurso refere-se tanto a um objeto empírico, um enunciado efetivamente produzido (como quando se diz “aquele discurso foi machista”), quanto a algo que transcende todo ato de comunicação (como quando se diz “o homem é submetido ao discurso”).

público, fazendo-o tanto aderir a uma tese, situação em que o discurso possui uma **visada argumentativa**, quanto a modificar a orientação dos modos de ver e de sentir, situação em que o discurso possui uma **dimensão argumentativa** (Amossy, 2018). Essas duas situações são fundamentais para compreender o projeto da *análise argumentativa* – uma das formas de a autora se referir a sua proposta teórica.

Um dos problemas enfrentados por Amossy, em sua formulação, foi conciliar o fato de as teorias retóricas serem bastante dotadas de intencionalidade, pouco sensíveis às determinações sociais e às relações de poder, algo caro à análise do discurso (Amossy, 2016). Ela observa que foi Maingueneau (1991 *apud* Amossy, 2016) o primeiro⁷ a tentar pensar a argumentação dentro de um quadro da análise do discurso, apesar de não ter dado prosseguimento a essa empreitada.

Para o autor, a análise de qualquer esquema de argumento em si mesmo fica aquém da real complexidade do discurso, porque tal estrutura só faz sentido no interior de uma rede interdiscursiva e dentro de um contexto comunicacional. Portanto, a análise dos argumentos e da organização de um raciocínio deve ser tomada tendo em vista, além de sua reconstrução, “os procedimentos materiais de colocar em discurso (os quais os teóricos da argumentação negligenciam)” (Amossy, 2016, p. 171) para ser possível explicar as diferentes modalidades de tentativa de influenciar o outro.

Nesse sentido de considerar o funcionamento do discurso em uso, Amossy (2018) propõe uma perspectiva de argumentação que tem por objetivo analisar o funcionamento da comunicação humana como fenômeno linguageiro, cognitivo e sociopolítico, de forma analítica e descritiva, e não normativa:

Pode-se falar de processo “descritivo” no sentido de que se trata de considerar uma dinâmica em sua própria complexidade sem confrontá-la com a norma ideal: “descritivo” toma aqui o seu sentido em oposição a “normativo”. Mas se trata, antes de tudo, de uma prática analítica. (Amossy, 2016, p. 177).

A pesquisadora coloca a análise argumentativa alinhada às teorias que desejam esclarecer os fenômenos do mundo da linguagem tal como ocorrem, buscando evidenciar suas regularidades por meio de estudos de casos concretos. Assim, distancia-

⁷ Antes de Maingueneau, Haquira Osakabe, já em 1979 no Brasil, publicou o livro *Argumentação e discurso político*, aliando noções de análise de discurso e retórica, mas infelizmente não tivemos acesso à obra.

se de abordagens normativas, como a Pragmadialética⁸; da argumentação da língua, de Ducrot; e de uma retórica figural, como a do Grupo μ .

O projeto da análise argumentativa da autora tenciona ampliar o escopo das teorias da argumentação e da retórica. Amossy (2018) reflete sobre as distinções que são feitas entre o termo *argumentação* – por vezes visto como o discurso racional, ou visto como a observação de uma questão a partir da oposição das respostas que lhe são produzidas – e *retórica* – por vezes vista como o discurso cativante, manipulador, ou como a exposição de uma questão como se ela já estivesse resolvida (MEYER, 2007). Por vezes também se distingue entre *dialética* como o confronto regulado de teses, em forma de diálogo, em busca de um consenso, e *retórica* como “discurso endereçado a um público amplo em busca de um consenso orientado para uma finalidade prática” (AMOSSY, 2018, p. 10).

Amossy, entretanto, não diferencia esses termos porque, na prática linguageira, por vezes é indissociável o discurso como (a) fazer ver, crer e sentir e (b) fazer questionar, refletir, debater. Por isso, a AAD corre o risco de englobar domínios frequentemente separados para dar conta, no mesmo campo de estudo, de todas “as modalidades segundo as quais a fala tenta agir no espaço social” (AMOSSY, 2018, p. 10 e 11).

É por isso que a autora insiste sobre a virtude de a análise argumentativa explorar tanto a visada quanto a dimensão argumentativa, isto é, tanto discursos de projeto argumentativo confesso (os debates eleitorais, as audiências judiciais, os editoriais de revistas) como aqueles que orientam simplesmente o olhar para determinada questão (um romance, uma carta, uma notícia). Esse conjunto bastante amplo de situações que a AAD pode analisar é colocado não em duas categorias discretas (o argumentativo *versus* o não argumentativo), mas num *continuum* para o qual Amossy (2008) elabora o conceito de **modalidades argumentativas**.

Uma modalidade é um tipo de troca argumentativa que modela a forma como a argumentação funciona num quadro tanto dialogal quanto dialógico e que atravessa os gêneros do discurso (Amossy, 2018) – isto é, uma mesma modalidade argumentativa pode ser observada em gêneros diferentes. Tal definição tem a vantagem de conceber a

⁸ Ela se refere às primeiras formulações de Franz van Eemeren e Rob Grootendorst em *Speech acts in argumentative discussions* (1984).

argumentação como algo modular, como um *continuum* que vai da coconstrução de respostas ao choque de teses antagônicas⁹ (AMOSSY, 2017).

Em outro texto, Amossy (2018) ressalta que um dos polos desse *continuum* inclui aqueles discursos de caráter informativo que parecem neutralizar-se e disfarçar tendências persuasivas. Nesse sentido, eles possuem mais uma dimensão argumentativa do que uma visada, porque, mesmo que não apresentem uma tese, não deixam de orientar o olhar do interlocutor a determinadas conclusões e de conferir um sentido particular à questão trabalhada nesse tipo de modalidade. Os textos que selecionamos para constituir nosso *corpus* se enquadram nessa modalidade¹⁰, tendo em vista que se apresentam como informativos por um enunciador institucional de um veículo de comunicação, mas, certamente, não deixam de usar estratégias persuasivas para fazer ver determinada questão e orientar as pessoas para certos pontos de vista, utilizando para isso, inclusive, outros modos semióticos. A título de ilustração, observe-se a figura a seguir.

Figura 1 – Texto de dimensão argumentativa



Fonte: Perfil @Estadao na rede social X (antigo Twitter). Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/Estadao/status/1380296144878624773>. Acesso em: 26 out. 2023.

⁹ A questão do choque de teses antagônicas pode ser vista melhor em “Apologia da polêmica” (AMOSSY, 2017), em que a autora justifica por que incluir a polêmica no estudo da argumentação.

¹⁰ Vale salientar que essa modalidade não é descrita pela autora no texto de 2008, “As modalidades argumentativas do discurso”, mas é mencionada na obra “A argumentação no discurso”, de 2018 (ano da edição brasileira; o texto é, na verdade, cronologicamente anterior ao capítulo sobre as modalidades).

O interlocutor que se depara com esse enunciado o reconhece como um texto da esfera jornalística, pois é enunciado pelo jornal Estadão, um dos mais conhecidos nacionalmente, e descreve um fato: 4.190 vidas foram perdidas para a covid-19 em 24 horas. Tem-se também um link que direciona o usuário da rede social X para o site do Estadão, em que se lê a notícia completa, e uma imagem de uma equipe de pessoas paramentadas com equipamento de proteção individual (EPI) para realizar um enterro.

Ao mesmo tempo em que, realmente, o Estadão descreve um fato, não podemos deixar de notar o caráter persuasivo da chamada: a fotografia de um enterro logo nos chama a atenção, devido ao fato de a situação representada despertar, na nossa sociedade, sentimentos de tristeza e luto. Também chama atenção o número alto de “VIDAS PERDIDAS PARA A COVID”, em caixa alta, para fazer o leitor atentar para uma situação que o jornal deseja mostrar como séria. É nesse sentido que Amossy afirma que mesmo textos que não se destinam a convencer alguém de algo explicitamente não deixam de guiar o sujeito para certos pontos de vista, para certas maneiras de ver o mundo: a chamada nos guia para concluir que a situação da pandemia seria séria e despertaria o luto.

Apesar de possuir um escopo bastante amplo de análise, Amossy (2018) destaca que a AAD se dedica a discursos que apresentam pelo menos duas visões previstas sobre o mesmo assunto, já que “não se argumenta sobre aquilo que é evidente” (p. 42). Porém, não há necessidade de a questão retórica ou as respostas antagônicas serem formuladas, podendo permanecer tácitas.

Isso se dá porque a análise argumentativa incorpora a ideia de Bakhtin de que toda enunciação é uma resposta a alguma coisa, é um elo na cadeia dos atos de fala, antecipando até mesmo as respostas que virão. O fato de o discurso surgir no interior de um campo discursivo já preexistente faz que ele responda “necessariamente a indagações que perseguem o pensamento contemporâneo e torna-se objeto tanto de controvérsias em sua forma plena como de discussões atenuadas” (Amossy, 2018, p. 42). Por exemplo, pensando no contexto da figura 1, houve pessoas defendendo que a pandemia de covid-19 era, de fato, algo sério, mas houve também aqueles que defendiam que esses números altos de mortes não eram necessariamente ocasionados pela covid-19, ou que o vírus, em si, não era tão fatal assim.

Ainda como forma de delimitar a AAD, Amossy (2018) destaca que esta é uma abordagem:

- a) **linguageira:** a argumentação se constrói pelo acionamento dos vários níveis que a linguagem oferece, como escolhas lexicais, encadeamentos dos enunciados, conectores, marcas de implícito etc., e não se reduz a uma série de operações lógicas e processos mentais. Além das estratégias no nível da língua, acrescentaríamos, ainda, as estratégias de outras semioses, como a visual: escolha de planos, enquadramentos, cores, ângulos etc. (como será visto no capítulo 3).
- b) **comunicacional:** a argumentação só pode ser compreendida em uma situação de interlocução, já que ela visa a um auditório, e não pode ser dissociada da situação de comunicação em que deve produzir seu efeito.
- c) **dialógica:** a argumentação intervém num espaço já estabelecido por outros discursos e age sobre esse espaço, participando de uma confrontação de pontos de vista (mesmo que estejam implícitos). Ela deve-se adaptar ao seu alocutário, mesmo que seja uma interação virtual.
- d) **genérica:** a argumentação sempre está inscrita num gênero e num tipo de discurso. O gênero determina finalidades, quadros de enunciação e distribuição prévia de papéis, o que o mantém em relação com a sociedade que o institucionaliza.
- e) **figural:** as figuras de estilo exercem um papel sobre o alocutário e são vistas por meio de sua abordagem persuasiva.
- f) **textual:** Amossy (2018, p. 41) entende o texto como um “conjunto coerente de enunciados que formam um todo” (p. 41) e considera que “A argumentação deve ser estudada no nível de sua construção textual, a partir dos procedimentos de ligação que comandam seu desenvolvimento” (p. 41).

Essas diretrizes, então, guiam a proposta teórica de Amossy, de forma que mesmo as categorias de abordagens das quais ela se distancia, de alguma forma, são integradas no quadro da AAD, tendo em vista principalmente esses seis pressupostos apresentados. Por exemplo, as questões sobre os esquemas de argumentos, os silogismos, os entimemas, os conectores e as figuras são todas analisadas por Amossy (2018) sempre

tendo em vista a situação de comunicação em que ocorrem, o dispositivo de comunicação acionado para o discurso, os papéis sociais dos parceiros da comunicação, o interdiscurso que atravessa o texto etc. É nesse sentido que a análise argumentativa

explora o *logos*, o *ethos* e o *pathos* graças aos instrumentos elaborados pelas ciências da linguagem contemporâneas: a linguística da enunciação, a pragmática, a argumentação na língua, o estudo das interações verbais etc. (Amossy, 2016, p. 174).

Muito se poderia ainda comentar sobre a proposta de Amossy, mas gostaríamos de destacar, por fim, o lugar que têm os **fundamentos da argumentação** em sua teoria. Após refletir sobre como a análise argumentativa deve tratar o orador e o auditório em seu quadro, inclusive tocando na questão do *ethos* conforme integrado à análise do discurso, Amossy (2018) se dedica à questão da *doxa*. A *doxa* ou opinião comum é destacada pela retórica como essencial na arte persuasiva, porque o orador se apoia em um conjunto de lugares comuns para fazer seu auditório aderir a uma tese. É no espaço de opiniões comuns, crenças coletivas, saberes compartilhados e representações sociais que Amossy destaca que se deve dar a argumentação.

Para abordar essa questão, Amossy (2018) divide a questão da *doxa* em duas categorias: de um lado, a opinião comum pode ser vista nos **conjuntos discursivos** que a contêm, como o discurso social ou o interdiscurso; de outro lado, a argumentação tem como fundamento **formas lógico-discursivas** em que emergem as opiniões comuns, como os *topoi*, os lugares comuns, as ideias preconcebidas, os estereótipos.

Observar elementos dóxicos, para descrever o modo como a argumentação se inscreve no discurso, deve levar em consideração que a *doxa* é vista, desde as retóricas antigas, como parte do domínio do plausível, do provável, e não do verdadeiro – porque as concepções do que é verdadeiro e real, obviamente, variam entre as pessoas segundo suas visões de mundo, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Além disso, Amossy (2018) afirma que orador e auditório são tributários das representações coletivas e das evidências que estão subjacentes ao discurso e as absorvem, muitas vezes, sem se dar conta, de maneira inconsciente. A argumentação é “enraizada em uma *doxa* que atravessa inconscientemente o sujeito falante, que a ignora porque está profundamente imerso nessa argumentação” (p. 112). A intencionalidade do sujeito que argumenta, então, é tributária desse conjunto dóxico que o condiciona e é modelada até o seu centro.

Então, para apreender esses elementos, o analista da argumentação no discurso pode usar o conceito de *interdiscurso*, que Maingueneau (1996 *apud* Amossy, 2018) define como o conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação, podendo ser um conjunto construído pelo analista segundo o tipo de relação que se privilegia, por exemplo, observando os discursos citados, os discursos anteriores de mesmo gênero, os discursos contemporâneos de outros gêneros etc. Amossy (2018, p. 118) deseja utilizar esse conceito para se referir “à disseminação e à circulação dos elementos dóxicos em discursos de todos os tipos”, e tal observação de elementos dóxicos e do interdiscurso permite marcar em que medida a interação argumentativa é tributária de um saber compartilhado e de um espaço discursivo.

O exame da *doxa* também parte da observação de formas lógico-discursivas. Estas inevitavelmente remetem à noção de lugar-comum, que, em Aristóteles, se define como um *topos* (plural *topoi*), um esquema sem conteúdo determinado que modela a argumentação. Utilizando os *topoi* como modelos lógico-discursivos, pode-se adaptar o seu esquema a inúmeras situações, como o lugar do “mais e do menos”, traduzido sob a forma “o que vale para o menos, deve valer para o mais”. Por exemplo, Amossy (2018) cita que, no discurso coloquial, pode-se ouvir o argumento “se você dedica tanto tempo ajudando vizinhos, pode dedicar tempo a sua família [que tem *mais* importância do que os vizinhos]”. Esses esquemas, apesar de terem mais a ver com uma relação formal do que com um saber compartilhado, também têm um caráter dóxico na medida em que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), pode-se valorizar um tipo de lugar em determinada época e recusar outros¹¹.

Além disso, Amossy (2018) procura reinserir a análise de silogismos e entimemas, que são formas lógico-discursivas, na argumentação retórica. O silogismo, segundo Aristóteles (1990 *apud* AMOSSY, p. 139), é um discurso no qual, estando colocadas algumas coisas, outra coisa diferente delas resulta necessariamente, pelas coisas mesmas que são colocadas. Sabemos do que fala Aristóteles quando observamos este raciocínio conhecido:

- Todos os homens são mortais (premissa maior);
- Sócrates é um homem (premissa menor);

¹¹ Os autores dão o exemplo de que, na época clássica, valorizava-se aquilo que é duradouro; já na época romântica, em oposição, o que era passageiro era considerado de mais valor.

- Logo, Sócrates é mortal (conclusão).

Esse tipo de raciocínio parte de uma constatação mais geral, advinda de lugares-comuns (a premissa maior), e de uma constatação de um caso específico (a premissa menor) para chegar a uma conclusão que deriva da observação das duas premissas. Além do silogismo, há o entimema, que nos interessa particularmente nesta pesquisa. Este é definido por Aristóteles (2010) define como um tipo de silogismo, uma forma de reconstrução de um raciocínio “lacunar”, isto é, no qual os elementos não estão todos presentes. O entimema é considerado como uma forma mais corrente que o silogismo (Amossy, 2018) e é dotado de uma eficácia muitas vezes maior, por ser fundado no uso do implícito (Amossy, 2018; Aristóteles, 2010; Plantin, 2008). Assim, não é necessário explicitar uma de suas partes justamente por ser conhecida, pois o interlocutor a completa. Essa ideia é retomada e aplicada às imagens, como será visto no próximo subitem.

Amossy (2018) não vê impedimento para a reinserção desse tipo de análise na argumentação retórica. Apesar de parecer uma prática redutora, pois se corre o risco de extrair proposições do texto, ignorando marcas de avaliação, marcas de discurso relatado, ironias etc., deve-se partir sempre do dispositivo de enunciação e dos dados textuais-discursivos. Como toda categoria que é incorporada à análise argumentativa, o exame dos conjuntos discursivos e das formas lógico-discursivas deve levar em consideração o contexto em que o discurso é enunciado, quem enunciou e para quem, segundo que modalidade de argumentação, organizando seu discurso de que forma. Só assim esse tipo de análise adquire legitimidade dentro de sua teoria.

O interesse da Linguística Textual na formulação de Amossy está justamente no exame global da atividade argumentativa considerando uma descrição dos elementos contextuais e discursivos que perpassam os textos, de forma que uma gama muito ampla de situações pode ser analisada segundo elementos bastante distintos.

À parte do conceito de texto e discurso e dos objetivos de cada disciplina, a LT pode se servir dos pressupostos da AAD para ampliar sua capacidade analítica, principalmente sobre a dimensão argumentativa, que autoriza uma análise argumentativa em textos que mais orientam as maneiras de ver e sentir, sem apresentar uma tese explícita. Mas, além de integrar a dimensão argumentativa nos textos, também podemos contribuir com nossos critérios de análise para examinar como, por exemplo, os saberes

compartilhados, as formas, os estereótipos são textualizados, são organizados num todo, que é uma unidade de comunicação e de coerência em contexto. Vale ressaltar que uma pesquisa como a nossa, ao investigar estratégias argumentativas, examina-as com os critérios delineados pela LT, como os processos referenciais, que ocupam um lugar central na análise, por poder relacionar quase todos os demais critérios.

Além disso, a Linguística Textual admite a análise de outras semioses, além da verbal, porque os critérios textuais não se restringem à materialidade, mas observam sua relação com o contexto, com a cognição distribuída, com o discurso, já que texto não é o mesmo que materialidade, mas sim uma unidade de comunicação e de coerência em contexto – e essa unidade, quando observamos interações reais, não é estritamente verbal. É este reconhecimento da relevância da participação de outros sistemas semióticos na negociação dos sentidos do texto que nos interessa de perto nesta investigação.

Nas próximas linhas, discorreremos acerca de um campo da argumentação que nos interessa particularmente, por considerar a importância de outros modos, além do verbal, para a compreensão da persuasão.

2.3 Argumentação multimodal

A necessidade teórica e analítica para o estudo de uma argumentação que não se apoie em meios apenas verbais tem sido percebida por diferentes abordagens argumentativas, não sem alguma resistência. Principalmente disciplinas que se orientem para examinar a persuasão que se dá no raciocínio cotidiano, em situações concretas, devem levar em conta o que realmente acontece quando os sujeitos se influenciam por meio da linguagem. Como a comunicação humana se dá por textos multimodais (Tseronis, 2018), essas teorias devem poder descrever, analisar, avaliar, interpretar a argumentação que se dá nessa comunicação multimodal.

As primeiras investigações sobre a relação entre persuasão e imagem, observa Gonçalves-Segundo (2021), foram realizadas de um ponto de vista retórico por Barthes em 1964, no ensaio intitulado “A retórica da imagem”, e por Durand, no ensaio *Rhétorique et image publicitaire* (Retórica e imagem publicitária) de 1970, os quais, segundo Kjeldsen (2018), representavam uma tradição estruturalista semiótica. No entanto, apenas a partir da década de 1990, começa a haver estudos sistemáticos sobre

argumentação visual ou multimodal, a partir de diferentes disciplinas ou teorias orientadas para o estudo da argumentação.

Segundo Kjeldsen (2015b), o ano de 1996 marcou o início desses estudos sistemáticos em argumentação multimodal. Naquele ano, foi publicado o ensaio “*Logic, Art and Argumentation*” (Lógica, arte e argumentação), de Leo Groarke, na revista *Informal Logic*, em que o autor defende que imagens podem constituir argumentos tanto quanto palavras e sentenças. Também em 1996, Groake e David Birdsell coeditaram um volume duplo especial na revista *Argumentation and Advocacy* (Argumentação e Advocacia) sobre argumentação visual, no qual se incluiu um artigo intitulado “*The possibility and Actuality of Visual Arguments*” (A possibilidade e realidade de argumentos visuais), de J. Anthony Blair, cuja conclusão mais significativa é de que um argumento é uma entidade proposicional, que pode ser expressa verbal ou visualmente (ou por outros meios), o que não impede, conseqüentemente, a existência de argumentos visuais. Além disso, em 1996 foi publicado um texto chamado “*The construction of claims in visual argumentation*” (A construção de declarações na argumentação visual), de Gail J. Chrysee, Sonja K. Foss e Arthur L. Ranney, que atestaram que nenhum conhecimento produzido nas teorias da argumentação era aplicável à argumentação visual devido às diferenças das propriedades de imagens e símbolos discursivos (*apud* Kjeldsen, 2015b).

Depois desse início, o campo da argumentação multimodal tem crescido, orientado para responder a diferentes questões teóricas e metodológicas, abordado por diferentes disciplinas da argumentação, fornecendo conceitos, ferramentas analíticas, defesas da argumentação multimodal e reflexões interessantes. Kjeldsen (2015b) observa que os pontos de partida teórico-metodológicos para esse estudo são diversos, com teorias e métodos de grande variedade. Tanto Kjeldsen (2015b) quanto Gonçalves-Segundo (2021) mencionam as abordagens da Lógica Informal, da Retórica e da Pragmadialética como algumas das mais consolidadas na contemporaneidade, tendo em comum “o fato de reconhecerem a possibilidade de existir uma argumentação visual (ou multimodal) e de ser possível construir uma teoria ou um modelo de análise condizente com a natureza de tal objeto” (Gonçalves-Segundo, 2021, p. 75).

Como bem observa Gonçalves-Segundo (2021), essas três abordagens possuem semelhanças quanto ao seu foco de trabalho, na medida em que se aproximam ao realizar um exame da divisão de trabalho entre as diferentes modalidades semióticas,

e em relação ao seu arsenal metodológico, ao trabalhar com a descrição e a interpretação de dados empíricos derivados de textos efetivamente produzidos. No entanto, observa o autor, como é de se esperar, cada abordagem trilha diferentes caminhos tanto em relação ao foco de trabalho, quanto ao arsenal metodológico e à incorporação de ferramentas semióticas nas análises. A seguir, um breve comentário sobre cada uma das três abordagens.

a) **Lógica Informal:** tem Groarke (2019) como um de seus principais representantes. Nela, o estudo das funções de cada modo semiótico se detém na estrutura e no raciocínio argumentativos, buscando fazer a reconstrução dos raciocínios que subjazem à argumentação analisada. Ao proceder dessa forma, por um lado, evita-se a redução do visual ao verbal¹² e, por outro, foca-se naquilo que é representado na imagem (relegando aspectos estilísticos a segundo plano), tendo-se uma menor fidelidade ao contexto da enunciação de fato (Gonçalves-Segundo, 2021). Essa abordagem, em comparação com as outras, de acordo com Gonçalves-Segundo (2021), não incorpora categorias de análise oriundas de arcabouços semióticos.

b) **Retórica:** seu representante contemporâneo destacado por Gonçalves-Segundo é Jens Kjeldsen, que trabalha examinando o potencial persuasivo das modalidades semióticas, considerando o processo de “condensação simbólica”, conceito utilizado por Kjeldsen (2015a, 2016, 2018) que significa a capacidade de a imagem veicular diferentes ideias e sensações de forma muito instantânea na percepção, de onde retira seu potencial persuasivo. Essa abordagem ressalta a importância do contexto e da cognição na interpretação da argumentação, dando destaque ao auditório, o que leva Kjeldsen a desenvolver estudos de recepção (Kjeldsen, 2021). Gonçalves-Segundo (2021) observa que essa Retórica valoriza a incorporação de ferramentas oriundas de arcabouços semióticos.

c) **Pragmadialética:** o autor citado por Gonçalves-Segundo é Assimakis Tseronis, cuja principal diferença das outras abordagens é a incorporação sistemática de categorias semióticas, em especial da Semiótica Social, cuja visão de

¹² Quando se fala em “reduzir o visual ao verbal”, quer-se dizer que, em muitas análises, os pesquisadores apenas descrevem o que veem na imagem – as pessoas presentes, por exemplo, ou uma espécie de cena que ocorre –, sem considerar questões específicas desse modo semiótico, como enquadramento, primeiro e segundo plano, cores, layout etc.

multimodalidade é assumida pelo autor (Tseronis, 2018). De fato, o autor, além de observar o caráter contudístico das imagens com finalidade argumentativa, alega que questões de estilo e de forma e propriedades como cores, layout, texturas, enquadramento, primeiro e segundo plano são fundamentais para compreender os diferentes potenciais que a imagem tem no projeto argumentativo. Essas opções são feitas em um foco de trabalho que visa examinar o papel das modalidades semióticas na resolução de uma diferença de opinião, tendo em vista sua orientação dialética (Gonçalves-Segundo, 2021). Apesar de levar em conta as restrições e as possibilidades tanto do gênero quanto do contexto – o que fazemos em LT –, a Pragmadialética possui também uma dimensão normativista, que avalia tipos de argumentos e sua boa formação, perspectiva que se distancia de nossos pressupostos teóricos.

Essas diretrizes, apresentadas brevemente, oferecem tanto aproximações como distanciamentos – principalmente na seara metodológica –, que examinaremos melhor nos próximos parágrafos ao tratarmos de alguns conceitos formulados nesse campo da argumentação, com o qual desejamos contribuir. É válido ressaltar que todas essas perspectivas da argumentação multimodal oferecem pressupostos e defesas contra críticos que consideram que a argumentação legítima seria expressa apenas por meios verbais.

Em relação às críticas, há o que Kjeldsen (2015) chama de *resistência passiva* contra a argumentação multimodal – uma resistência que parte da assunção geral de que a argumentação é um fenômeno verbal, mas que não argumenta ativamente contra as imagens (característica da *resistência ativa*¹³). Essa posição é encontrada em muitos dos trabalhos clássicos em argumentação, como Toulmin (1958 *apud* Kjeldsen, 2015b)¹⁴, para quem a conexão entre argumentação e linguagem verbal é tão estreita que as premissas e as conclusões na argumentação seguem umas às outras como as palavras se seguem na escrita e na fala.

Já a *resistência ativa* critica a possibilidade de uma argumentação visual porque as imagens seriam dependentes da linguagem verbal: uma imagem só poderia

¹³ Segundo Kjeldsen (2015b), os principais nomes que se opõem ativamente contra a argumentação visual são David Fleming, Ralph Johnson e Steven Patterson, cujos argumentos serão reproduzidos por nós.

¹⁴ TOULMIN, S. **The Uses of Arguments**. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.

desempenhar um papel na argumentação se ela fosse um suporte para as premissas verbais e se a proposição visual estivesse ancorada na linguagem verbal (Fleming, 1996¹⁵; Johnson, 2003¹⁶ *apud* Kjeldsen, 2015b). Nesse sentido, a argumentação visual seria inválida porque uma imagem não possuiria conteúdo proposicional, isto é, não poderia ser avaliada em termos de valor de verdade (verdadeiro ou falso), critério essencial às análises lógicas tradicionais. Dessa forma, na opinião desses autores, a imagem não permitiria que se discriminasse qual argumento estaria sendo formulado.

Segundo Roque (2019), a lógica tradicional – preocupada com operações racionais e formais do pensamento, com premissas necessárias, e não prováveis – tem definido argumento como um conjunto de proposições de dois tipos, *premissas* e *conclusão*, de forma que a conclusão decorre de premissas que fornecem um fundamento para a verdade da conclusão (Copi; Cohen, 2002 *apud*¹⁷ Roque, 2019). O conteúdo proposicional examinado pela lógica é, claramente, vinculado ao conteúdo de uma frase, o que faz essa concepção presumir que a linguagem verbal é a norma para a argumentação no geral. Além disso, como se sabe, uma proposição possui valor de verdade, podendo ser ou verdadeira ou falsa – algo que uma imagem, em teoria, não poderia ser, segundo os procedimentos lógicos. Patterson (2010 *apud*¹⁸ Kjeldsen, 2015b) até reconhece que as imagens podem incitar sentimentos e serem persuasivas, mas, como não carregariam conteúdo proposicional, não poderiam constituir argumentos, porque não permitem fazer o que se conhece em argumentação como *reconstrução ilativa*, a reconstrução de premissas e conclusões.

Roque (2015, 2019) argumentou contra essa crítica. Ele analisou um cartaz verbo-imagético (figura 2 a seguir) feito para protestar contra a construção de uma usina de cimento nos EUA, cuja imagem é um desenho que retrata a torre de uma usina, mas a parte superior é uma caveira (símbolo de algo tóxico, que é perigoso à saúde) expelindo fumaça.

¹⁵ FLEMING, D. Can pictures be arguments? **Argumentation and Advocacy**, v. 33, n. 1, p. 11-22, 1996.

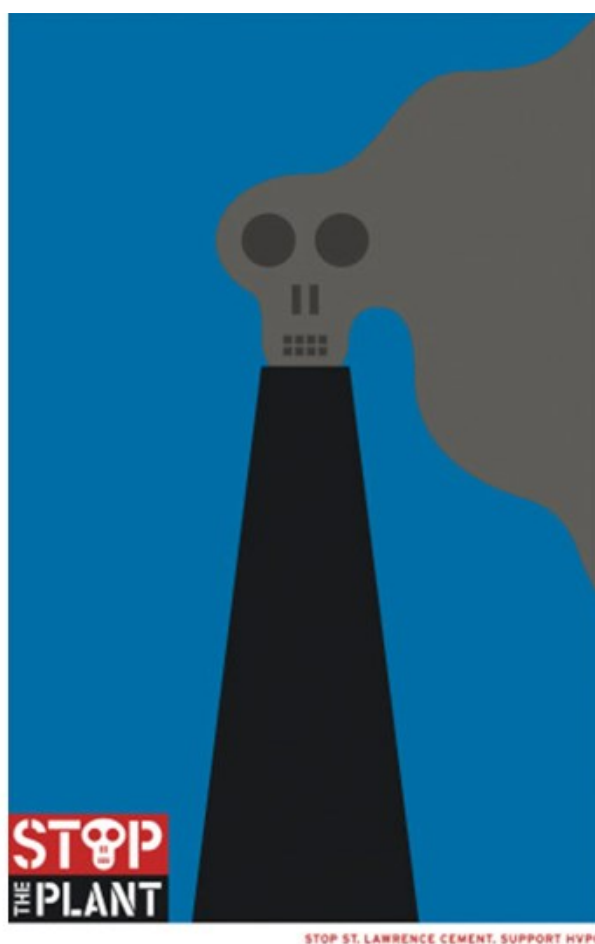
¹⁶ JOHNSON, R.H. Why “visual arguments” aren’t arguments. *In*: HANSEN, H. V.; TINDALE, C.; BLAIR, A.; JOHNSON, R. H. (Ed.) **Informal Logic at 25**: Proceedings of the Windsor conference. CD-ROM. OSSA: Windsor, ON, 2003. p. 1-13.

¹⁷ COPI, I. M.; COHEN, C. **Introduction to Logic**. 11e éd., Upper Saddle River, N.J.: Prentice Hall, 2002.

¹⁸ PATTERSON, S.W. A picture held us Captive: The later Wittgenstein on visual argumentation. **Cogency**, v. 2, n. 2, p. 105–134, 2010.

No mesmo cartaz, há uma única frase que diz “*Stop the plant*” (Pare a usina). Segundo o pensamento do autor, esse exemplo revela uma imagem que possui um conteúdo proposicional, pois é uma declaração acerca de algo, portanto, pode ser verdadeira ou falsa (A fumaça gerada pela usina faz mal para a saúde). Já a frase não seria proposicional, pois é uma ordem, que, na lógica, não possui valor de verdade (uma ordem não poderia, segundo o argumento de Roque, ser verdadeira ou falsa).

Figura 2 – Cartaz *Stop the plant*



Fonte: PIRTLE, W. *Stop the plant*. 2009. Poster (*apud* ROQUE, 2015).

A partir disso, Roque (2015) conclui que o critério proposicional não poderia estar na definição de argumento, pois a teoria da argumentação vem evoluindo na direção de se opor a uma concepção lógica. A melhor definição de argumento, para o autor, é de uma declaração (no sentido de “conclusão”) e razões fornecidas por alguém para sustentar essa declaração, seja de forma verbal ou visual. Na mesma direção, Kjeldsen (2015b) observa que nem uma imagem, nem uma sentença em si constituem o argumento, mas

são apenas meios para expressar e evocar a argumentação, que é um fenômeno cognitivo, segundo o autor.

Com base nessas discussões, que rebatem as críticas contra a existência de uma argumentação multimodal, alguns conceitos e pressupostos foram sendo desenvolvidos para compreender melhor como a persuasão se dá em interações reais. Gostaríamos de expor aqueles que nos parecem mais apropriados para se adequarem a nossa análise, que tem uma abordagem textual, mais especificamente utilizando os processos referenciais como critério analítico para evidenciar a negociação na argumentatividade dos textos. Dentre as principais ideias, gostaríamos de destacar a propriedade de condensação simbólica; a possibilidade de uma reconstrução ilativa a partir da imagem (que pode ajudar na compreensão da argumentação em textos verbo-imagéticos); bem como a necessidade da incorporação de ferramentas semióticas em uma análise da argumentação multimodal.

2.3.1 Condensação simbólica

Por *condensação simbólica*, conceito formulado por Kjeldsen, entende-se a condensação de diferentes sensações e ideias em uma representação pictórica, ou verbo-visual, de tal forma que o efeito e o sentido de uma imagem são percebidos em um único instante (Kjeldsen, 2016, 2018) – no instante mesmo da percepção. Esse potencial de condensação é o que permite que as imagens forneçam argumentos para a audiência, que participa ativamente de sua reconstrução ao recorrer a conhecimentos de mundo sobre contexto, situação e código semiótico. Esse conceito também concilia o racional e o emocional da imagem, de forma que *logos* e *pathos* estariam imbricados, e parte da força da argumentação visual residiria nesse princípio.

Kjeldsen (2016, 2018) afirma que é preciso considerar que a imagem retira sua força argumentativa tanto de sua capacidade de *representar um evento*, isto é, algo acontece na imagem – o que confere uma presença, um realismo, uma plenitude ao que é representado – quanto de *constituir um código de linguagem* – um código com regras que é partilhado por uma cultura. Essas duas características foram vistas como separadas pelas principais teorias da comunicação visual: de um lado, há aquelas de abordagem fenomenológica, que veem as imagens como um evento e que, muitas vezes, se recusam

a reconhecer que há qualquer convenção na visualidade, e, de outro lado, há aquelas de tradição semiótica, que examinam a imagem como uma linguagem codificada. Na visão de Kjeldsen, essas propriedades não podem ser separadas e se relacionam diretamente à força argumentativa da imagem, que pode evocar sentimentos (condensação emocional) e raciocínios (condensação racional).

A condensação racional é mais ligada à visão semiótica da imagem como uma linguagem codificada. Kjeldsen (2018) afirma que esse tipo é a base para a possibilidade da argumentação visual, no sentido de que fornece ideias, esquemas de argumentos que são reconstruídos pela audiência. Gonçalves-Segundo (2021) observa que essa condensação é mais ligada ao *logos*.

A condensação emocional significa que uma imagem é capaz de estimular uma resposta emocional, o que é mais conectado à visão fenomenológica da imagem como um evento – e, como nota Gonçalves-Segundo (2021), mais ligado ao *pathos*. No entanto, as emoções não são evocadas apenas pelo que vemos, mas pela *forma* como vemos. Por exemplo, Kjeldsen (2018) explica que a categoria de ponto de vista, nas imagens, como um ângulo alto ou baixo da câmera, pode evocar, respectivamente, um sentimento de que temos poder e controle ou um sentimento de que temos menos poder – categoria presente também na Gramática do Design Visual, na metafunção interacional¹⁹ (Kress; Van Leeuwen, 2021). Do ponto de vista da LT, pensamos que não é pertinente nem produtivo olhar para a condensação simbólica de maneira abstrata, sem ligá-la ao evento do texto. É por isso que nossa análise não adota inteiramente nenhuma dessas propostas e prefere utilizar partes delas que possam dialogar dentro desse posicionamento.

Dessa forma, o poder da argumentação visual residiria, em certa medida, na inseparabilidade do racional e do emocional²⁰ (Kjeldsen, 2016) – algo que também observa Amossy (2018) em relação à trama do discurso, na qual elementos emocionais e racionais são colocados lado a lado em interação, podendo-se, inclusive, reconstruir entimemas e lugares para as emoções. O mesmo se dá em textos verbo-imagéticos, como

¹⁹ Essas e outras categorias serão melhor explicadas no próximo capítulo.

²⁰ Sobre a relação entre *ethos*, *logos* e *pathos*, acreditamos que o texto manifesta as três figuras, e estas ocorrem de maneira imbricada. A escolha em focalizar uma ou outra nas análises é apenas uma forma didática e metodológica de expor um fenômeno. Assim, esta pesquisa focaliza mais estratégias do *logos*, Oliveira (2020) e Silveira (2022) examinam o *pathos* como foco – mas sem deixar de mencionar as outras figuras.

observa Roque (2019), ao analisar um cartaz de uma campanha de apelo humanitário contra a fome, em que uma fotografia de uma criança desnutrida se combina com frases que não apelam à emoção, mas fornecem informações de como doar e onde.

Figura 3 – Cartaz de apelo à ajuda humanitária



Fonte: COMITÉ français pour la campagne contre la faim. **Pour un monde solidaire**. 1976. Cartaz (*apud* Roque, 2019).

O movimento argumentativo, afirma Roque (2019), retira sua força da combinação da razão e da emoção, porque, se é bem verdade que a foto toca as emoções, ela pode também levar a uma ação racional de ajudar. Nesse sentido, dizer que a imagem pode ser emocional não é um problema na análise da argumentação multimodal.

Apesar disso, é preciso fazer uma ressalva, porque, por essas afirmações, pode-se ter a impressão de que toda imagem só poderia argumentar na medida em que tivesse um componente emocional. Groarke (1996) elucida que parte das críticas que a argumentação multimodal e visual recebe seria por causa do caráter extremamente emocional das imagens, o que as tornaria persuasivas, e não argumentativas²¹. Em primeiro lugar, mesmo que isso fosse verdade, seria um erro concluir que um instrumento de *persuasão* deve ser tratado de forma distinta de um instrumento de *convencimento* (que a lógica reconhece como o legítimo argumento), pois, na argumentação prática, observa-se que essas duas dimensões estão ligadas – como já observaram Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) e Amossy (2018).

Em segundo lugar, afirma Groarke (1996), a emoção associada às imagens, em oposição às palavras, tem sido exagerada, porque se esquece facilmente de que uma das “dificuldades” (que a análise lógica tem) em lidar com o verbal é a linguagem emocional – basta ver as discussões sobre temas como aborto, guerra nuclear, direitos LGBTQIAP+. Por outro lado, há muitas imagens que têm um significado bastante preciso, definido e não emocional, como mapas e diagramas, de forma prototípica²². De fato, Kress e van Leeuwen (2021) estabelecem que uma das modalidades de codificação visual é a “científica/tecnológica”²³, que se distingue pelo seu pragmatismo, sua utilidade para servir de “planta” (no sentido de uma planta baixa de um desenho técnico).

A figura a seguir, por exemplo, é uma imagem da planta da cidade de Fortaleza elaborada em 1875 pelo arquiteto Adolfo Herbster, como plano de modernização da capital cearense começado na década de 1850 (Farias, 2007). Como se vê, é uma imagem técnica e objetiva de como deveria ser o formato das ruas para que, na visão da administração municipal, a cidade se tornasse moderna como Paris, com ruas bem alinhadas e organizadas.

Não há, de forma evidente nessa situação, um componente emocional, apesar de a planta ter uma dimensão argumentativa: fazer a população fortalezense ver sua própria cidade como moderna, afinal, (Premissa) uma cidade que tivesse a malha urbana

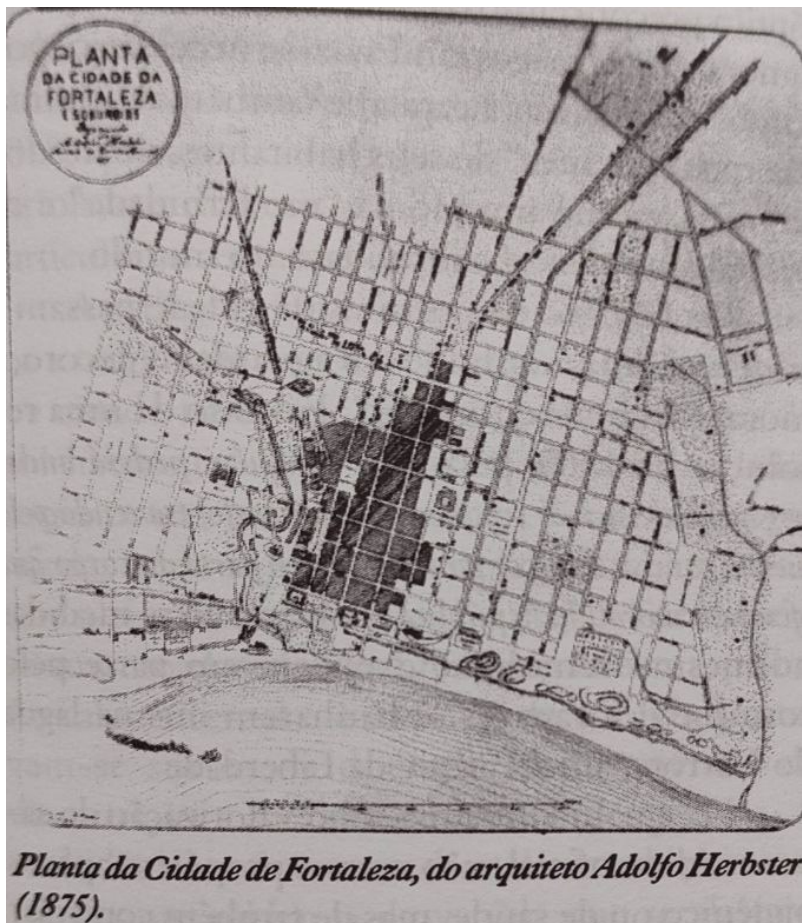
²¹ Para os partidários dessa diferença, *persuadir* estaria ligado a um componente emocional; *convencer* ou *argumentar* estaria ligado a um componente racional.

²² Pode haver contextos em que mapas, diagramas e esquemas atuam para suscitar emoções (riso, desespero, tristeza). A Figura 5 é um exemplo disso.

²³ Há outros modos de codificação que serão vistos no item 3.2.2 (Significados interativos).

de Paris (capital referência de civilização na *belle époque*) (Conclusão) seria tão moderna quanto ela, na visão da época.

Figura 4 – Planta da cidade de Fortaleza (1875)



Fonte: Farias (2007, p. 119).

A título de comparação, veja-se um poema escrito por uma cearense da mesma época, Emília de Freitas, louvando a libertação dos escravizados feita no estado, a primeira do Brasil.

Libertação da província do Ceará

Graças aos Céus, eu vivi
Até a hora em que vi
Minha terra triunfar!
Pasmada de tanta glória!

Nesta estupenda victoria
Minh'alma julga sonhar!

Ao romper d'esta alvorada,
A natureza modada
Apparece á todos nós!
Em tudo prazer estampa!
Vai até á fria campa
Despertar nossos avós! [...]
(Freitas, 1891)

Vê-se, nitidamente, que a modalidade escrita da língua é usada para apelar ao emocional do leitor, fazendo-o aderir ao posicionamento de que a emancipação dos escravizados na província do Ceará representou um triunfo e uma vitória. Parece não haver, *a priori*, uma correspondência direta entre língua e razão; imagem e emoção.

Outra consideração sobre a condensação simbólica é que ela parece suprir a falta de clareza nas unidades da imagem e uma sintaxe inequívoca que coordene essas unidades, cabendo à audiência apelar para conhecimentos contextuais, situacionais e procedurais (Kjeldsen, 2018). Portanto, a condensação simbólica permite que as imagens performem um ato argumentativo porque podem oferecer um *processo retórico entimemático*, em que algo que é omitido ou condensado é reconstruído pela audiência com seus conhecimentos (Kjeldsen, 2015a).

Os pressupostos que Kjeldsen assume em relação à condensação simbólica e à importância da audiência e do contexto no processo de compreensão da argumentação multimodal, observa Gonçalves-Segundo (2021), é o que faz o autor defender que uma abordagem metodológica deve operar com a descrição de enunciados retóricos, análise contextual e estudos de recepção. De fato, em um estudo feito por ele em 2015, o autor procede realizando uma reconstrução das premissas e da conclusão da imagem analisada, recorrendo a inferências contextuais e ao código semiótico visual (como a significação de um estilo de fonte). O autor realiza uma entrevista em um grupo focal para confirmar sua interpretação.

Na opinião de Kjeldsen (2018, 2021), a retórica deve levar em conta o orador, a audiência e o artefato comunicativo – que ele entende como “texto”. Ao compreender que o texto é a materialidade (não explicitamente, mas podemos inferir em suas observações), isolada do contexto e dos sujeitos da comunicação, o autor afirma que uma análise retórica que apenas observe o artefato não é completa, porque a audiência participa ativamente na reconstrução de raciocínios, bem como os conhecimentos contextuais são fundamentais para reconstruir as premissas implícitas.

Sob nosso ponto de vista, as críticas de Kjeldsen a uma análise argumentativa que examine apenas a materialidade, os esquemas implícitos de raciocínio, sem considerar conhecimentos contextuais, semióticos, bem como a participação ativa da audiência, são extremamente válidas e representam um avanço na ampliação da argumentação multimodal. Ao procedermos em nossas análises, será bastante proveitoso examinar o movimento retórico entimemático, mas não podemos deixar de observá-los no circuito comunicativo completo, de que se origina o texto. É dentro dessa consideração que nos valem dos processos referenciais para evidenciar pontos de vista no movimento retórico entimemático.

A posição de Kjeldsen também vai ao encontro da nossa no sentido de que ele não despreza o caráter representacional da imagem e a examina no enunciado concreto, no acontecimento que é o texto. Discordamos, porém, em relação à definição que o autor tem de texto. Para nós, o texto é uma unidade de comunicação e de coerência que necessariamente se dá em contexto e cujos sentidos são negociados pelos interlocutores, então uma análise textual, certamente, deve levar em conta todas as características elencadas pelo autor, e mais algumas outras.

Além disso, em relação à metodologia de análise, não é de nosso interesse realizar uma pesquisa de recepção, porque isso seria contraditório com o pressuposto de que a análise linguístico-textual pode apenas supor os efeitos possíveis (Charaudeau, 2020) sobre o interlocutor. Concordamos com Oliveira (2020) quando afirma que o analista textual deve proceder no nível dos efeitos possíveis, aqueles que se situam no nível do que foi dito (do texto, para nós), entre os efeitos visados (que partem do sujeito enunciador intencional da enunciação) e os efeitos produzidos (sobre o sujeito enunciatário). Isso se justifica porque aquilo que foi dito circula entre os diferentes parceiros da troca comunicativa e adquire múltiplos sentidos, que resultam das

negociações entre os parceiros. Muitas das reações possíveis poderão ser comentadas, já que pretendemos analisar a interação como um todo dentro da rede social X.

2.3.2 Dimensão ilativa

A ênfase na dimensão ilativa, isto é, “na construção de raciocínios argumentativos, o que abarca a defesa, a justificação e a legitimação de dados pontos de vista” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2021, p. 86), faz parte da agenda de estudos²⁴ em argumentação multimodal proposta pelo pesquisador. Tal ênfase procura, então, recobrir o que a Retórica tende a incluir no *logos*, apesar de o autor reconhecer que é fundamental compreender o papel da multimodalidade no que tange ao *ethos* e ao *pathos*, que não são diretamente mencionados em seu texto por questões de espaço e de delimitação analítica (Gonçalves-Segundo, 2021).

Nessa agenda de estudos, em relação à dimensão ilativa, dois problemas são destacados pelo autor. Um seria o problema da reconstrução ilativa dos movimentos argumentativos, como a passagem das premissas à conclusão, ou ainda a questão das inferências. A investigação de tal problema visa responder a perguntas como:

(i) que constituintes de um movimento argumentativo podem ser construídos por imagens?; (ii) até que ponto uma imagem sozinha poderia invocar leis de passagem (ou garantias) ou tal processo requisita interação entre modalidades?; (iii) que tipos de estrutura argumentativa são possíveis na articulação entre o verbal e o imagético?; e (iv) em que medida os gêneros discursivos constroem as possibilidades de imagens construírem um componente ou outro? (Gonçalves-Segundo, 2021, p. 86).

O outro problema seria aquele das restrições e dos potenciais de cada modalidade no âmbito da esquematização, que visa responder a perguntas como:

(i) quais esquemas (ou técnicas) argumentativos(as) podem (ou tendem a) ser instanciados(as) em argumentações verbo-imagéticas?; (ii) que restrições na composição das imagens ou na interação entre o verbal e o imagético podem incidir sobre o uso de dados esquemas?; (iii) há esquemas que são apenas ativados por argumentos que se valem de imagens? (Gonçalves-Segundo, 2021, p. 87).

²⁴ Além da dimensão ilativa, há a dimensão dialética, que, segundo o autor, recebe foco secundário nessa agenda de estudos. A dialética diria respeito ao exame dos “atos argumentativos de questionar, duvidar, refutar, contrarrefutar e conceder” (Gonçalves-Segundo, 2021, p. 86).

Em relação a nossa pesquisa, que visa analisar as estratégias argumentativas em textos verbo-imagéticos por meio de processos referenciais, nenhuma dessas perguntas corresponde exatamente a nossos objetivos específicos, mas certamente os dois problemas principais são de nosso interesse de forma mais ampla.

Analisar os processos referenciais envolve examinar como um referente (não isolado, mas numa rede referencial com outros) é introduzido e vai sendo retomado no texto, operando tanto uma manutenção como uma progressão referencial (Cavalcante; Brito, 2016). Consideramos que esse movimento constitui uma estratégia argumentativa, na medida em que revela escolhas estratégicas do locutor, que deixa ver sua maneira de presentificar um objeto de discurso no texto por meio da linguagem – não apenas verbal, mas de qualquer modo semiótico –, bem como do caminho que esse referente percorre no texto. O movimento de reconstrução de um raciocínio persuasivo, pensamos, pode-se revelar por meio do caminho que um referente percorre no texto, conforme já demonstraram Macedo (2018), Oliveira (2020) e Cavalcante *et al.* (2020) – podendo ser identificados aí *topoi*, lugares comuns, estereótipos, ideias preconcebidas (Amossy, 2018).

Ressaltamos, porém, que não é o propósito principal de uma análise referencial, a priori, a identificação de um movimento ilativo, ou de tipos de esquemas. O que importa é, na verdade, a compreensão das funções que cumprem certos referentes para a dimensão argumentativa do texto analisado, tendo em vista o gênero, o contexto, os papéis sociais dos interlocutores etc.

Apesar das diferenças principalmente nas análises que pretendemos realizar, concordamos que uma pesquisa em argumentação multimodal só pode se realizar, obviamente, partindo-se do pressuposto de que uma imagem, pode, de fato, permitir a reconstrução de algum raciocínio, assim como se tem feito para a linguagem verbal há séculos. O mesmo raciocínio vale para os processos referenciais, que não são apreendidos apenas pela materialidade estritamente linguística, mas por qualquer modo semiótico convocado para a construção do texto.

Como ressaltamos anteriormente, a assunção de que a argumentação é um fenômeno estritamente verbal que se dá a partir de conteúdo proposicional – que é, na maioria das vezes, tomado por “conteúdo da frase” – foi criticada por teóricos como

Kjeldsen, Tseronis e Roque. O pressuposto de Kjeldsen (2018) de que uma das marcas retóricas distintivas das imagens é que oferecem um processo retórico entimemático, em que algo é omitido e cabe ao expectador reconstruir as premissas não expressas, é um dos mais assumidos no campo da argumentação multimodal. Hoje, grande parte da questão está em *como* se daria essa reconstrução, como se vê nas perguntas elaboradas por Gonçalves-Segundo (2021).

Groarke, já no seu ensaio de 1996, procurou demonstrar, sob o viés da lógica informal, que imagens podem fazer *declarações*, até mesmo *negações*, e funcionar em um *esquema argumentativo de premissas-conclusão* – propriedades essenciais dos argumentos. O autor afirma que a propriedade que imagens têm de fazer *declarações* visuais explica a possibilidade do gênero “cartum político”, por exemplo, que funciona por meio de comentários políticos e sociais feitos pelo cartunista, muitas vezes, apenas usando imagens. A força dessas declarações visuais é tamanha que pode alterar o discurso político. O exemplo fornecido pelo autor é de um cartum político publicado em 1882, em Boston, EUA, referente a uma reestruturação dos distritos eleitorais da cidade pelo governador da época, Elbridge Gerry.

Figura 5 – Cartum político (1882)

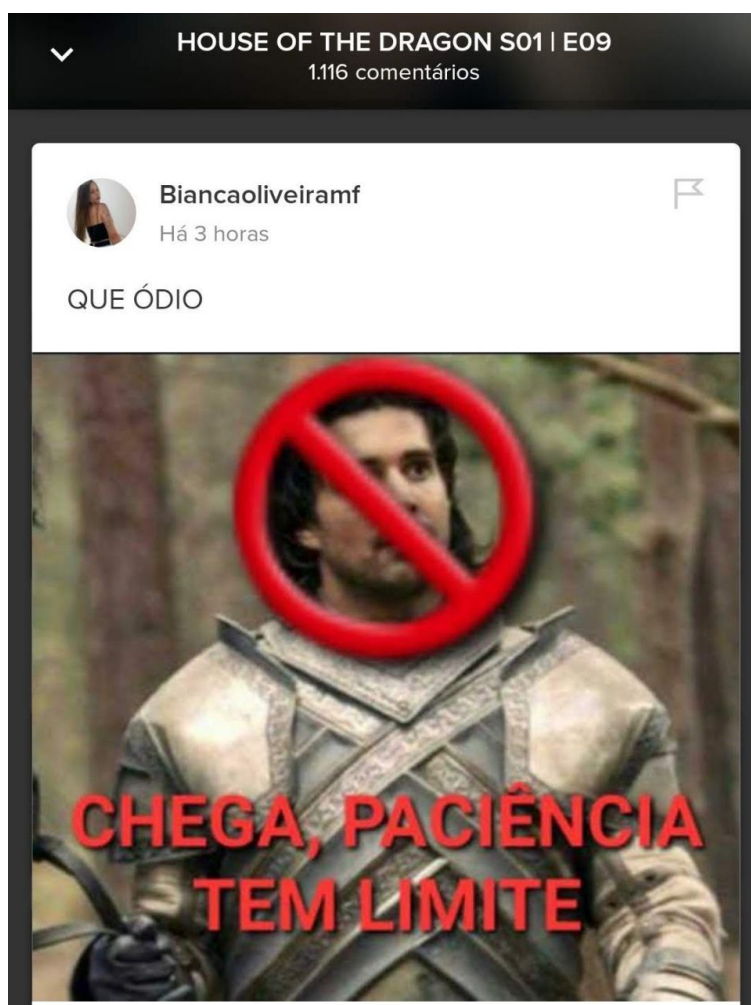


Fonte: Groarke (1996).

O autor do cartum o fez como forma de protestar contra essa reestruturação, representando o mapa de Boston como um monstro – em forma de salamandra –, deformado depois da reorganização feita pelo governador. Uma consequência no discurso político é o uso do nome do governador em forma de verbo (*gerrymandering*, formado a partir das palavras Gerry e *salamander*) até hoje como um sinônimo da prática de rearranjar distritos eleitorais para favorecer interesses políticos.

Outra propriedade necessária atribuída à argumentação verbal é a capacidade de fazer *negações*, algo que os críticos afirmam que uma imagem não é capaz de fazer. No entanto, Groarke (1996) observa que essa crítica não leva em conta as convenções visuais que governam as imagens – por exemplo, a possibilidade óbvia de fazer uma negação visual por meio de um círculo vermelho com uma linha na diagonal, conhecida por todos nos sinais de “proibido fumar”, “proibido estacionar”.

Figura 6 – Exemplo de negação visual (círculo vermelho)



Fonte: Perfil @biancaoliveiramf no aplicativo *TV Time*. Disponível em: <https://tvtime.com/r/2C7Jw>. Acesso em: 17 out. 2022.

No exemplo da figura 6, tem-se um post na plataforma TV Time, criada para que os usuários possam acompanhar as séries de TV a que assistem, marcando os episódios como assistidos e interagindo com outros usuários. No caso trazido, o post comenta o 9º episódio da série de TV *Casa do Dragão* (do canal HBO), de forma que a usuária demonstra sua insatisfação com um dos antagonistas da série. O círculo vermelho e o texto integrado à fotografia funcionam como uma negação visual e revelam o posicionamento da usuária, contrário às atitudes do personagem.

Além disso, de forma menos óbvia, pode-se justapor duas imagens para criar uma situação absurda como forma de expressar uma negação. Como exemplo, o autor mostra um pôster que exibe uma mulher que representa a Paz descansando o cotovelo em cima de uma baioneta, arma bastante usada na Primeira Guerra Mundial. As duas figuras incongruentes revelam a crítica e a desaprovação da “paz europeia”, que era mantida apenas porque se “apoiava” no potencial bélico.

Figura 7 – Exemplo de negação visual (incongruência visual)

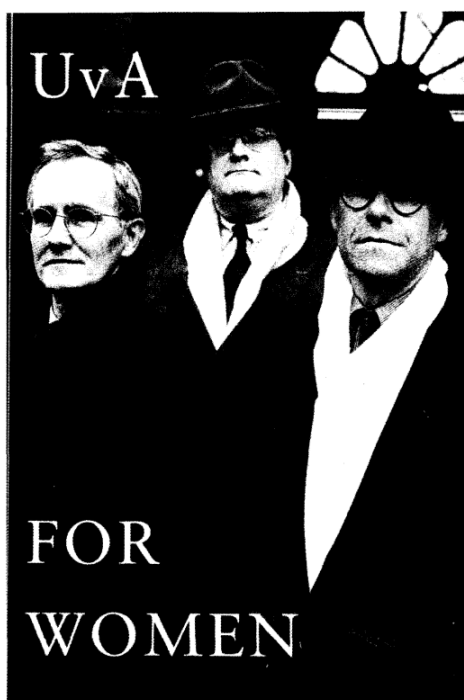


Na parte inferior, lê-se “The new aerodynamics” (a nova aerodinâmica). Fonte: Groarke (1996).

Depois de examinar a habilidade de fazer declarações e negações, Groarke (1996) observa a dimensão ilativa, propriamente dita, da argumentação visual. A concatenação de declarações visuais em uma imagem particular pode funcionar como um *esquema argumentativo*, antes visto como exclusivo do verbal: são fornecidas razões para

fazer alguém aceitar uma conclusão, porém visualmente (ou de forma verbo-visual). Como exemplo, o lógico apresenta um pôster usado para protestar a favor de mais oportunidades para mulheres na Universidade de Amsterdã.

Figura 8 – Cartaz UvA for women



Fonte: Groarke (1996).

A imagem contém três homens em frente à entrada oficial da universidade – os três chefes da administração – e, na parte de baixo do pôster, há os dizeres “*for women*” (para mulheres) – que, somados ao logotipo da universidade, formam a sentença “*UvA for women*” (Universidade de Amsterdã para mulheres). O contraste dos dizeres com a fotografia de três homens, segundo observa Groarke, é uma poderosa declaração de que, realmente, precisamos de mais oportunidades para mulheres nessa universidade. De um ponto de vista lógico, observa o teórico, a fotografia é a premissa P (“Os três chefes da administração da UvA são homens”), que leva à conclusão C (“A universidade precisa de mais mulheres”), o que forma o argumento.

Parte da contribuição de Groarke nessa exposição está na aplicabilidade de conceitos essenciais à caracterização do argumento a uma imagem. Tal movimento, como destaca Foss (2004), é importante para a teoria da argumentação porque expande a explicabilidade ao aplicar conceitos tradicionais da retórica – como argumento,

entimema, *ethos*, figura – à retórica visual. De outra parte, é preciso lidar com uma gama de novos construtos, como cores, espacialidade, textura, vetorialidade etc., próprias da sintaxe visual (Foss, 2004). Como veremos no próximo capítulo, esses construtos próprios da visualidade são bem descritos e sistematizados por Kress e van Leeuwen (2021).

A operação analítica de Groarke de extrair o “conteúdo” das imagens e colocá-lo em esquemas argumentativos, bem como o entendimento de que o argumento é uma estrutura que independe da materialidade, não respondem a essa segunda exigência das investigações em argumentação multimodal. Parte da compreensão global desse fenômeno, então, completa-se na incorporação de um arcabouço semiótico.

2.3.3 Incorporação de categorias semióticas

Na agenda de estudos proposta por Gonçalves-Segundo (2021), um dos problemas de investigação diz respeito à operacionalização da análise imagética e verbo-imagética, cuja questão colocada é: “qual é o lugar das teorias, dos métodos e das categorias de análise semióticas ou sociossemióticas [...] no âmbito de uma perspectiva de argumentação multimodal?” (p. 87).

Para o autor, que se baseia na problemática delineada por Tseronis (2018), a resposta a essa pergunta parece variar entre os arcabouços, “mas mesmo naqueles em que o diálogo é mais estreito, ainda falta sistematizar percursos de análise e selecionar, dentre as variadas propostas no âmbito da Semiótica, aquelas que podem ser mais produtivas para um estudo argumentativo” (Gonçalves-Segundo, 2021, p. 88). Kjeldsen (2015b) comenta que o estudo em argumentação visual, além das teorias da argumentação, também se baseia em teorias de visualidade, imagem, figuras e representação, dentre as quais “Semiótica, história da arte e estudos da mídia estão, não surpreendentemente, entre os panos de fundo teóricos mais amplamente utilizados quando se tenta entender a comunicação visual”²⁵ (p. 120)

Assumidos os pressupostos de que uma imagem pode constituir um argumento, que tem uma dimensão racional e emocional, que retira sua força da

²⁵ Semiotics, art history, and media studies are not surprisingly among the most widely used theoretical backgrounds when trying to understand visual communication.

condensação simbólica e do processo retórico entimemático que oferece, ao demandar a participação ativa da audiência (que convoca conhecimentos diversos para reconstruir as premissas implícitas), resta então agregar um pano de fundo semiótico que permita analisar não somente o conteúdo da imagem – seu significado –, mas também sua forma e estilo – seu “significante”. Nossa proposta é, além disso, associar forma, conteúdo e estilo do imagético à construção referencial, relacionando-os ao desenvolvimento dos raciocínios.

As primeiras tentativas de pensar a relação entre retórica e imagem, de Barthes e Durand, segundo observa Kjeldsen (2018), deram-se a partir da perspectiva dos tropos e das figuras visuais, representando uma tradição semiótica estruturalista. Kjeldsen, no mesmo texto, observa que essas abordagens aplicavam apenas uma parte bastante limitada da retórica, a *elocutio*, em especial uma de suas quatro virtudes, *ornatus*, a arte do ornamento. Tal opção, no decorrer do tempo, operou uma “redução tropológica” de forma gradual: reduziu-se todo arcabouço da retórica ao tratamento estreito de figuras e tropos; depois, dos tropos a apenas metáfora e metonímia; por fim, apenas à metáfora (Genette, 1970 *apud*²⁶ Kjeldsen, 2018).

Esses autores e os que os seguiram apresentaram uma unificação de semiótica e estruturalismo com a arte retórica do *ornatus*. Kjeldsen (2018) ressalta que a abordagem de figuras e tropos não deve ser evitada, mas precisa ser repensada para não ser tratada como uma retórica restrita. Nesse sentido, um estudo de figuras que considera o contexto, a situação, os valores e os *topoi* pode ser bastante produtivo. Alguns estudos de Roque (2015, 2019), por exemplo, recorrem a aportes semióticos, como o elaborado por Umberto Eco, que propõe uma segmentação da imagem em níveis, dentre os quais está o nível tropológico, em que se analisa principalmente a figura da antonomásia²⁷. Mas o percurso da análise de Roque (2019) não é a simples identificação da figura: ele analisa o gênero em que a imagem se insere, sua imbricação com o verbal, a interação de *logos* e *pathos*, o movimento ilativo, a reconstrução de inferências etc.

²⁶ GENETTE, G. Rhetoric restrained. In: GENETTE, G. **Figures of Literary Discourse**. New York: Columbia University Press, 1970. p. 103-126.

²⁷ Essa figura é destacada nessas análises porque um elemento particular representado vale por toda aquela classe; por exemplo, uma criança desnutrida em uma foto numa campanha de apelo à ajuda humanitária vale por todas as crianças desnutridas, podendo constituir um argumento pelo exemplo, um argumento de autoridade em outros casos etc.

As considerações de Tseronis (2018) sobre essa incorporação são as que mais nos interessam, principalmente porque o analista se aproxima de pressupostos da Semiótica Social – abordagem semiótica da multimodalidade da qual pretendemos nos aproximar em nossa pesquisa. O autor observa que o interesse em aspectos não verbais da comunicação argumentativa se deu em paralelo ao projeto de análise do discurso multimodal, que cresceu a partir da Sociosemiótica.

De fato, as duas abordagens, cada qual com seus objetivos próprios, perceberam que, quando se observa a comunicação humana acontecendo no dia a dia, é inegável a utilização de várias modalidades que estão a nosso dispor para produzir sentidos e para persuadir o outro. No entanto, a maioria das teorias da linguagem e da argumentação ignorou ou marginalizou o papel que os modos de comunicação além do verbal desempenham na argumentação, o que levou a dicotomias que identificam o verbal com o racional e com o explícito, e o não verbal com o emocional, o irracional e o implícito (Tseronis, 2018).

Para o autor, houve um primeiro movimento de perceber a importância dos outros modos na comunicação humana e na argumentação, mas não houve ciência das consequências disso nas análises propostas pelos diversos pesquisadores. Uma dessas consequências, nota Tseronis (2018), seria um foco sistemático na interação do conteúdo do modo semiótico com sua forma e estilo, assim como uma atenção às especificidades dos vários modos empregados e a exploração deles em contextos particulares. Isso deve ocorrer porque a argumentação não é apenas uma abstração, mas é uma atividade situada em um contexto; por isso, as diferenças entre os modos devem ser avaliadas de forma sistemática. Então, não se pode reduzir o significante dos elementos visuais ao que é representado sem considerar o sentido que deriva da *forma como* o significante é representado (Tseronis, 2018).

A partir disso, Tseronis (2018) propõe que o modo verbal, o visual e outros modos podem ser argumentativamente relevantes, considerando a imbricação desses elementos na comunicação multimodal. Esses modos podem contribuir, ressalta o pesquisador, de forma direta ou indireta, para o argumento que está sendo construído: o conteúdo visual pode mostrar a premissa ou a conclusão de um argumento, mas as escolhas de estilo também veiculam sentido, como as várias técnicas empregadas pelos

produtores de imagens, as quais podem ser consideradas sistematicamente para fornecer informações sobre a relação entre inferências e premissas, por exemplo²⁸.

Em relação à incorporação das categorias semióticas para uma análise argumentativa, o autor considera que os modos semióticos podem ser avaliados na medida em que contribuem para um ou mais movimentos envolvidos no processo dialético de resolver diferenças de opinião. Isso porque a perspectiva de análise de Tseronis (2018) é a pragmadialética, que estuda a argumentação como um procedimento para resolver problemas considerando a aceitabilidade dos pontos de vista por meio de uma discussão metódica, planejada para testar a aceitabilidade desses pontos de vista (Van Eemeren, 2010 *apud*²⁹ Tseronis, 2018).

Na análise das tarefas argumentativas para resolver uma diferença de opinião – como expressar dúvida, estabelecer pontos de vista iniciais, esclarecer, perguntas questões críticas, responder ou antecipar contra-argumentos etc. –, é possível relacionar o papel dos modos semióticos com funções argumentativas (Tseronis, 2018). Além disso, é central nessa perspectiva – mas acreditamos que em todas que desejem incorporar arcabouço semiótico em suas análises – identificar não tanto *se* os modos semióticos desempenham o papel de ponto de vista ou de argumento, mas *como* as escolhas feitas, a partir das propriedades dos modos, contribuem para o procedimento argumentativo.

Analisando alguns pôsteres verbo-imagéticos de uma campanha do jornal The Guardian (figura 9), Tseronis (2018) notou que os pontos de vista ou os argumentos da campanha não puderam ser reconstruídos diretamente a partir somente de um único modo semiótico, mas observando a interação entre os dois modos, o gênero do discurso e a maneira como a imagem foi representada, mais do que apenas o conteúdo. A atenção às cores, ao uso de espaço negativo (uma técnica de composição visual), ao layout, nos exemplos analisados pelo autor, é fundamental para a reconstrução do argumento elaborado pelo locutor, o de que o jornal oferece dois pontos de vista sobre um debate entre a presença ou não de mulheres no exército.

²⁸ Tseronis (2018) propõe inclusive uma classificação da argumentação multimodal em relação ao papel que a imagem desempenha (direito, indireto e periférico).

²⁹ VAN EEMEREN, F. **Strategic maneuvering in argumentative discourse**: Extending the pragma-dialectical theory of argumentation. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

Figura 9 – Pôster de campanha do The Guardian



Fonte: Tseronis (2018, p. 17).

A incorporação de ferramentas oriundas de teorias semióticas para uma análise apropriada das estratégias argumentativas é uma necessidade evidente, caso se adote, como no nosso caso, uma abordagem de argumentação que considere a persuasão em contexto, em uma situação comunicativa assumida por sujeitos estratégicos – ainda que constrangidos pelos discursos aos quais adere –, que utilizam um arsenal de recursos semióticos para tentar convencer seu parceiro da comunicação.

Ao lado das abordagens Pragmadialética, Retórica e Lógica Informal, a Linguística Textual tem muito a contribuir para essa articulação teórica, porque considera que seu objeto de análise, o texto, é composto de múltiplos modos semióticos e possui uma orientação argumentativa, seja explícita, seja implícita. Mesmo que não utilizemos as mesmas categorias de análise das perspectivas apresentadas neste subitem, consideramos bastante válidos alguns dos pressupostos que comentamos.

No próximo capítulo, exploraremos a questão da multimodalidade e a teoria da Semiótica Social, que nos fornecerá o arcabouço de análise do modo semiótico imagético, adequado aos nossos pressupostos e ao objetivo de analisar o papel argumentativo das imagens nos textos.

3 MULTIMODALIDADE

Considerando o que falam Cavalcante *et al.* (2019) sobre o texto ser uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de modos semióticos, faz-se necessário nos determos em seu caráter multimodal, com vista a compreender de que forma ele integra a dimensão argumentativa dos enunciados e, dessa forma, constitui estratégias argumentativas. Como já observaram Pinto, Rodrigues e Cortez (2019), quando se trabalha com textos empíricos, é preciso ter ciência de que escolhas verbais, pictóricas, gestuais, cromáticas etc. imprimem aos textos um certo “tom”.

Para tanto, é preciso convocar pressupostos teóricos que possam embasar nossa pesquisa no tocante à multimodalidade. Alguns dos pressupostos da Semiótica Social e da Gramática do Design Visual, elaborada por Kress e Van Leeuwen (2021), parecem-nos apropriados para isso.

3.1 Semiótica Social

O termo “multimodalidade”, segundo Kress (2010), diz respeito tanto a um campo de trabalho quanto a um domínio a ser teorizado, e é preciso ser claro em relação ao quadro teórico com o qual se trabalha: caso se adote a perspectiva sociosemiótica, ficará evidente o interesse no *significado* (em todas as suas formas) que emerge em meios e em interações sociais, o que faz do social a sua fonte. Além da questão do sentido, a Semiótica Social põe em evidência a questão da *materialidade* do signo social, a fim de demarcar as diferenças e a especificidade de cada modo semiótico (Kress, 2010). Como vimos no capítulo anterior, considerar tanto o significado quanto o “significante” na análise, ou seja, o conteúdo do que está sendo representado pela imagem e a forma como isso é representado, utilizando as possibilidades e as restrições do material, é importante na análise argumentativa – tudo isso visto em contexto e como resultado de um processo cultural de compartilhamento de conhecimentos sobre os modos semióticos, que não são estanques e isolados dos usos.

Para compreender melhor as bases dessa perspectiva, cabe elucidar o que Kress (2010) entende por signo, a questão do interesse e da parcialidade de sua representação e o que é um modo semiótico.

O signo é o conceito central da semiótica:

Na teoria da Semiótica Social, os signos são *produzidos* – não *usados* – por um *produtor* de signo que leva um significado a uma conjunção *apta* com uma forma, uma seleção/escolha moldada pelo *interesse* do produtor de signo. No processo de *representação*, produtores de signo refazem conceitos e “conhecimento” em uma nova definição constante dos recursos culturais para lidar com o mundo social³⁰ (Kress, 2010, p. 62).

A fim de ressaltar que a sociossemiótica não se baseia em um sistema pré-determinado de signos ao qual os usuários da linguagem recorrem para selecionar entidades prontas, Kress (2010) destaca o caráter de *produção* do signo. Quando Kress frisa essa característica de produção, ele chama a atenção para o fato de o processo de construção do signo (também conhecido como *semiose*) ser ativo, que conta com um produtor estratégico no processo de significação. Aquele que produz o signo, então, possui certos interesses na comunicação e seleciona a forma mais apta a representar aquilo que quer dizer. Mas, além das estratégias do produtor, outro aspecto importante são os interesses do grupo ou da pessoa a quem o signo é dirigido (Kress, 2010), o que constitui o aspecto comunicacional da sociossemiótica. No processo de produção, é preciso levar em conta aquele que irá receber a mensagem e moldar o signo aos seus interesses para que a comunicação seja efetiva.

Para ilustrar esse processo, Kress fornece um exemplo de uma criança de três anos – não por acaso, seu filho – que desenhou, em uma folha, o que seria um carro (figura 10).

³⁰ No original: ““In Social Semiotics theory, signs are *made* – not *used* – by a *sign-maker* who brings meaning into an *apt* conjunction with a form, a selection/choice shaped by the sign-maker’s *interest*. In the process of *representation* sign-makers remake concepts and ‘knowledge’ in a constant new shaping of the cultural resources for dealing with the social world”.

Figura 10 – Carro desenhado por uma criança



Fonte: Kress (2010, p. 55).

A partir desse exemplo, podemos compreender o processo de produção do signo na sociosemiótica: para a criança, os sete círculos desenhados constituem um carro na medida em que representam suas rodas – considerado por ela o melhor aspecto para representar um carro. Nesse processo de representação, há duas etapas desenvolvidas: (1) as rodas (o significado) são representadas por círculos (como significantes aptos); (2) o significado “carro” é representado pelo significante apto “(arranjo de) sete círculos”. Esse duplo processo de analogia (“círculos são redondos, rodas são redondas, então círculos *são como* rodas” e “um carro tem muitas rodas, então muitas rodas *são como* um carro”) faz parte da constituição do signo, da união de um significante a um significado, e revela o interesse do produtor: se a forma do significante aptamente sugere a forma do significado (por exemplo, um círculo como roda de carro), isso permite ao analista (seja em interações cotidianas ou na pesquisa) criar hipóteses sobre o que o produtor considerou como aspectos criteriais³¹ do objeto que representou.

Para compreender por que e como as rodas podem ser o aspecto criterial para carro, o analista tem que adotar o ponto de vista de uma criança de três anos, em seus aspectos fisiológicos, psicológicos, culturais, semióticos, afetivos, sociais etc. (Kress, 2010). O interesse do produtor do signo, a criança, deriva desses aspectos e de sua posição no mundo no momento do contato com o objeto a ser representado. Por exemplo, Kress elucida que provavelmente seu filho escolheu as rodas porque, devido a sua estatura, seu campo de visão estava na linha das rodas do carro da família à época do desenho. Na

³¹ Em inglês “criterial aspect”. “Criterial” não é um vocábulo constante nos dicionários Oxford e Cambridge, sendo, aparentemente, um adjetivo derivado de “criterion” (critério, em inglês), no sentido de algo resultante de escolha, avaliação, decisão. Optamos por utilizar o neologismo do autor.

Semiótica Social, a forma como um produtor de signo faz sua representação por meio da linguagem revela seu posicionamento no mundo no momento da representação – por isso se fala, nessa teoria, em um signo motivado pelos interesses do sujeito (Kress, 2010).

Esse processo de representação que leva em conta os interesses do produtor é sempre parcial porque considera que os aspectos citados (sociais, psicológicos, culturais etc.) moldam o que será selecionado como o significante mais apto para representar o significado (Kress, 2010). Isso quer dizer que, do ponto de vista da sociosemiótica, nunca podemos representar um objeto do mundo em sua totalidade – por isso se diz que a representação do signo é sempre parcial. No entanto, isso não quer dizer que a comunicação entre os sujeitos é incompleta; se o fosse, não poderíamos construir sentidos, nem nos comunicar apropriadamente.

O conceito de modo também é fundamental para a abordagem sociosemiótica: “*Modo* é um recurso semiótico socialmente moldado e culturalmente dado para produzir sentidos. *Imagem, escrita, layout, música, gesto, fala, imagem em movimento, trilha Sonora e objetos 3D* são exemplos de modos usados na representação e na comunicação”³² (Kress, 2010, p. 79).

Compreender que há diferentes modos e que a língua não é o único modo possível é fundamental para a abordagem da multimodalidade segundo a Semiótica Social: modos diferentes oferecem diferentes potenciais para gerar sentidos, e esses potenciais têm um efeito fundamental na escolha do modo em instâncias específicas de comunicação (Kress, 2010). Um exemplo dado pelo autor é a escrita, que possui palavras e sentenças, organizadas por meio de gramática e sintaxe, mas também possui recursos gráficos (fontes, tamanhos, grifos, espaçamento, enquadramento, cores). Para enquadrar suas unidades, a escrita possui recursos sintáticos, textuais e sociosemióticos, como sentenças, parágrafos, blocos textuais, gêneros. Esses e outros recursos têm formas diferentes em diferentes culturas, por isso se fala não apenas na escrita, mas na escrita de tal ou tal cultura (Kress, 2010).

De acordo com Kress (2010), na Semiótica Social, uma ênfase é dada também ao material de constituição do modo, principalmente às suas propriedades e à maneira

³² No original: *Mode* is a socially shaped and culturally given semiotic resource for making meaning. *Image, writing, layout, music, gesture, speech, moving image, soundtrack and 3D objects* are examples of modes used in representation and communication.

como a sociedade trabalha com esse material ao longo do tempo, moldando-o e construindo significados a partir de suas características. Um trabalho social e semiótico com o mesmo material, por exemplo, com o som, segundo o autor, pode levar a diferentes modos semióticos: fala, trilha sonora de filmes, música, linguagem de bateria. As variações se baseiam em diferentes propriedades do mesmo material: variações na energia (intensidade/suavidade do som), diferenças no tom (tom alto/baixo), mudanças na duração de elementos (vogais longas/curtas), pausas, silêncios. Apesar de as culturas moldarem os recursos de formas diferentes, há generalidades nas propriedades dos modos e dos materiais: por exemplo, uma característica da fala que é comum a todas as culturas é que ela se dá no tempo, isto é, uma palavra, uma sentença, segue a outra no tempo, e essa sequenciação no tempo é fundamental para produzir sentidos; na imagem estática, todos os elementos estão dispostos em uma superfície em um espaço enquadrado, de forma que estão simultaneamente presentes, e o arranjo dos elementos em relação aos outros produz sentidos (Kress, 2010).

Para o autor, considerar a materialidade, além do significado, revela um duplo movimento da multimodalidade: (a) um distanciamento de concepções abstratas como “sistema linguístico” e uma aproximação da especificidade de um modo e seus potenciais desenvolvidos nos usos sociais – o que a linguística chama de “sistema linguístico”, por exemplo, é observado na Semiótica Social em dois modos com materiais diferentes, a fala e a escrita (que utilizam, respectivamente, som e matéria gráfica) –; (b) uma relação entre meios de representação da linguagem e corporalidade do ser humano, não apenas na fisiologia dos sentidos (audição, visão) e dos modos (fala, imagem), mas no fato de que os seres humanos produzem sentidos através de todos esses modos. Esse último movimento marca também um distanciamento de separações entre corpo e mente, afeto e cognição (Kress, 2010).

A consideração do que é um modo semiótico passa por um exame duplo, de um aspecto social de um aspecto formal. Conforme Kress (2010), o que é considerado um modo, em parte, depende das necessidades sociais e representacionais de uma comunidade, isto é, o que uma comunidade decidir usar como modo semiótico, é um modo semiótico. Por exemplo, se a comunidade de designers tem a necessidade de desenvolver os potenciais de fonte e de cor em meios plenos para representação, então nessa comunidade, em sua prática profissional, eles serão considerados como modo.

Já em relação ao aspecto formal, o que é considerado modo depende do que uma teoria social do modo semiótico requer de um modo para que seja considerado como tal. Na Semiótica Social, que utiliza os pressupostos hallidayanos, um modo, para significar, precisa representar significados sobre ações, estados e eventos do mundo (função ideacional); significados sobre as relações sociais e aqueles envolvidos nelas (função interpessoal); capacidade para formar textos, entidades semióticas complexas que possam projetar um mundo social, que possam funcionar como mensagens completas que têm coerência interna e com o ambiente (função textual) (Kress, 2010). Essas metafunções dos modos semióticos são aprofundadas por Kress e van Leeuwen (2021) na Gramática do Design Visual, com subcategorias de análise da comunicação visual estática.

3.2 Gramática do Design Visual

O propósito de estabelecer as bases de uma Gramática do Design Visual é descrever o modo como elementos visuais são combinados em um todo com significado. A maioria dos estudos anteriores concentrava-se no que Kress e Van Leeuwen (2021) consideram como o equivalente de palavras ou lexemas visuais, unidades tomadas individualmente, sem considerar apropriadamente sua interação entre si no todo e com o contexto sociocultural.

Ao contrário disso, a GDV pretende estudar a combinação dos elementos em “declarações” visuais de maior ou menor complexidade e extensão. Apesar de haver muitos estudos em história da arte, descrição estética e psicologia da percepção sobre a visualidade, nenhum deles foca nos significados das regularidades do modo como elementos imagéticos são usados, pelo menos não de forma sistemática. O objetivo dos autores é, então, fornecer descrições de estruturas composicionais que se tornaram estabelecidas como convenções ao longo da história da semiótica visual ocidental e analisar como são usadas para produzir significados por produtores de imagens na contemporaneidade.

Na seção da obra intitulada “Uma teoria semiótica social da representação”, os autores afirmam que a base teórica na qual se funda a GDV e a Semiótica Social é a categoria das metafunções da linguagem teorizadas por Halliday (Halliday; Matthiessen,

2014), no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional. Essa categoria foi pensada para responder à questão sobre quais seriam as funções da linguagem em relação ao nosso ambiente ecológico e social, ao que Halliday (2014) responde: a função de dar sentido a nossa experiência e a função de representar nossas relações sociais. A essa primeira metafunção, o autor chamou **ideacional**; à segunda, deu o nome de **interpessoal**. Uma terceira metafunção seria aquela de permitir que a língua construa uma sequência discursiva organizada, criando coesão e continuidade, ao que ele chamou de **textual**. Essa terceira metafunção permite que as outras duas sejam percebidas, no sentido de que elas dependem dessa ordem do discurso e dessa coesão para funcionar. Apesar de tais conceitos terem sido originalmente forjados para a língua, Halliday e Matthiessen (2014) reconhecem a possibilidade de outros modos semióticos, inclusive citando o trabalho pioneiro de Kress e van Leeuwen.

As metafunções são, então, aplicadas ao design visual contemporâneo, buscando elucidar regularidades e padrões de significado e de forma. A seguir, apresentaremos algumas das categorias desenvolvidas dentro de cada metafunção, que serão úteis para analisar de que modo as imagens constituem estratégias argumentativas nos textos analisados por nós.

3.2.1 Significados³³ representacionais

Kress e van Leeuwen (2021) retomam a ideia da metafunção ideacional sobre a propriedade que a linguagem tem de representar o mundo com o qual temos contato, usualmente de antemão, por meio de representações semióticas. Isto é, os seres humanos, na sua experiência cotidiana, têm experiências de mundo, seja com objetos, pessoas, eventos que veem, tocam, ouvem, seja com impressões, emoções, opiniões que formamos acerca do mundo (daí o “mundo interior” de que falam os autores). Nosso contato com o

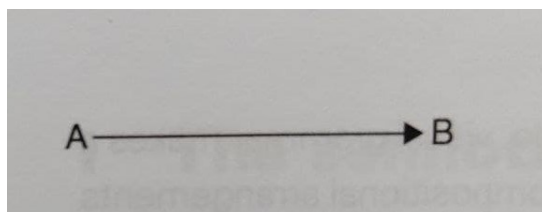
³³ Kress e van Leeuwen, na GDV, usam o termo “metafunção” com a nomenclatura de Halliday (ideacional, interpessoal, textual), enquanto as categorias representacional, interacional e composicional são usados com o termo “significados”. Acreditamos que essa equivalência tenha sido feita por Unsworth (2001), citado em Almeida (2006, p. 94), a qual explicitamente afirma que Kress e van Leeuwen “adaptaram a terminologia funcional de Halliday ao chamar essas metafunções ‘representacional’ ou ‘ideacional’, ‘interativa’ ou ‘interpessoal’; e ‘composicional’ ou ‘textual’ (Unsworth, 2001; Jewitt & Oyama, 2001)”. Jewitt & Oyama não fazem equivaler “metafunção” e “significado”, mas infelizmente não tivemos acesso ao texto de Unsworth para conferir essa questão terminológica. O fato é que parece ser tradição nos textos sobre a GDV substituir “metafunção” por “significado”.

mundo já se dá por meio da linguagem – por isso o mundo é semioticamente apresentado a nós –, e é por meio dela que temos acesso a parte da experiência. Nessa perspectiva representacional, a observação do analista é menos sobre as coisas do mundo em si do que sobre a forma como a linguagem as representa por meio de modos semióticos diversos, como a fala, a escrita, a imagem, a música, a arquitetura etc.

Nesse sentido, é por isso que Cavalcante e Brito (2021) advogam que esses significados podem ser tão bem relacionados à referenciação, que, como será melhor explicado no próximo capítulo, tem sido definida como a atividade altamente dinâmica de elaborar objetos de discurso, ou referentes, entendidos não mais como uma representação direta e objetiva das coisas do mundo, mas como uma construção textual-discursiva (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014; Mondada; Dubois, 2003).

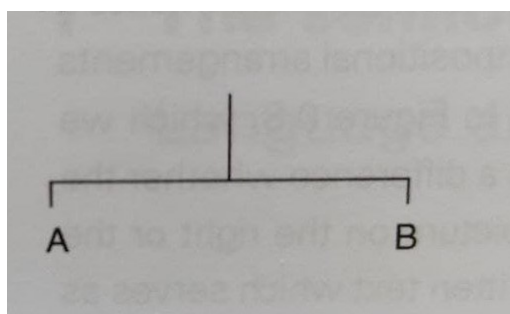
Para compreender as maneiras de concretizar significados representacionais, observemos as figuras a seguir. A figura 11 mostra dois elementos relacionados entre si por um processo de interação com um vetor, e a figura 12 mostra dois elementos relacionados em termos de classificação, conectados por uma “estrutura em forma de árvore” (em inglês, *tree structure*).

Figura 11 – Representação com vetor



Fonte: Kress e Van Leeuwen (2021, p. 17).

Figura 12 – Representação com estrutura de árvore



Fonte: Kress e Van Leeuwen (2021, p. 17).

Essas duas formas simplificadas de representação são desenvolvidas em capítulos seguintes por Kress e Van Leeuwen (2021) em categorias e subcategorias de abordagem dos significados representacionais. O capítulo 2 da GDV é dedicado às “representações narrativas” e o capítulo 3, às “representações conceituais”, que juntas compõem a referida metafunção. As representações narrativas “representam aspectos da realidade em termos de ações e eventos que se sucedem, processos de mudança, arranjos espaciais transitórios, entre outros” (Kress; Van Leeuwen, 2021, p. 55, tradução nossa³⁴), e as representações conceituais “relacionam participantes em termos de classificação, estrutura parte-todo ou atribuição simbólica” (Kress; Van Leeuwen, 2021, p. 55, tradução nossa³⁵).

A principal distinção entre as duas representações é a presença de pelo menos um “vetor” nas narrativas, enquanto as conceituais nunca os apresentam. Os vetores nas imagens são formados por elementos representados, seja corpos, membros, ferramentas ou muitas outras formas que representam algo em ação, formando uma linha oblíqua, frequentemente uma linha diagonal marcada. Independentemente da forma, os vetores devem conectar participantes (pessoas, lugares, objetos representados, inclusive coisas abstratas) de forma a marcar uma direcionalidade para que uma narrativa seja representada, partindo de um “ator”. Por “ator”, os autores entendem o participante do qual o vetor emana, podendo estar totalmente separado ou até mesmo fundido no mesmo elemento visual.

Dentre os subtipos possíveis de processos narrativos, destacamos alguns a fim de ilustrá-los por meio de exemplos concretos, de modo que o leitor possa diferenciá-los dos processos conceituais (apresentados a seguir)³⁶. A figura 13 é um texto do jornal *Estadão* sobre a vacinação contra a covid-19 em Joinville, SC. O texto é produzido com uma parte verbal, uma parte visual e um link hipertextual que redireciona o leitor para a webnotícia. Percebemos que a parte visual representa uma narrativa transacional, porque a participante representada à direita, uma enfermeira de máscara em um plano fotográfico próximo (o Ator desse processo narrativo, já que é dela que parte o Vetor), aplica uma

³⁴ “represent aspects of reality in terms of unfolding actions and events, processes of change, transitory spatial arrangements and so on”.

³⁵ “relate participants in terms of classification, part-whole structure or symbolic attribution”.

³⁶ Há mais subtipos de estruturas narrativas apresentados por Kress e Van Leeuwen (2021), resumidos em um quadro na página 71 de sua obra, mas, para os objetivos de nossas análises, acreditamos que é suficiente fazer a diferenciação entre o que é narrativo e o que é conceitual.

vacina (o Vetor) em uma pessoa que está apenas em parte representada, com foco na região inferior do corpo, próxima aos glúteos (a Meta dessa narrativa).

Figura 13 – Exemplo de estrutura narrativa transacional



Fonte: Perfil @Estadao na rede social Twitter (atualmente X). Captura de tela em smartphone Android. Disponível em: <https://twitter.com/Estadao/status/1429970461471830018?s=20>. Acesso em: 23 ago. 2021.

A figura 14 mostra uma estrutura visual narrativa não transacional. Esse tipo de processo visual se caracteriza por mostrar um Vetor que parte de um Ator em direção a algo não mostrado na imagem: no post com essa chamada da *Agência Brasil*, há uma mulher num processo narrativo de caminhada (sendo ela o Ator), e a sensação de movimento que as linhas de suas pernas transmitem (o Vetor), ao estar na posição de caminhar, mostra que ela se dirige a algum lugar que não é representado na imagem.

A parte verbal descreve que a China não relatou novos casos da covid-19 desde julho de 2021, criando uma composição no post com a estrutura não transacional e um link para a matéria. Observamos que a representação de alguém de máscara, caminhando em uma rua representada como vazia na fotografia, ativa conhecimentos de mundo sobre as medidas sanitárias tomadas pelos governos no mundo desde 2020 para tentar conter o avanço do vírus – e poucas pessoas caminhando na rua parece ser um sinal de medidas rigorosas de isolamento social e *lockdown*, o que gera a diminuição drástica

de novos casos da doença em locais que adotam tais medidas. Nesse caso, a escolha pela estrutura narrativa auxilia a reconstrução do raciocínio evocado nesse texto; uma estrutura conceitual, como uma imagem abstrata do vírus, levaria a outros sentidos³⁷.

Figura 14 – Exemplo de estrutura narrativa não transacional



Fonte: Perfil @agenciabrasil na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/agenciabrasil/status/1429873573066330113>. Acesso em: 26 out. 2023.

Nas representações conceituais, diferentemente, os participantes são representados em termos de uma essência mais geral e mais ou menos estável e atemporal. Há três tipos de estruturas conceituais: classificacionais, analíticas e simbólicas.

As **estruturas classificacionais** criam uma relação hiponímica entre os participantes, de forma que há pelo menos um participante que desempenha o papel de “Superordinado” e pelo menos um conjunto de participantes que desempenham o papel de “Subordinados”. O Superordinado é o participante que representa a categoria pela qual se identificam os Subordinados, estando aquele explicitamente representado (subtipo de








³⁷ Isso não quer dizer que a escolha por uma estrutura conceitual tornaria o texto menos argumentativo (o que, aliás, não é o propósito desta pesquisa avaliar); apenas que outros sentidos e outro raciocínio seriam inferidos.

representação chamada taxonomia explícita³⁸), ou cabendo ao leitor inferir a categoria à qual pertencem os Subordinados (taxonomia implícita³⁹). A figura a seguir mostra um exemplo de estrutura classificacional em taxonomia explícita.

Figura 15 – Os tipos cheios de si

Questão 17

Os tipos cheios de si
O difícil é encontrar quem nunca cruzou com (ou se passou por) um desses on-line

	O TURISTA EM TEMPO INTEGRAL Posta o ano inteiro fotos das férias (deste e de outros anos). Parece viver viajando.		A ÚNICA BEM-AMADA Só ela tem o parceiro mais especial. Porque momentos a dois são mesmo para divulgar.
	O BALADEIRO VIDA LOUCA Quase dá para escutar o "Uhuuu!!!", pelas fotos de bebidas e pistas de dança.		O EXIBIDO HUMILDE Ele (acha que) disfarça ao dar dicas do próprio sucesso. Não engana ninguém.
	O BEM RELACIONADO DE OCASIÃO Descobriu quem é o "famoso" que aparece na foto naquela hora. Mas não deixa passar.		O GOURMET DE APARENCIAS Por que ir a um restaurante se ninguém souber? É clique no prato.
	A MÃE ORGULHOSA DEMAIS Faz questão de contar todas as gracinhas. Até as que só têm graça para a mãe.		O(A) LINDO(A) DEMAIS PARA NÃO MOSTRAR Acha que o dia de cabelo bom desculpa um autorretrato (selfie). Quem nunca, não é?

Disponível em: <http://epoca.globo.com>. Acesso em: 20 mar. 2014.

De acordo com esse infográfico, as redes sociais estimulam diferentes comportamentos dos usuários que revelam

- exposição exagerada dos indivíduos.
- comicidade ingênua dos usuários.
- engajamento social das pessoas.
- disfarce do sujeito por meio de avatares.
- autocrítica dos internautas.

Fonte: Enem 2020.

A estrutura visual do infográfico da questão mostra uma espécie de descrição dos tipos de usuários encontrados nas redes sociais, como o turista em tempo integral, o baladeiro vida louca, o exibido humilde etc. A expressão “Os tipos de cheios de si”, na parte superior, funciona como o Superordinado que, de forma explícita, guia o leitor para a categoria à qual pertencem os outros elementos visuais abaixo. Ressalte-se que, segundo Kress e Van Leeuwen (2021), mesmo que os participantes sejam representados pelo modo verbal, a configuração espacial que cria o efeito de classificação é visual.

Além disso, devemos ter em mente que não é uma taxonomia “natural” dos usuários das redes sociais, pois a intenção do autor parece ser a de brincar com os

³⁸ No original, *overt taxonomy*. Os autores apresentam ainda uma subdivisão da taxonomia explícita em representações que têm um único nível (*single-levelled*) ou múltiplos níveis (*multi-levelled*)

³⁹ No original, *covert taxonomy*. “Covert”, segundo o dicionário Cambridge, significa “secreto” e, segundo o Michaelis, “escondido, oculto, secreto, dissimulado”. Para manter a proximidade que há entre os significantes em inglês, optamos por opor “explícito” a “implícito” na tradução em português.

estereótipos dos internautas de redes como Instagram e Facebook, por exemplo. Essa seleção não é aleatória ou neutra, mas possui um teor argumentativo ao guiar o interlocutor para determinada forma de ver o mundo das redes sociais, bem como delimitar a formulação da questão.

O segundo subtipo são as **estruturas analíticas**, que criam uma relação de meronímia entre os participantes, isto é, uma relação parte-todo. Mostram-se um “Portador” (o participante que representa o “todo”) e um número de “Atributos Possessivos” (as partes). Segundo Kress e Van Leeuwen (2021), elas podem ser identificadas visualmente pela ausência de características que identificam outras representações, uma espécie de categoria “não marcada”: elas não possuem vetores (próprios das narrativas), não possuem a simetria composicional ou a estrutura de árvore da estrutura classificacional ou as características do que será apresentado como Atributo Simbólico (próprio das representações simbólicas).

Estudos sobre a produção de desenhos comprovam que um princípio que os profissionais dessa área devem dominar é o de representar objetos em termos de suas características definidoras (Kress; Van Leeuwen, 2021), o que pode ser representado por estruturas analíticas, que elencam as partes de um todo que o produtor da visualidade deseja mostrar. Os autores destacam os ensaios fotográficos de moda como exemplos de imagens que frequentemente são analíticas. Alguns ensaios fotográficos da área de moda focam em mostrar as partes de um *look*, identificando tanto o Portador quanto os Atributos Possessivos (vestido, brincos, colar etc.).

Os mapas também trabalham com a mesma estrutura analítica, ao dividirem uma certa região geográfica (Portador) em subdivisões (Atributos Possessivos). Kress e Van Leeuwen (2021) atentam para o fato de que um mesmo Portador, em se tratando de mapas, pode ter diferentes características focalizadas, como geográficas – o mapa pode mostrar altitudes, rios – ou sociais e políticas – fronteiras, atrações turísticas. A estrutura de análise “sempre envolve seleção”⁴⁰ (Kress; Van Leeuwen, 2021, p. 83), dado que algumas características e Atributos são selecionados como criteriosais e outros são tratados como não essenciais ou irrelevantes. Tal seleção, a nosso ver, revela uma estratégia de persuasão na medida em que representar certas propriedades de uma entidade – digamos,

⁴⁰ No original, “always involves selection”.

em um mapa – e deixar outras de fora da imagem parece guiar o interlocutor a uma determinada maneira de ver o mundo.

A figura a seguir representa um texto postado pelo perfil Epic Maps (mapas épicos, em português), que se dedica a tuitar mapas que mostram informações diferentes das convencionais.

Figura 16 – Estrutura analítica em mapa-múndi



Fonte: Perfil @Locati0ns na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/Locati0ns/status/1394698741571981316>. Acesso em: 26 out. 2023.

Mostra-se um mapa-múndi com a Nova Zelândia ao centro, em um post com uma parte verbal que diz “A terra ser centrada na Grã-Bretanha é arbitrário, então aqui está um mapa centrado na Nova Zelândia”, que questiona a própria representação cartográfica desse tipo de prática discursiva dos mapas-múndi. Nesse caso, os Atributos Possessivos da Terra foram arranjados de forma diferente do que é comumente visto, trabalhando junto com a metafunção composicional para produzir os sentidos do texto.

O terceiro tipo de estruturas conceituais apresentado por Kress e Van Leeuwen (2021) são as **estruturas simbólicas**, que definem participantes visualmente

em termos de quem ou que *são* (ou seja, uma identidade) ou *significam* (isto é, um significado). Segundo os autores, os participantes dessa estrutura são o Atributo Simbólico e o Portador; aquele personifica um sentido ou uma identidade e os confere ao Portador, cujo sentido ou identidade é estabelecido na relação entre esses participantes. A GDV se baseia na área da iconografia⁴¹ para identificar as características formais que podem realizar Atributos Simbólicos:

1) São extremamente salientes na representação (por exemplo, ao serem colocados no primeiro plano, por meio de tamanho exagerado, por uma ótima iluminação, por seus detalhes serem bastante refinados e seu foco nítido, ou por sua cor e tom serem chamativos). Kress e Van Leeuwen (2021) destacam o fato de imagens de anúncios publicitários fazerem uso frequentemente de Atributos Simbólicos, que não são vetores em alguma ação, mas conferem identidade ou significado à estrutura visual;

2) Aponta-se para eles com um gesto que não pode ser interpretado como uma ação, a não ser a própria ação de mostrar o Atributo Simbólico para o espectador, ou são segurados de uma forma que funciona meramente para mostrá-los, e não para usá-los em uma ação (o que resultaria em uma representação narrativa). Segundo McMurtrie (2018), os Atributos Simbólicos lembram a exibição de objetos em vitrines, em pedestais, parecido com a exibição de obras de arte em museus;

3) Eles parecem deslocados no todo da representação, ou até não naturais naquela imagem. Segundo Kress e Van Leeuwen (2021), participantes humanos, por exemplo, aparecem geralmente posando de forma significativa, em vez de envolvidos em alguma narrativa;

4) São convencionalmente associados a valores simbólicos, como morte, paixão, masculinidade, tragédia, felicidade, modernidade, dentre muitos outros.

Há duas situações possíveis para esse tipo de estrutura: uma chamada Atributiva Simbólica, em que os dois participantes estão presentes e o Atributo Simbólico fornece o sentido ou a identidade ao Portador; e outra chamada Sugestiva Simbólica, na qual apenas o Portador está na representação, e seu significado simbólico é atribuído de forma diferente.

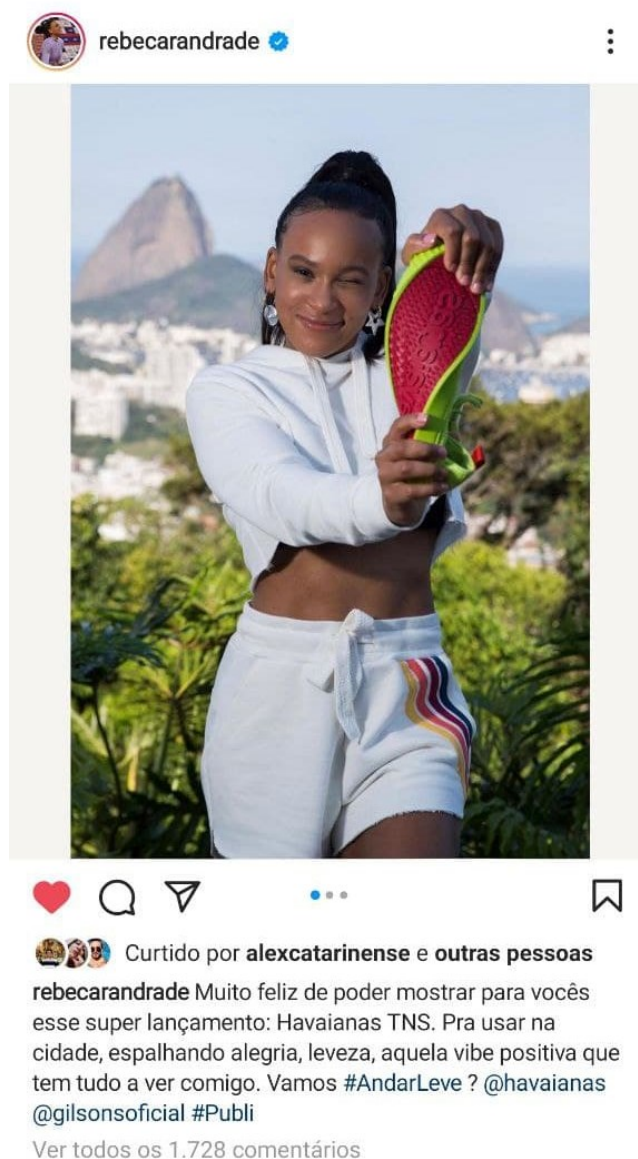
⁴¹ Em especial as seguintes referências: PANOFSKY, E. **Early Netherlandish Painting**. New York: Harper and Row, 1953; PANOFSKY, E. **Meaning in the Visual Arts**. Harmondsworth: Penguin, 1970. Panofsky é bastante citado também por autores da argumentação multimodal, como Kjeldsen e Roque.

No segundo tipo, os detalhes tendem a ser apagados em favor do que os autores chamam de uma “atmosfera” ou “humor” (em inglês, *mood*), que pode ser realizado, por exemplo, por cores mescladas (por exemplo, em um azul brumoso ou em um dourado brilhante e sutil), luzes extremas, ressaltando as silhuetas e os contornos dos participantes, entre outras estratégias. Essas características tendem a conferir a essas representações sua generalidade, uma qualidade de representar não um momento específico, mas uma essência generalizada, e representam a identidade ou o significado como vindo do interior do Portador, derivando de sua essência, e não como sendo conferidos a ele por Atributos Simbólicos. Hoje, segundo Kress e Van Leeuwen (2021, p. 105), “o simbolismo sugestivo tornou-se popular por meio dos filtros do Instagram – ‘rise’ para um ‘efeito de ternura’, ‘hudson’ para um efeito ‘frio’, ‘sierra’ para criar uma ‘suavidez’ dentre outros (Buitrago, 2018)”⁴².

A figura a seguir é um exemplo de estrutura simbólica atributiva (em que estão presentes Portador e Atributo Simbólico). Uma das participantes representadas em saliência na imagem, Rebeca Andrade – atleta de ginástica artística brasileira que ficou conhecida nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, realizados em 2021, por ter conquistado duas medalhas (ouro e prata) –, aparece posando e segurando um produto lançamento da marca Havaianas, Havaianas TNS, um tênis da empresa lançado em agosto de 2021.

⁴² “suggestive symbolism has become newly popular through the filters of Instagram – ‘rise’ for a ‘tender effect’, ‘hudson’ for a ‘cold’ effect, ‘sierra’ to create ‘softness’ and so on (Buitrago, 2018)”.

Figura 17 – Estrutura simbólica



Fonte: Perfil @rebecandrade no Instagram. Captura de tela em smartphone Android. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CS71p47sqIp/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

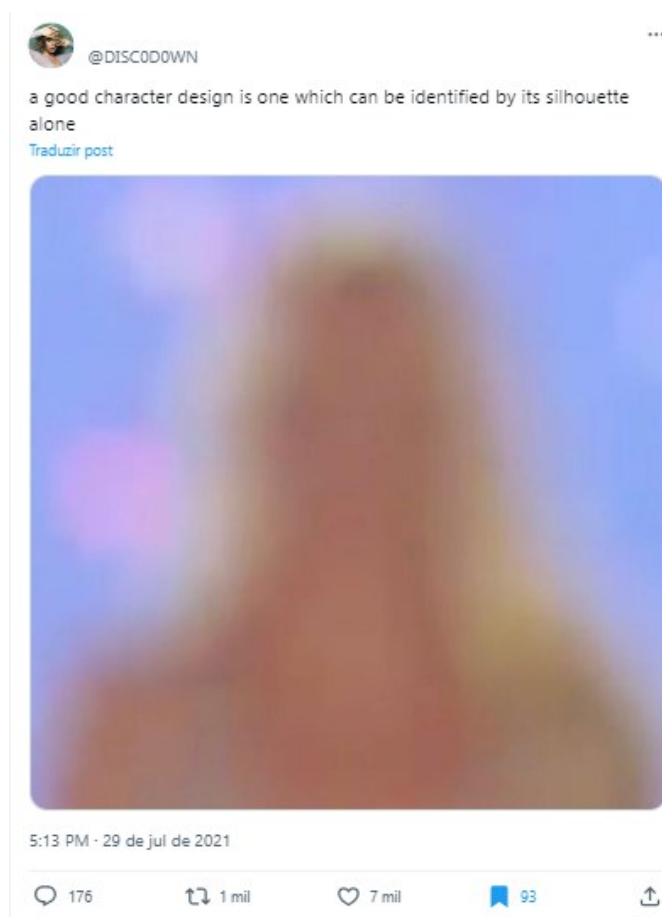
O próprio tênis, apresentado em cores vibrantes e chamativas, aliado à roupa atlética de Rebeca Andrade, e a forma como é segurado por ela, de forma posada e produzida, típico de fotos para publicidade de produtos, confere à imagem um caráter simbólico, de forma que o tênis pode ser considerado um Atributo Simbólico (bem como as roupas atléticas vestidas por ela) que atribui à Rebeca (Portador do processo visual) uma identidade de “mulher atlética e ativa”, “jovialidade”, “mulher descolada e na moda”.

A pose de segurar o tênis e exibi-lo aos seguidores do Instagram é menos uma ação narrativa do que a própria ação de exibir o produto, envolvido em um conceito

pensado pela marca. Poder-se-ia optar por fazer a publicidade com Rebeca correndo, utilizando o tênis, mas, em se tratando de um lançamento de produto, o objetivo da foto parece ter sido fazer o interlocutor aderir ao consumo primeiramente por uma atribuição de características conceituais.

A imagem presente na figura 18 é um exemplo de estrutura sugestiva simbólica porque apresenta um participante representado segundo as características descritas por Kress e Van Leeuwen: os detalhes do que parece ser a fotografia de uma mulher foram apagados em um efeito de edição de “borrão”, causando perda da nitidez da fotografia; a silhueta da imagem é o que é focalizado, como os cabelos loiros e longos, a pele branca e o que parece ser uma camiseta regata.

Figura 18 – Estrutura sugestiva simbólica



Fonte: Perfil @DISC0D0WN na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/DISC0D0WN/status/1420840026359963650>. Acesso em: 26 out. 2023.

A parte verbal diz “um design de personagem é aquele que pode ser identificado pela sua silhueta sozinha”. O post faz parte de uma prática – de um meme – que circulou na rede social X/Twitter em 2021, de apresentar personalidades ou personagens famosos com traços mínimos que os identificam (como suas silhuetas, penteados ou peças de roupas características).

No caso do post de @DISC0D0WN, provavelmente a participante representada é a cantora norte-americana Britney Spears, mas parte do humor nos comentários consiste em desvirtuar a representação original e mostrar outros personagens que não têm relação com a personalidade apresentada. Assim, o texto (e os memes relacionados a essa prática) tendem a representar os participantes em termos de uma essência generalizada, de forma que sua identidade ou significado parecem vir “do interior do Portador”.

3.2.2 *Significados interativos*

Os significados **interativos** são apresentados nos capítulos 4 (Representação e interação: fazendo o design da posição do observador) e 5 (Modalidade e validade: fazendo o design de modelos de realidade) da GDV. Esses significados se referem à interação entre os produtores da imagem e os espectadores, seguindo a ideia da metafunção interpessoal de Halliday. Para compreender melhor a diferença entre significados interativos e representacionais, os autores diferenciam *participantes interativos* de *participantes representados*. Estes são as pessoas, as coisas, os lugares representados na imagem; aqueles são as pessoas que se comunicam entre si por meio da imagem (os produtores e os espectadores). Há três relações entre esses participantes: (1) relações entre participantes representados (tratadas na metafunção ideacional); (2) relações entre participantes representados e interativos; e (3) relações entre participantes interativos.

Os participantes interativos são as pessoas reais que produzem a imagem e conferem sentidos a elas no contexto das instituições sociais que organizam o que e como pode ser comunicado por imagens e como devem ser interpretadas. No entanto, na maioria das comunicações por imagens, não se pode ter acesso direto aos seus produtores ou aos

seus espectadores, nem saber ao certo quem são⁴³. Isso, de forma alguma, constitui um problema no que se refere ao tratamento analítico: os conhecimentos explícitos ou implícitos que se têm acerca dos recursos imagéticos são o que permite a articulação dos significados interativos.

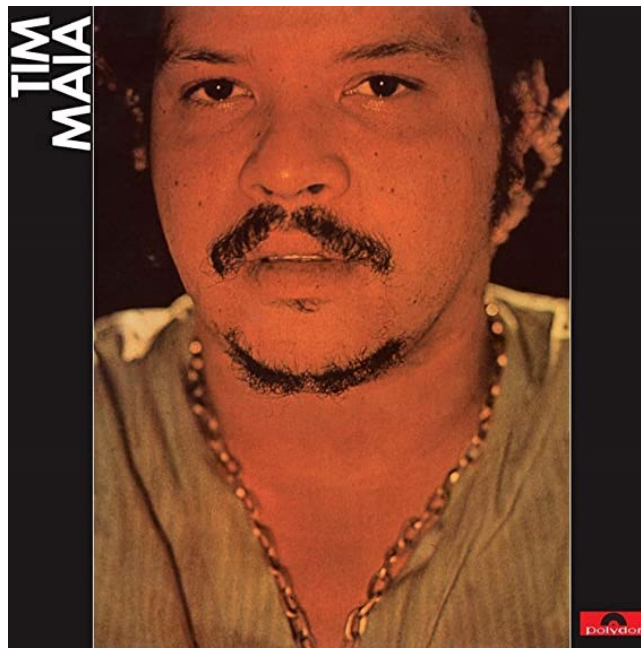
As três relações de que se falou podem ser apreendidas por algumas categorias, ou subsistemas, dos significados interativos.

- **Contato:** são significados estabelecidos pelo olhar do participante representado em contato com os espectadores da imagem. Esse participante pode ser humano ou uma figura qualquer personificada: o importante é ter olhos sendo representados.
 - O contato por **demanda** é criado quando um participante da imagem olha diretamente para o espectador, funcionando como um apelo visual direto por meio de um “tu” visual, ao mesmo tempo em que constitui um “ato imagético”, em que se demanda algo do espectador – sua atenção, a criação de uma relação imaginária (de sedução, compaixão, humor, dependendo das expressões faciais e do ambiente).

No texto pertencente ao gênero capa de disco, visto na figura a seguir, o olhar do cantor Tim Maia está direcionado à câmera e, por consequência, ao espectador do disco, que é levado a criar com o cantor uma relação imaginária (de sedução, de desejo, de interesse em adquirir o produto e consumir sua arte etc.).

⁴³ Os autores da GDV dão exemplos de situação em que temos acesso aos produtores da imagem: quando fazemos um diagrama na presença de alguém para explicar uma ideia, ou quando rabiscamos um mapa na presença de alguém para que ele saiba a direção para algum lugar.

Figura 19 – Olhar de Demanda



Fonte: Amazon. Disponível em: <http://encurtador.com.br/djDKU>. Acesso em: 20 nov. 2022.

- O contato por **oferta** se dá em imagens em que o olhar dos participantes representados se desvia do olhar do espectador. Nesse caso, a imagem se dirige de forma indireta a quem a vê, o que cria um efeito de sentido de que o participante da imagem se oferece ao espectador, como item de informação, objeto de contemplação, de forma impessoal, como se fossem itens em um display.

A capa do disco *Refavela*, de Gilberto Gil, trabalha com essa estratégia, ao “oferecer” o cantor na capa do vinil ao seu espectador, como um objeto de contemplação que deve ser adquirido e ouvido, diferentemente do exemplo de Tim Maia.

Figura 20 – Olhar de Oferta



Fonte: Amazon. Disponível em: <http://encurtador.com.br/fKSV5>. Acesso em: 20 nov. 2022.

- **Distância social:** essa categoria se relaciona ao tamanho do enquadramento (plano próximo, médio e aberto), variando entre uma distância mais pessoal, uma social e uma impessoal – há, na verdade, um *continuum* entre essas categorias. Representar um participante (pessoas, objetos, paisagens) em um plano próximo cria uma sensação mais pessoal e íntima, de forma que essa proximidade vai se perdendo conforme o plano de enquadramento fica mais distante, até um plano mais aberto, que cria um efeito de impessoalidade devido à distância dos participantes. Kress e van Leeuwen (2021) ressaltam que essas relações são imaginárias, no sentido de que são efeito criado pela imagem – participantes são representados como se fossem nossos íntimos, ou objetos impessoais.

As figuras a seguir mostram uma gradação que vai de um plano mais próximo e pessoal a um plano mais afastado e impessoal.

Figura 21 – T13 – Distância mais pessoal



Fonte: Perfil @g1pernambuco na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/g1pernambuco/status/1379566128566042625>. Acesso em: 26 out. 2023.

Figura 22 – T16 – Distância social



Fonte: Perfil @g1goias na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/g1goias/status/1379569270640762882>. Acesso em: 23 out. 2023.

Figura 23 – Distância mais impessoal



Fonte: Perfil @geglobo na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/geglobo/status/1380300672583790595>. Acesso em: 26 out. 2023.

Ressalte-se que, mesmo no caso da uma distância mais impessoal, como a figura acima, a atuação dessa categoria imagética não se dá isolada das outras categorias textuais, como o tópico discursivo, nem do contexto mais amplo de produção ou dos posicionamentos discursivos. Portanto, um plano fotográfico mais afastado não significa que a imagem é, em si, objetiva e impessoal, desvinculada de posicionamentos.

O que há é um jogo de sentidos: o produtor da imagem desejou mostrar a torcida da figura 23 *como se fosse objetiva*, mas, como será visto melhor nas análises, não há nada de objetivo ou impessoal na temática da covid-19. A exibição da torcida em uma distância impessoal pode atuar, nesse caso, como premissa para a conclusão de que o time do Athletico-PR está preocupado com a saúde de seus jogadores, torcedores e sócios; portanto, é um time comprometido com o combate da doença (ao contrário de outros times que não seriam, como se poderia inferir).

- **Atitude subjetiva:** esses significados são construídos pelos ângulos da imagem. Apesar do nome “subjetivo”, essas atitudes são socialmente codificadas⁴⁴.

⁴⁴ Segundo Kress e van Leeuwen (2021), o sistema de ângulos, na sociedade ocidental, foi desenvolvido durante o Renascimento e é uma das regularidades mais ressaltadas por manuais de fotografia e cinema até hoje.

- **Ângulo horizontal:** essa categoria se dá em *continuum* e opõe significados de envolvimento ou de indiferença entre participante representado e participantes interativos (tanto o produtor quanto o espectador). Um ângulo mais frontal cria um efeito de que os participantes interativos estão mais envolvidos com o que é representado, como se fossem parte de um mesmo “mundo”, tendo assuntos em comum. Um ângulo mais oblíquo cria o efeito contrário, de indiferença, desinteresse ou distanciamento; é algo à parte, não faz parte do mesmo “mundo”.

Observando a figura a seguir, nota-se a estratégia de mostrar o senador Paulo Paim em um ângulo frontal como forma de “trazer” o espectador da imagem para o mesmo “mundo” da chamada: ele deve refletir sobre o posicionamento do governo brasileiro frente à questão da quebra de patente de vacinas. Reforçam isso a distância pessoal e a gesticulação do senador para a câmera.

Figura 24 – Ângulo horizontal frontal



Fonte: Perfil @SenadoFederal na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/SenadoFederal/status/1379538653437952000>. Acesso em: 26 out. 2023.

Já no caso da figura 25, a estratégia é mostrar a cena da equipe de saúde em um ângulo oblíquo. Isso não significa que o espectador da imagem fica alheio à cena. O significado do ângulo, nesse contexto, é exibir o ocorrido ressaltando seu caráter de ser “outro mundo”, diferente do mundo do leitor do G1, como se o texto dissesse ao

interlocutor: “veja o que acontece longe de você, em uma realidade diferente da sua, uma realidade mais cheia de dificuldades”.

Figura 25 – T2 – Ângulo horizontal oblíquo



Fonte: Perfil @g1 na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/g1/status/1379452587099889664>. Acesso em: 26 out. 2023.

- **Ângulo vertical:** Um efeito de poder do observador (sobre o participante representado) é obtido com um ângulo alto; um efeito de poder do participante (sobre o observador) é obtido com um ângulo baixo. Entre os dois, há a possibilidade de um ângulo no nível do olho, que cria uma relação de igualdade. Essa categoria também se dá em um *continuum*, já que o ângulo pode se alterar verticalmente em vários graus. Quando mais alto, mais temos impressão de que temos poder sobre aquilo que está representado.

A figura 26 é um caso em que o observador da imagem “tem poder sobre” o que é mostrado: o interlocutor da chamada estaria em uma condição melhor do que as vítimas de óbitos de covid-19, mostrados num enterro na fotografia.

Figura 26 – T18 – Ângulo vertical alto



Fonte: Perfil @g1ceara na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/g1ceara/status/1379500831565885454>. Acesso em: 26 out. 2023.

Já na figura 27, o efeito pretendido é de que o observador da cena de uma conferência entre jornalistas e o ex-presidente Jair Bolsonaro “tem menos poder” do que os participantes representados na fotografia. Um efeito possível é de que o interlocutor estaria à mercê das atitudes e dos comentários dos participantes representados (os jornalistas, representando a mídia, ou o ex-presidente, representando o governo federal). Levando em consideração o texto todo, cujo foco é abordar o número de jornalistas mortos por covid-19 no Brasil (o país que mais mata essa categoria), provavelmente o objetivo da chamada é colocar interlocutores e jornalistas como estando “sob o poder” das atitudes do Estado no tocante à pandemia.

Figura 27 – T23 – Ângulo vertical baixo



Fonte: Perfil @Metropoles na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/Metropoles/status/1379565832720769024>. Acesso em: 26 out. 2023.

- **Atitude objetiva:** figuras técnicas e científicas, como diagramas, mapas e tabelas, geralmente codificam uma atitude objetiva, o que tende a ser feito ou por um ângulo frontal, ou por um ângulo perpendicular de cima para baixo, já que esses ângulos tendem a neutralizar os efeitos da perspectiva dados pela atitude subjetiva. É importante destacar que esse é um efeito pretendido, e não significa que, de fato, mapas, diagramas, tabelas são objetivos (como se viu anteriormente na análise do exemplo do mapa da figura 16).

Figura 28 – Atitude objetiva



Fonte: Peron (2022).

Um exemplo bastante claro do potencial argumentativo de um diagrama é o conhecido esquema feito pelo procurador Deltan Dallagnol, chefe da Operação Lava Jato (figura 28). Nele, Dallagnol procurou mostrar índices que colocariam Lula como comandante de operações de lavagem de dinheiro e corrupção. Os elementos de um diagrama são vistos “de frente”, ângulo que procura eliminar uma atitude subjetiva e mostrar o autor como alguém que seria isento, que apenas mostra os fatos. O espectador desse tipo de imagem, caso adira a essa estratégia, deve considerar o locutor do texto como alguém impessoal. No entanto, esse é um efeito apenas pretendido, mas não deixa de ser um efeito possível sobre dados interlocutores.

Outra categoria é a de **modalidade**, que, inspirada na Linguística, significa o grau de verdade e credibilidade de afirmações sobre o mundo. Na comunicação visual, tendemos a dar mais credibilidade a alguns tipos de mensagens, como as fotografias de jornais, pois, no senso comum, foi-se construindo a ideia de que uma fotografia não mente e que reportagens são mais confiáveis que, por exemplo, narrativas ficcionais.

No entanto, a abordagem da sociossemiótica não pode determinar a verdade ou a falsidade absoluta de representações, nem mesmo da fotografia. O que essa abordagem faz é analisar índices semióticos que fazem com que determinada construção visual seja representada *como se fosse verdade, ou ficção, mentira*. Kress e van Leeuwen

(2021) elaboram o conceito de **orientação de codificação**⁴⁵ para analisar diferentes formas de representar a realidade, dentre as quais a fotografia é apenas uma.

- **Orientação naturalística:** é baseada na percepção (no sentido da percepção do olho humano) e no senso comum, aquela que a fotografia representa. Até então, o padrão naturalístico de representação tem sido a norma no mundo ocidental. Nesse tipo de codificação, quanto mais próxima uma representação for do que o olho humano enxerga, maior o seu grau de verdade.

No exemplo a seguir, para atestar a veracidade dos fatos, os autores da notícia inserem uma fotografia de uma mulher que foi, pela primeira vez, ao estádio no Qatar, país que sediou a Copa do Mundo de 2022. Caso se empregasse uma ilustração, por exemplo, os sentidos da notícia seriam outros, o que, inclusive, poderia causar um estranhamento nos leitores e diminuir sua adesão aos pontos de vista pretendidos pelo texto – reforçar a necessidade de mulheres frequentarem espaços prototipicamente masculinos; advogar pela igualdade de direitos de mulheres muçulmanas em teocracias que minam os direitos femininos etc.

Figura 29 – Orientação naturalística



A qatari Deema Mansur, 22 anos, estava emocionada na partida entre Qatar e Equador pela Copa
Imagem: Diego Garcia/UOL

Elas cruzaram os portões do estádio Al Bayt com o semblante emocionado e não hesitaram ao parar alguns minutos para

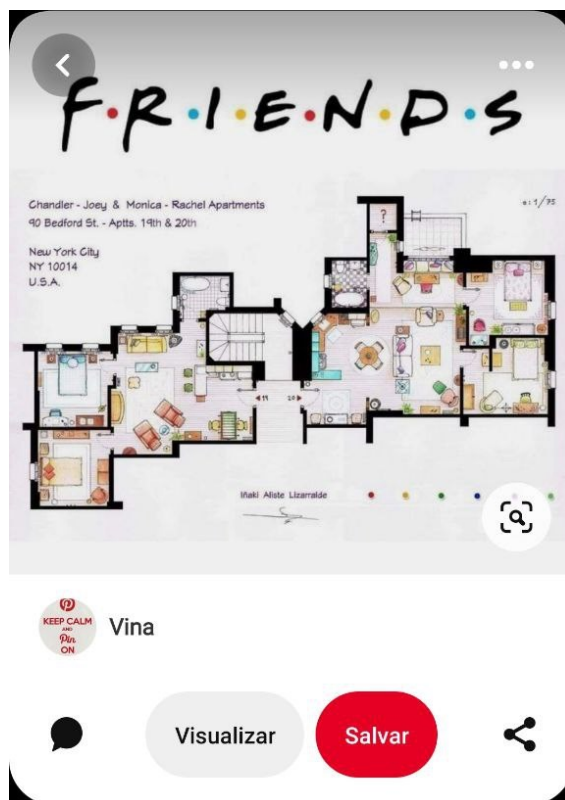
Fonte: Uol. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2022/11/20/mulheres-do-qatar-va-ao-estadio-pela-1-vez-tive-vontade-de-chorar.htm>. Acesso em: 20 nov. 2022.

⁴⁵ Termo emprestado de Bernstein. Os autores citam esta fonte: BERNSTEIN, C. Codes, modalities and the process of cultural reproduction: A model. **Language and Society**, n. 10. p. 327-363.

- **Orientação tecnológica:** é baseada em um critério pragmático, no sentido de que é útil em representações visuais que funcionam como uma espécie de “planta baixa” (no sentido da Arquitetura, mas não somente). A primeira observação de Kress e van Leeuwen é que, por exemplo, a presença de muitas cores teria baixa validade, ao contrário da naturalística. No entanto, com o estabelecimento da cultura digital e as possibilidades criadas por *softwares* de representação tecnológica e as mudanças nas práticas discursivas, a questão das cores e dos esquemas tecnológicos não deve ser vista de maneira estanque.

A prática da Arquitetura hoje exige que os profissionais da área, por exemplo, apresentem plantas detalhadas, com paletas de cores harmoniosas, o que exige um domínio das ferramentas que produzem esse tipo de representação. A figura 30 brinca com esse tipo de imagem, ao mostrar uma reconstrução da planta baixa dos apartamentos das personagens da série de TV *Friends*.

Figura 30 – Orientação tecnológica



Fonte: Perfil Vina no Pinterest. Captura feita em dispositivo móvel Android. Disponível em: <https://pin.it/6MUEwFS>. Acesso em: 21 nov. 2022.

- **Orientação sensorial:** é baseada em sensações e é usada em contextos nos quais o “prazer” predomina – em certos tipos de obras de arte, propagandas de comida, de perfumes, mas também em contextos que desejam provocar medo, asco, atenção.

Figura 31 – Orientação sensorial



Fonte: Ads of the world. Disponível em: <https://www.adsoftheworld.com/campaigns/today-we-celebrate-those-who-are-no-longer-here>. Acesso em: 20 nov. 2022.

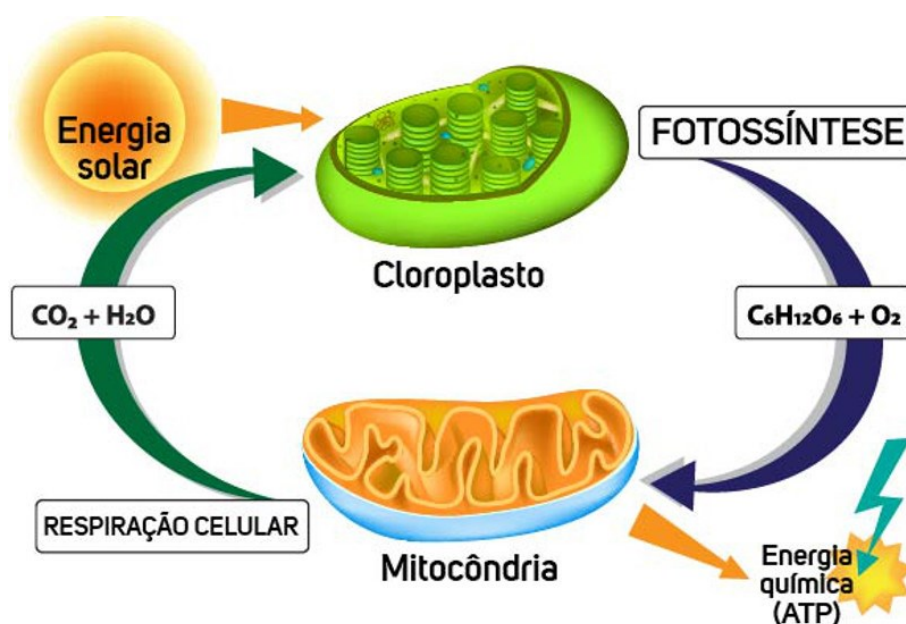
O anúncio da cerveja Sol é um exemplo desse tipo de orientação. A eficácia do projeto argumentativo desse texto advém de uma extrapolação de uma representação naturalística: as cores quentes e as ilustrações das famosas caveiras feitas no Dia dos Mortos contribuem para que um possível consumidor se sinta atraído pelo texto, que visa “celebrar aqueles que não estão mais aqui” e fazer o interlocutor comprar o produto.

- **Orientação abstrata:** é baseada em um critério mais conceitual, no qual a validade de representações é mais alta quando elas reduzem o específico ao geral, a representação de muitos detalhes à representação de qualidades essenciais. É típica das belas-artes e da ciência, e a habilidade de conseguir produzir e ler esse tipo de codificação é uma marca de distinção cultural e intelectual.

No contexto didático, no ensino de ciência naturais, por exemplo, é exigido, cada vez mais, que os alunos sejam capazes de interpretar esquemas e diagramas que representam processos físicos, químicos e biológicos. A figura 32 mostra um esquema ilustrado da respiração celular em plantas que, ao mesmo tempo em que reproduz um processo de forma generalizada, apresenta-o de forma lúdica e colorida.

Kress e van Leeuwen (2021) reconhecem que, na era da cultura digital, pode haver uma convergência das orientações. Devido às possibilidades dos *softwares*, hoje esses esquemas abstratos e gerais procuram se aproximar de uma representação naturalística e despertar sensações (orientação sensorial) nos espectadores. Por isso, deve-se sempre ter em mente que as categorias do design visual não são estanques, e é preciso descrever o uso concreto, tendo em vista a cultura em que a imagem se insere, as práticas discursivas que a perpassam, as possibilidades tecnológicas etc.

Figura 32 – Orientação abstrata



3.2.3 Significados composicionais

Outros tipos de significados são os **composicionais**, a aplicação visual da metafunção textual de Halliday. Os significados representacionais e os interativos são relacionados e integrados num todo, e a forma como se dá a distribuição desses elementos em um layout gera diferentes sentidos, os quais são descritos nessa metafunção. Algumas das categorias são descritas a seguir.

- **Valor de informação:** o posicionamento dos elementos na composição visual os dota com valor informacional específico relacionado às várias zonas da imagem, como esquerda e direita, parte superior e inferior, centro e margem.
 - **Dado-Novo:** essa oposição é obtida pelo contraste da posição horizontal na imagem. Os elementos colocados à esquerda são chamados de Dado, apresentados como se fossem já conhecidos e pontos de consenso na mensagem; os elementos à direita são Novos, apresentados como uma informação que não é conhecida ou que não é objeto de consenso.

A figura a seguir foi retirada de um canal no Telegram. O post noticia que o ex-vereador Gabriel Monteiro, do Rio de Janeiro, teve prisão decretada após denúncias de estupro. A estratégia visual é dividir a composição em duas zonas, a que são atribuídos sentidos diferentes. Do lado esquerdo, uma foto de Gabriel falando em um microfone, vestido formalmente, deve ser interpretada como Dado, isto é, objeto de conhecimento do interlocutor: o post quer apresentar essa imagem do ex-vereador como já conhecida – mesmo que o leitor não o conhecesse antes, deve-se ter em mente seu *ethos* de político.

A imagem da direita, a zona Nova, deve ser interpretada como uma informação ainda não conhecida (mesmo que o interlocutor já conhecesse o posicionamento de Gabriel): ele usa uma camisa em apoio ao político Jair Bolsonaro, em um tom menos formal que a parte Dada da composição. Dessa forma, encaminha-se, implicitamente, o leitor da nota a associar um ex-vereador acusado de estupro ao apoio ao Jair Bolsonaro, como se isso constituísse um vínculo causal. Vê-se mais um caso de texto de dimensão argumentativa que não afirma nada explicitamente, mas guia o interlocutor a certas maneiras de pensar, e revela um posicionamento do canal Acesso.

Figura 33 – Dado-Novo



Fonte: Canal Acesso no Telegram. Disponível em: <https://t.me/AcessoCanal>. Acesso em: 7 nov. 2022.

- **Ideal-Real:** esse par se dá no eixo vertical da imagem, de forma que elementos posicionados na parte superior são lidos enquanto uma essência generalizada ou idealizada da mensagem (Ideal) e elementos posicionados na

parte inferior complementam essa essência com detalhes factuais e práticos (Real).

Figura 34 – T20 – Ideal-Real



Fonte: Perfil @GloboNews na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/GloboNews/status/1379574262793637890>. Acesso em: 26 out. 2023.

O post T20 contém uma imagem que trabalha com a distribuição de informação no layout no eixo Ideal-Real. “Covid-19 no Brasil”, em destaque e numa tipografia maior, constitui a parte Ideal, a essência generalizada do texto: pode ser interpretada como um resumo geral. Já “Dados do consórcio de veículos de imprensa” e o logotipo da Globo News integram a parte Real, isto é, factual da mensagem: a Globo News e o consórcio de veículos da imprensa atestam os fatos da mensagem generalizada, é deles que advém o teor “real” do texto.

- **Centro-Margem:** o elemento posicionado no Centro é representado como o cerne da mensagem, e as Margens formam elementos associados que derivam sua unidade e coesão a partir do Centro. Esses dois elementos são dispostos simetricamente, e a distância que as Margens têm do Centro indica a força de sua associação a ele.

Figura 35 – Centro-Margem



Fonte: Santos e Plassman (2020).

A fotografia acima é intitulada *uM RitO pRos meus passÁ* e foi produzida no contexto de uma performance/ensaio fotográfico acerca da ancestralidade nos rituais religiosos de matriz africana. Vê-se que o participante representado colocado ao centro de um círculo deve ser interpretado como aquele do qual emana a ancestralidade, o protagonista do ritual. As velas colocadas ao redor são instrumentos relacionados ao centro, que o auxiliam na sua conexão com a religiosidade da cerimônia.

- **Emolduração**⁴⁶: uma composição visual, como se sabe, é formada por Participantes Representados (pessoas, coisas, objetos, texto escrito, plano de fundo, linhas etc.). Esses elementos podem ser apresentados de forma desconectada ou conectada, em um *continuum* que vai de um efeito de forte semelhança e junção até uma forte diferença e separação entre os elementos, ou entre o elemento e o contexto em que está inserido. Esses efeitos podem ser criados, dentre outras possibilidades, por

⁴⁶ No original, *framing*, que pode ser entendido como o processo de colocar uma moldura, um quadro, em torno de algo.

molduras, linhas, espaços não preenchidos, contraste de cor. A sobreposição de elementos ou a integração num mesmo espaço são também formas de criar um efeito de desconexão ou de conexão.

Dentre as estratégias de desconexão de elementos, Kress e van Leeuwen (2021) citam a separação, a segregação e o contraste visual. A figura 36 é um exemplo de **segregação** visual por meio das pequenas barras dispostas ao longo da fila e da faixa que as conecta, elementos que separam as pessoas que estão na fila do ambiente fora dela. Ao passo que as pessoas formam uma unidade (a taxonomia “fila”), elas são apresentadas como distintas de quem está de fora, isto é, de quem ainda não está apto para aguardar sua vez na vacinação contra a covid-19, o tópico do texto.

Figura 36 – T4 – Segregação



Fonte: Perfil @bbcbrasil na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/bbcbrasil/status/1379508464200867847>. Acesso em: 26 out. 2023.

A **separação** é entendida como o uso de espaços não preenchidos para diferenciar elementos. Um efeito disso é que os elementos separados dessa forma tendem a ser vistos como diferentes entre si a partir de certos aspectos, mas semelhantes a partir de outros. Por exemplo, a figura 37 mostra as seleções que disputaram no grupo G da Copa do Mundo de 2022 no Catar. O espaço que separa os elementos indica que cada seleção é diferente entre si, mas, ao mesmo tempo, elas estão unidas porque fazem parte do mesmo grupo de disputa.

Figura 37 – Separação



📷 Brasília, 1º de abril de 2022. Sorteio das chaves para a Copa do Mundo do Catar. Grupos.
Cadu Ibarra/CB/D.A. Press

Fonte: Correio Braziliense. Captura de tela em computador Windows. Disponível em:
<https://www.correiobraziliense.com.br/esportes/2022/04/4997561-copa-do-mundo-2022-brasil-e-o-cabeça-de-chave-do-grupo-g-veja-rivais.html>. Acesso em: 21 nov. 2022.

A seguir, tem-se um exemplo de **contraste visual** bastante evidente entre a fotografia de fundo e o elemento tipográfico “urgente” colocado em fundo vermelho centralizado na composição. O contraste visual é obtido por meio de qualquer diferenciação visual ou tipográfica entre elementos para indicar que devem ser entendidos como distintos entre si. Ao mesmo tempo, a composição usa uma das estratégias de conexão, a **integração**, definida como a ocupação, no mesmo espaço, de dois elementos, como tipografia e fotografia, tal qual a figura 38.

Figura 38 – T11 – Contraste visual e Integração



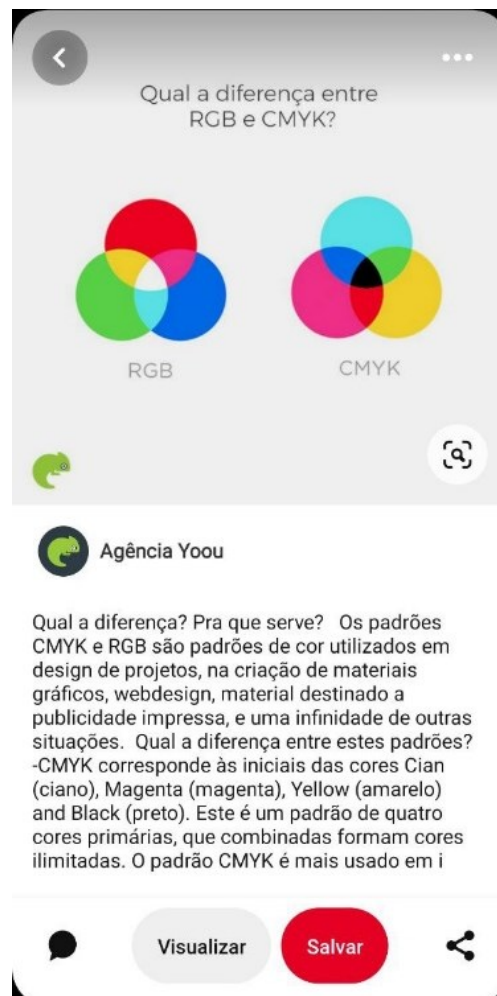
Fonte: Perfil @gzhdigital na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/gzhdigital/status/1379548409141587968>. Acesso em: 26 out. 2023.

Além da integração de elementos no mesmo espaço, há a sobreposição (figura 39) e a rima visual (figura 40). A **sobreposição** é a estratégia de fazer um elemento extrapolar os limites de uma emolduração para criar um efeito de sentido de que duas coisas que, *a priori*, deviam estar separadas, na verdade têm uma relação entre si.

No exemplo trazido, tem-se a comparação entre dois sistemas de cores, o RGB (do inglês, *red*, *green* e *blue* – vermelho, verde e azul), recomendado para projetos visualizados em telas, e o CMYK (*cian*, *magenta*, *yellow* e *black* – ciano, magenta, amarelo e preto), recomendado para projetos de design que serão impressos. Os círculos que representam as cores primárias de cada sistema se sobrepõem uns aos outros para mostrar ao espectador as cores secundárias formadas a partir de sua mistura – por exemplo, no sistema CMYK, a mistura de ciano e amarelo forma a cor verde, vista na interseção das duas cores primárias. A estratégia desses esquemas de cores é mostrar que o espaço visual de cada cor primária foi extrapolado, de forma que uma conexão foi estabelecida entre cada elemento que, a princípio, estaria desconectado.

Note-se que a estratégia da sobreposição é aplicada apenas no escopo dos dois diagramas mostrados na figura. A composição, vista como um todo, usa a estratégia da separação para conectar os dois esquemas e obter, em termos representacionais, uma taxonomia (“esquemas de cores”).

Figura 39 – Sobreposição



Fonte: Perfil Agência Yoou no Pinterest. Disponível em: <https://pin.it/7mhViH8>. Acesso em: 21 nov. 2022.

A última estratégia de conexão visual é a **rima visual**. Ela é obtida quando elementos visuais têm alguma qualidade em comum (a mesma cor de fonte, algum elemento gráfico igual ou parecido etc.; há muitas formas de obter esse efeito). Por exemplo, na figura 40, observa-se um grupo de profissionais da saúde ao redor de um paciente acamado e intubado. Os profissionais usam roupas da mesma cor e viseiras com um elemento laranja em suas cabeças. Esses elementos criam uma rima entre os participantes representados e servem para indicar uma qualidade em comum (o fato de serem profissionais de saúde).

Figura 40 – T12 – Rima visual



Fonte: Perfil @congressoemfoco na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/congressoemfoco/status/1379563604949807107>. Acesso em: 26 out. 2023.

- **Saliência:** a saliência é uma propriedade que permite atribuir mais atenção a certos elementos no layout. Essa propriedade se combina com as outras, de modo que o Dado, ou o Novo, pode ser mais saliente, a Margem pode ser mais saliente que o Centro etc. – não há uma relação predeterminada entre categorias. A saliência pode ser construída por vários fatores da visualidade, como tamanho, foco mais nítido, contraste de tons, contraste de cor, posição no layout, perspectiva etc. Além desses, a saliência em determinado elemento pode ser dada por fatores culturais, como a aparência de figura humana ou um objeto cultural significativo em determinada comunidade. Salientar certos elementos pode servir até mesmo de guia de leitura num layout.

Na imagem a seguir, a saliência é dada aos elementos “verificamos” e “É falso”, destacados do restante da publicação pelas cores. A Agência Lupa é especializada em apurar fatos veiculados por *fake news* e notícias suspeitas que circulam na internet. No post, coloca-se, na posição de Ideal, um print da notícia investigada; na parte Real, factual, afirma-se que a Agência verificou que tal notícia é falsa. Os elementos mais

salientes destacam justamente a razão de ser dessa agência: verificar e atestar se algo é falso ou não.

Figura 41 – Saliência



Fonte: Perfil @agencia_lupa no Instagram. Captura de tela em celular Android. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CkrW-cPIOIo/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 7 nov. 2022.

Cada uma das categorias do Design Visual tem muito a contribuir com uma análise dos efeitos argumentativos, porque essas categorias são frutos de escolhas dos

sujeitos produtores, a partir de uma série de possibilidades que foram moldadas pela comunidade sociodiscursiva na qual estão inseridos – escolhas que nem sempre são feitas de maneira consciente, mas que não deixam de encaminhar os interlocutores para perceber certos posicionamentos. A questão das escolhas pode ser relacionada ao que Macedo (2018) chama de “presentificação” de elementos no texto, isto é, o locutor escolhe algum elemento e deixa outros de fora, o que em si é um movimento argumentativo.

Além disso, esses conceitos também têm muito a contribuir com os critérios de análise em Linguística Textual, porque o entendimento sobre escolhas visuais pode deixar uma análise das estratégias de textualização mais rica, ao fornecer conceitos pensados especificamente para esse modo semiótico, de modo que não se reduza o visual ao verbal, preocupação constante, como vimos, nos pensadores de argumentação multimodal.

4 LINGUÍSTICA TEXTUAL

Depois de explicar os conceitos de argumentação e de multimodalidade que serão usados por nós em nossa investigação, neste capítulo apresentamos os principais pressupostos assumidos por nosso estudo, situado no escopo da Linguística Textual, que farão uma interface com os estudos em argumentação multimodal e com os estudos em multimodalidade apresentados anteriormente. Acreditamos que a LT pode ser palco para tal interface porque seu objeto de investigação, o texto, é amplo e multifacetado, permitindo a observação desses fenômenos, e que nossos critérios de análise, como os processos referenciais, podem contribuir para evidenciar as estratégias de argumentação utilizadas em textos verbo-imagéticos.

Em primeiro lugar, no exame do texto como objeto de pesquisa, é preciso distanciar-se do que o senso comum acredita que seja um texto: geralmente, é entendido como conjunto de frases (escritas) de uma certa extensão superior a uma frase. Já para a LT, conforme Cavalcante *et al.* (2019, p. 26), o texto é entendido como “um enunciado (no sentido dado a esse termo por Brait, 2016), que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de sistemas semióticos”.

Nesse sentido, o que faz o texto não é sua extensão ou o fato de ser escrito, mas o fato de ser um evento comunicativo em contexto, expresso por uma combinação de sistemas semióticos. Assim, um romance; uma curta frase de “Socorro!” dita em uma situação de perigo; um filme; um cartaz; um post no Instagram etc. são considerados textos, porque eles efetivamente ocorrem no mundo e são unidades a partir das quais os interlocutores (quem escreve e quem lê) podem negociar os sentidos – sentidos sempre no plural, pois entende-se que não há um único e verdadeiro sentido correto para um texto, mas possibilidades, delimitadas por alguns indícios contextuais.

Diz-se que esses sentidos são construídos por parceiros da interação textual. Nesse sentido, fala-se em interlocutores para ressaltar o caráter intersubjetivo da atividade de produção e circulação de texto. No entanto, para nós, os analistas, o interesse não recai exatamente nem somente sobre o momento da produção ou da recepção, mas sobre uma espécie de reconstrução dos dois, tendo em vista a unidade de comunicação e de interação com a qual temos contato. Essa posição analítica é denominada por Charaudeau (2020)

como o estudo dos efeitos possíveis – aqueles entre os efeitos visados (que estão na alçada do sujeito produtor do enunciado) e os efeitos produzidos (que pertencem ao sujeito receptor) –, posição assumida pela LT em Oliveira (2020) e Cavalcante *et al.* (2020).

Voltando à definição de Cavalcante *et al.* (2019), assumir que o texto é um enunciado é comungar com a ideia do dialogismo bakhtiniano de que essa unidade acontece concretamente, mas considerando que as “relações de sentido que instituem o texto como unidade de coerência são construídas numa situação enunciativa imediata simulada” (p. 27). Isto é, tomamos o texto como um enunciado que efetivamente ocorreu em dada situação, mas, no nível do tratamento das relações de sentido, não examinamos os sujeitos empíricos, num espaço e tempo reais, mas uma “encenação criada pelo universo textual a cada vez” (Cavalcante *et al.*, 2019, p. 27). As relações de sentidos, segundo os autores, são instauradas pela negociação entre os parceiros da enunciação, pelos indícios cotextuais integrados ao contexto sociocultural, pelas determinações do gênero discursivo, pela contenda argumentativa que orienta essa negociação.

O texto é considerado um evento na medida em que “acontece cada vez que se enuncia, de maneira única e irrepetível, em um contexto sócio-histórico. Os elementos que imprimem sentido a um texto são, de fato, singulares para cada situação” (Cavalcante *et al.*, 2019, p. 28). Nesse sentido, o que uma abordagem gramatical consideraria como o mesmo enunciado (uma frase ou sequência de frases, por exemplo), na LT, pode adquirir sentidos diferentes se colocado em uma situação diferente por locutores distintos, cada qual usando aquele enunciado para um fim persuasivo próprio; ou se for lido por uma pessoa em momentos diferentes de sua vida; se for veiculado em uma mídia distinta (por exemplo, escutar uma canção no rádio ou assistir ao videoclipe dela provavelmente geram sentidos diferentes).

Apesar disso, Cavalcante *et al.* (2019) ressaltam que não é qualquer sentido que pode ser construído para um texto. Eles são guiados pela materialidade, pelos papéis sociais, pelos esquemas mentais, pelos pontos de vista assumidos ou criticados pelos interlocutores, enfim, por múltiplos fatores, o que faz uma análise textual ser bastante poderosa em termos de descrição dos fenômenos observados. Como o texto é um evento em que multimodalidade e argumentação se encontram para construir sentidos, pensamos que investigar a argumentação multimodal segundo as diretrizes da LT é uma pesquisa profícua na agenda de estudos desse campo.

Os autores também destacam que a LT, apesar de pressupor o compartilhamento de conhecimentos diversos na produção e na compreensão de textos em dado contexto social (pressuposição sociocognitivista) e de se interessar pelas relações de interdiscurso que diversas formações discursivas estabelecem (pressuposição discursivista), não tem como objetivo nem testar seus dados a partir de um modelo de análise cognitivo, nem descrever os embates dessas formações discursivas. Na verdade, a Linguística Textual “se ocupa em descrever e explicar as estratégias de colocar em texto (isto é, de textualizar) os propósitos dos interlocutores que agem em práticas discursivas convencionadas como gêneros do discurso” (Cavalcante *et al.*, 2019, p. 17).

O que é fazemos é admitir essas questões como pressupostos teóricos, porque ampliam o potencial de descrevermos nosso objeto, o texto, em suas regularidades que colaboram para a construção de sentidos em contexto, negociados argumentativamente. Como ressaltam Cavalcante *et al.* (2019, p. 27), “esses diálogos interdisciplinares não querem dizer que incorporamos à Linguística Textual os mesmos conceitos originais das outras vertentes teóricas e, sim, que os acomodamos aos nossos valores e interesses metodológicos”.

Outro conceito reelaborado pela LT é o de sujeito, que é, ao mesmo tempo, estratégico em seu projeto de dizer e sobredeterminado pelos discursos aos quais adere (mesmo que não tenha consciência disso). O texto produzido por esse sujeito é, necessariamente, atravessado por dizeres anteriores – pressuposto bakhtiniano de dialogismo assumido por Cavalcante *et al.* (2019) – e por vozes de seu inconsciente – pressuposto das heterogeneidades enunciavas de Authier-Revuz. A principal consequência disso é que o sujeito é clivado, cindido, e “precisa da ilusão de ter domínio e controle do seu dizer, embora nunca o tenha” (Cavalcante *et al.*, 2019, p. 33). Para os autores, entretanto, esse conceito não impede que se olhe para esse sujeito como alguém que pode planejar seu dizer “arranjando-o conforme seu projeto argumentativo de influência sobre o outro, por se acreditar completamente ‘dono’ de seu dizer, embora não o seja” (Cavalcante *et al.*, 2019, p. 34).

Concordamos com Amossy (2018) quando observa que os sujeitos, quando elaboram seu projeto argumentativo, são tributários das representações coletivas e das evidências que subjazem aos seus discursos, absorvendo-os muitas vezes de maneira

inconsciente, considerando algo evidente, sem se dar conta disso. É nesse sentido que podemos ser estratégicos e influenciados pela *doxa* que nos atravessa inconscientemente.

Esse movimento, inclusive, manifesta-se em outros sistemas semióticos, como bem assevera Amossy (2014) ao discorrer que o posicionamento artístico de Salvador Dalí – que é chamado de “paranoia-crítica” – pode ser constatado não só nos seus escritos, mas principalmente em suas telas e em seus autorretratos. Tal observação vai na direção de Maingueneau (2008), que considera que a prática do discurso também é uma prática intersemiótica, isto é, os mesmos posicionamentos se revelam em discursos de vários sistemas semióticos, não estando restritos ao texto escrito ou oral.

Nesse sentido, falamos do caráter multimodal dos textos, que é assumido pela LT em pesquisas que aplicam critérios como processos intertextuais e processos referenciais para evidenciar o projeto de dizer, que se utiliza de vários sistemas semióticos para se concretizar em interações situadas. Cavalcante *et al.* (2019) adotam o conceito de sistemas semióticos de Kerbrat-Orecchioni (2006 *apud* Cavalcante *et al.*, 2019) como “os diferentes meios e canais de expressão que podem envolver recursos, tecnológicos ou não, para fazer produzir, receber e fazer circular um texto”, correspondendo aos recursos, verbais ou não verbais, usados para se proceder à comunicação. Esse conceito, apesar de nascer na análise interacionista de Kerbrat-Orecchioni, pode ser aproximado do conceito de modo semiótico de Kress (2010) como recursos semióticos socialmente moldados e culturalmente dados para produzir sentidos.

Algumas pesquisas no âmbito da LT já vêm aproximando seus critérios de análise, especialmente a referenciação, de estudos em multimodalidade, a fim de examinar que sentidos são construídos tendo em vista o emprego de múltiplos sistemas semióticos no texto. Capistrano Júnior (2012), Nascimento (2014), Teixeira (2016) e Sales (2017) são algumas das pesquisas que selecionam categorias em multimodalidade advindas da Gramática do Design Visual para relacioná-las aos processos referenciais. Selecionam-se algumas categorias das metafunções descritas por Kress e van Leeuwen (2021), como a composicional, por exemplo, a fim de verificar como se dão a introdução e a retomada de referentes nos textos segundo as categorias de Dado-Novo, Real-Ideal, Centro-Margem, Saliência etc.

Além do caráter multimodal, pode-se falar também numa argumentatividade inerente ao texto. A partir dos pressupostos da LT, é possível abordar uma análise

argumentativa textual, acomodando os pressupostos discursivos e retóricos propostos por Amossy aos nossos objetivos. Cavalcante (2016), Macedo (2018), Oliveira (2020) e Cavalcante *et al.* (2020) realizaram estudos que estabeleceram os principais termos da aproximação entre LT e AAD.

Cavalcante (2016) foi a primeira a observar a possibilidade de uma aproximação entre os pressupostos da LT e da AAD, destacando, nas duas disciplinas, a dimensão intencional do sujeito, que é, ao mesmo tempo, por outro lado, constrangido por posicionamentos ideológicos que o atravessam. Também a autora propõe que a LT possa contribuir com seus critérios de análise para uma análise da argumentação nos discursos, pois, para Cavalcante (2016, p. 116), “os critérios analíticos da LT são como que motivados por uma tentativa de explicação para as escolhas textuais pelas quais o sujeito age sobre o seu dizer, reelaborando-o a todo instante, negociando-o com os prováveis interlocutores”. É por isso que a autora advoga que as estratégias de textualização sejam também estratégias persuasivas.

Macedo (2018) faz uma consideração interessante em relação aos fatos e aos dados do mundo que são usados na composição dos argumentos. Um estudo linguístico da argumentação não lida com dados do mundo em sua dimensão empírica, apesar de a reconhecer, mas com a semiotização desses dados. Isto é, nós nos comunicamos pelas línguas naturais e é por elas que o processo da argumentação se dá, mas as línguas compartilham a realidade de forma negociada, discursivizada, mediada pela linguagem. Inevitavelmente, nunca podemos apreender os dados e os objetos do mundo em sua totalidade, mas apenas uma parte deles, que passa por um processo de seleção.

No entanto, não é apenas por meio das línguas naturais que a argumentação se dá, como vimos anteriormente com os autores de argumentação multimodal. Nem o modo semiótico imagético, por exemplo, conforme Kress (2010), pode representar a realidade como ela é, a qual é sempre mediada pelas restrições e pelas possibilidades das imagens – ou de qualquer outro modo semiótico. Por isso Kress (2010) fala na parcialidade da representação semiótica, e propomos, em nossa pesquisa, que a observação de Macedo (2018) seja estendida à argumentação multimodal. Essa proposta faz coro com a de Cavalcante *et al.* (2020, p. 21), que observam que “a LT aproxima-se da Nova Retórica apenas quanto à preocupação em negociar a seleção de elementos

multissemióticos e dispô-los da maneira mais adequada possível às configurações de sentido vinculadas às finalidades persuasivas do momento”.

Por isso, a definição de argumentação de Cavalcante *et al.* (2020) – como tentativa de influenciar o outro a aderir a uma tese, mas também de simplesmente modificar o modo de ver, pensar, sentir – é apropriada para esta pesquisa, porque, além de se basearem no conceito de Amossy (2018), o qual visa a ampliar o escopo de análise de sua disciplina, não se restringe ao exame dos meios verbais, como faz a analista do discurso. Isso porque, como afirmado anteriormente, o texto não se limita à materialidade linguística, já que, sendo uma unidade de comunicação e coerência, utiliza-se de vários modos semióticos para construir sentidos e influenciar o interlocutor. A comunicação e a coerência não são construídas a partir apenas da língua, mas por um conjunto de fatores semióticos, contextuais, discursivos, sociocognitivos.

O argumento, nesse sentido, não pode ser visto somente como uma sequência de proposições (linguísticas) encadeadas, ignorando o quadro comunicacional em que a interação se dá e os conhecimentos de mundo que são convocados para construir seus sentidos. Também não pode ser visto apenas como um processo cognitivo indiferente à materialidade, sem analisar as especificidades e as restrições de cada modo semiótico. Pensamos que um argumento possa ser entendido como o processo languageiro de passar de premissas a uma conclusão, que pode ser expresso por diferentes modos semióticos e é construído na interação textual, de forma explícita ou implícita.

Como assevera Roque (2019), a visada e a dimensão argumentativa são também observadas em outros modos, como o visual, de forma que há tanto imagens usadas para projetos argumentativos confessos quanto imagens usadas para simplesmente reorientar as maneiras de ver uma determinada questão, fazer perceber um ponto de vista. É por isso que podemos analisar textos que são aparentemente objetivos nessa perspectiva ampla de argumentação, como os jornalísticos, porque, mesmo que não visem fazer o outro aderir a uma tese, fazem o interlocutor atentar para uma determinada questão que se quer fazer ver como importante e relevante na comunicação.

Outro ponto importante é que consideramos que um argumento não preexiste à interação textual, pois o argumento só pode ser apreendido por meio dos critérios textuais de análise. Nossa pesquisa propõe os processos referenciais como critério analítico, porque consideramos que os argumentos são inferidos a partir do movimento

ilativo das redes referenciais em torno de um tópico e de um ponto de vista. Como analisamos textos verbo-imagéticos e os processos referenciais consideramos válidos os diversos modos semióticos (que incluem as expressões referenciais e os recursos visuais), esse critério torna-se bastante apropriado.

A título de exemplificação de como o argumento é percebido sob a lógica da construção referencial, observe-se novamente o texto T11, uma chamada que anuncia o recorde de mortes por covid-19 em 24h, no dia 6 de abril de 2021.

Figura 42 – T11



Fonte: Perfil @gzhdigital na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/gzhdigital/status/1379548409141587968>. Acesso em: 26 out. 2023.

Parte da construção de sentidos do texto, acreditamos, se dá (ou pode ser dar) em termos de reconstrução de raciocínios. No exemplo acima, podemos nos perguntar qual a dimensão argumentativa dessa chamada, isto é, que modos de pensar e de ver a questão dos números de mortes por covid-19 em 24h no Brasil o interlocutor procura modificar no interlocutor.

Para isso, devemos convocar nossos conhecimentos de mundo acerca das opiniões compartilhadas sobre essa temática e observar que posicionamentos discursivos circulavam na época: de um lado, havia aqueles que acreditavam que a covid-19 era, de fato, uma doença séria, grave. De outro lado, havia aqueles que a consideravam algo não tão grave, ou que mesmo duvidavam da forma como os números de mortos eram contabilizados.

Considerando que o tópico do texto é informar, em caráter de urgência, o maior número de mortos por covid-19 desde o início da pandemia, tem-se aí uma espécie de premissa menor, a qual se liga a uma premissa maior, implícita e deduzida de nossos conhecimentos de mundo, de que doenças graves matam muitas pessoas. A partir dessas duas premissas, há um movimento ilativo de passar à conclusão de que a covid-19, portanto, é uma doença séria, urgente. De forma esquemática, tem-se o seguinte:

- Premissa maior (implícita e inferida a partir da *doxa*): Doenças sérias matam muitas pessoas.
- Premissa menor (explícita): o Brasil registrou 4195 mortes por covid-19 em 24h.
- Conclusão (implícita): Logo, a covid-19 é uma doença séria, urgente.

Na próxima seção (Metodologia), o passo a passo da análise será mais bem detalhado, mas cabe adiantar que nossa análise começa pela reconstrução de raciocínios presentes nos textos analisados, como o demonstrado acima, e segue com a descrição da construção referencial e dos recursos visuais convocados e negociados em torno de entimemas. Dessa forma, buscamos garantir que os raciocínios sejam vistos em contexto e que sejam considerados aspectos textuais em sua descrição. Aqui reside uma contribuição de nossa pesquisa: procuramos não apenas extrair um conteúdo proposicional do texto, mas explicar entimemas a partir do ponto de vista do locutor, dos posicionamentos discursivos que atravessam o texto e dos recursos textuais (escritos e visuais) convocados para modificar as maneiras de ver as questões textualizadas.

Por fim, vale mencionar a centralidade do gênero discursivo na AAD e na LT como forma de diálogo entre as duas disciplinas, como observado por Macedo (2018). A autora nota que essa categoria é central na AAD, em função da relação constitutiva de

um texto e de um contexto discursivo em que ele ocorre, e texto e gênero são conceitos operatórios que se imbricam, não sendo possível pensar textualização sem pensar em constituição de gêneros. De forma parecida, na LT, consideramos que toda interação se dá por algum gênero discursivo, que se realiza por algum texto (Cavalcante, 2012).

Em LT, lidamos com o conceito bakhtiniano de gênero, como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2016, p. 12), que refletem as condições dos campos da linguagem humana por seu conteúdo temático, pelo estilo da linguagem e pela construção composicional. Ressalte-se que nem a LT nem a AAD tem como propósito uma análise de gêneros em si, como aponta Macedo (2018), mas consideram-na uma categoria importante por permitir observar como os sujeitos investem nos critérios relativos aos gêneros para atingir propósitos comunicativos e persuasivos, ou até subvertem essa estabilidade relativa para transgredir as normas.

Mesmo compartilhando desses pressupostos, Macedo (2018) reconhece que há uma divergência conceitual quanto ao sentido de texto nas duas abordagens. Enquanto na LT o texto é uma unidade de comunicação e de sentidos em contexto, a AAD tende a vê-lo apenas como a materialidade linguística (o que chamamos na LT de cotexto), sendo o contexto analisado com observações sobre o discurso, o gênero. Esse é um dos principais distanciamentos entre as duas disciplinas, o que se reflete, naturalmente, nos objetivos analíticos de cada uma. O texto e sua organização são centrais na LT, que os analisa em contexto, considerando os posicionamentos discursivos como algo subjacente, que pode ser revelado pelos critérios de análise textuais.

Assim, a LT pode contribuir para uma análise argumentativa na medida em que as estratégias de textualização passarão a ser pensadas como tentativas de influenciar o outro (Cavalcante *et al.*, 2020). As categorias de ordem textual podem ampliar, segundo Macedo (2018), as possibilidades de desvelar a argumentatividade em situações concretas de uso da linguagem, focalizando a forma como as tentativas de persuadir o outro são organizadas textualmente.

4.1 Processos referenciais

Ao afirmar que a argumentatividade é inerente a qualquer texto, porque, se não busca defender explicitamente uma tese, tem, de forma menos explícita, um propósito

de influência à ação, seja esta imediata ou vindoura, Macedo (2018) propõe que as estratégias de textualização sejam vistas como estratégias de persuasão. É nesse contexto que pretendemos utilizar, em nossas análises, os processos referenciais de introdução e retomada anafórica (ou anáfora) conforme definidos na Linguística Textual, que serão vistos como estratégias argumentativas. O fenômeno da referenciação não restringe sua análise ao contexto estritamente linguístico, mas considera que qualquer materialidade pode introduzir ou retomar referentes no evento comunicativo que é o texto, ativando conhecimentos de toda sorte para a interpretação e a produção textual.

A LT tem entendido a referenciação como o processo altamente dinâmico de construção de referentes (ou objetos de discurso) em um texto (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014). Essa proposta, segundo Mondada e Dubois (2003), surge como oposição à ideia segundo a qual as palavras e as coisas teriam uma correspondência já dada e preexistente, ao que as autoras se referem como o estudo da *referência*. Diferentemente, as autoras propõem que se pense na relação entre linguagem e mundo a partir da proposta da *referenciação* (cuja adição do sufixo *-ção* busca evidenciar o caráter dinâmico dessa atividade), de modo a verificar como os sujeitos negociam, ativamente, representações de categorias do mundo por meio do texto. É por isso que falam dos referentes, nessa proposta, como *objetos de discurso* (e não como *objetos do mundo*), a fim de ressaltar que é na interação discursiva, sociocognitivamente situada, que negociamos interpretações acerca de categorias do real.

Alguns pressupostos guiam os estudos em referenciação. Em primeiro lugar, essa abordagem propõe que a realidade é reelaborada no texto. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) observam que é fundamental compreender, dentro desse quadro teórico, que os objetos do mundo não são elaborados no texto de forma objetiva e imutável, mas são sempre construídos de acordo com as especificidades de cada situação de interação, levando-se em consideração os propósitos dos interlocutores. Nesse sentido, se há uma neutralidade na apresentação e na retomada de um objeto no texto, ela é apenas aparente, porque a forma como escolhemos textualizar as categorias do mundo é um trabalho ativo de interpretação e reelaboração, que revela posicionamentos e, portanto, é fortemente argumentativo. Por isso, Macedo (2018) e Cavalcante *et al.* (2020) relacionam a referenciação a uma estratégia persuasiva.

A reelaboração dos referentes se efetua mediante a necessidade de os sujeitos interferirem na visão de mundo uns dos outros. É precisamente nessa ação (de linguagem) para afetar o outro que reside o caráter argumentativo da construção da referência. (Cavalcante *et al.*, 2020, p. 133)

É nesse sentido que observamos que uma mesma entidade (um evento, um objeto, uma pessoa, ou mesmo um sentimento) do mundo pode ser representada, ou melhor, construída em textos diferentes de formas distintas. Se analisarmos o conflito Israel *versus* Palestina tomando uma notícia de um jornal israelense e outra notícia de um jornal palestino, por exemplo, provavelmente eles darão duas visões bastante diferentes dos fatos, dada a visão de mundo diferente dos dois enunciadores. Nesse sentido, o papel da LT não é verificar qual dos dois jornais estaria representando “fidelmente” a realidade, mas analisar de que forma os dois textos constroem suas visões de mundo observando os elementos que convocam para (re)elaborar a realidade.

Essencial também no quadro da referenciação é entender que ela é uma atividade negociada. Isso implica considerar que essa atividade decorre da ação de sujeitos em interação, que trabalham de forma colaborativa para construir sentidos em todos os tipos de interação. Quando falamos em interação e em negociação, à primeira vista, pode-se pensar que esta é uma atividade que ocorre quando os parceiros da comunicação trocam mensagens sincronicamente, seja num diálogo face a face, numa conversa por telefone; seja não necessariamente de forma sincrônica, mas quando há possibilidade de uma resposta explícita e ativa, como numa troca de e-mails, numa resposta a um post etc.

Entretanto, nos estudos em referenciação, considera-se que a negociação em torno dos referentes ocorre mesmo naquelas interações em que os interlocutores não estão na presença um do outro, mas apenas pressupostos (Custódio Filho, 2011). Nesses casos, há negociação porque o locutor projeta uma imagem provável do seu interlocutor e faz escolhas referenciais guiado por essa imagem. Já o interlocutor participa dessa negociação, mediada pelo texto, na sua atividade interpretativa, ao não só compreender a mensagem, mas ao relacioná-la a pontos de vista em circulação sobre determinado assunto, ao convocar seus conhecimentos de mundo para a construção de sentidos, ao proceder com hipóteses interpretativas acerca da intencionalidade do locutor, dentre outras estratégias. Por isso se fala na referenciação como atividade *intersubjetiva*, já que

implica a submissão de versões da realidade à aceitação do outro, dado que o ato de se referir é inerentemente social, como apontam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

A referenciação também deve ser compreendida como um fenômeno de natureza sociocognitiva e discursiva. A natureza sociocognitiva advém de as construções dos objetos do texto deverem passar por alguma forma de processamento mental, baseado em conhecimentos prévios armazenados na mente, adquiridos a partir das experiências sociais dos indivíduos, como ressalta Custódio Filho (2011). Segundo o autor, “o aspecto cognitivo não pode ser desvinculado do aspecto social. [...] Esses conhecimentos estão sempre sujeitos a mudanças e adaptações conforme essas experiências vão acontecendo” (Custódio Filho, 2011, p. 120). Além disso, é preciso reconhecer, conforme Cavalcante *et al.* (2020), que os sujeitos das interações produzem e interpretam textos a partir de posições determinadas institucionalmente, que guiam o que pode ou não ser dito, ou seja, são entes discursivos. Por isso, os autores afirmam que as estratégias textuais são também estratégias discursivas.

A partir desses princípios, os estudos em referenciação, como observam Custódio Filho (2011) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), seguiram uma primeira tendência de análise que partia do que chamamos de **expressões referenciais**, entendidas como estruturas linguísticas (verbais) utilizadas para manifestar formalmente, no cotexto, a representação de um **referente** – conceito que diz respeito à representação sociocognitiva, na mente dos interlocutores, de uma entidade estabelecida no texto.

Uma possibilidade de pesquisa dessa natureza é trabalhar sobre as cadeias coesivas em um texto e procurar explicar como um conjunto de expressões referenciais contribui para estabelecer um referente. Nesse sentido, seriam examinadas as expressões lexicais, pronomes, elipses e repetições de modo a perceber como a continuidade textual é garantida. No excerto a seguir – uma definição do Ministério da Saúde do Brasil do que é a covid-19 (Brasil, 2021) – verificamos que há formas expressas na superfície linguística (expressões referenciais, sublinhadas) para se referir a um mesmo referente (a representação, na mente dos interlocutores, da “covid-19”, construída no texto).

O que é a Covid-19?

Saiba quais são as características gerais da doença causada pelo novo coronavírus, a Covid-19

A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.

O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019.

Já com os avanços das pesquisas, foi-se estabelecendo uma segunda tendência dos estudos em referenciação. Nela, busca-se entender de que maneira vários elementos, além das expressões referenciais, são acionados para a construção de referentes, como o aparato cognitivo, aspectos sócio-históricos e circunstanciais, partindo-se dos usos linguageiros, que são bem mais complexos do que a simples verificação de sintagmas nominais e preposicionais (Custódio Filho, 2011). Assim, passou-se a considerar cada vez mais fatores na construção do referente no texto.

Uma das constatações advindas de estudos de segunda tendência é que pode haver recategorizações de referentes sem expressão referencial, o que se torna possível por pistas cotextuais e conhecimentos prévios ativados, já que o referente é uma entidade que emerge da interação (Custódio Filho, 2011). No exemplo a seguir (figura 43), observa-se a construção de um referente sem uma expressão referencial que explicitamente o nomeie.

Figura 43 – Exemplo: referente sem menção referencial



Fonte: Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Ele_N%C3%A3o. Acesso em: 4 fev. 2023.

Esse tipo de cartaz foi produzido no ano de 2018 em protestos liderados, principalmente, por movimentos de mulheres, no período das eleições presidenciais, em que Jair Bolsonaro disputava contra Fernando Haddad. Conhecido como “Movimento Ele Não”, ou “#EleNao” (forma empregada, sobretudo, nas redes sociais), a manifestação se opunha à candidatura de Bolsonaro e a algumas declarações consideradas misóginas pelas manifestantes.

Nesse texto, há uma figura do então candidato Bolsonaro, ao centro, em preto e branco, com um símbolo visual de negação sobreposto. Nas margens, os dizeres “ELE NÃO”, em caixa alta, funcionam como uma retomada da figura do candidato; no entanto, em nenhum momento, há a expressão referencial “Jair Bolsonaro” manifestada verbalmente, e o pronome “Ele” retoma a porção visual do cartaz. Para recuperar o referente construído nesse texto, o interlocutor deve trazer conhecimentos de mundo acerca do contexto sócio-histórico em que se deu a produção desse cartaz, bem como da imagem de Bolsonaro e do posicionamento que assume o locutor do enunciado.

Além disso, é inegável que o advérbio “Não” e o símbolo visual de negação são peças fundamentais na construção dos sentidos desse texto. Um ganho que a segunda tendência de estudos em referenciação trouxe foi estabelecer que outros recursos linguísticos, para além dos sintagmas nominais, também devem ser considerados na análise da referenciação, como as predicções. Por isso Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 45) afirmam que, “para estabelecer os traços referenciais de uma determinada entidade, é preciso reconhecer o teor completo das ‘informações’ apresentadas no texto”.

Outra constatação, observada por Custódio Filho (2011), é de que a atividade de construção dos referentes não precisa obedecer necessariamente à linearidade do enunciado. Isso se dá pelo caráter difuso da interpretação, que procede com idas e vindas no texto, o que não quer dizer que ela é caótica ou completamente livre, mas apenas um princípio que garante um trabalho interpretativo mais eficaz.

Outra noção que vem contribuindo para a ampliação dos fatores que são considerados na análise referencial é a noção de redes referenciais de Matos (2018). Redes referenciais são “entrelaçamentos de sentidos na construção dos referentes, os quais mantêm uma diversidade de relações entre si e se adaptam, funcionalmente, aos modos de constituição dos textos” (Matos, 2018, p. 169). Essas relações que os referentes

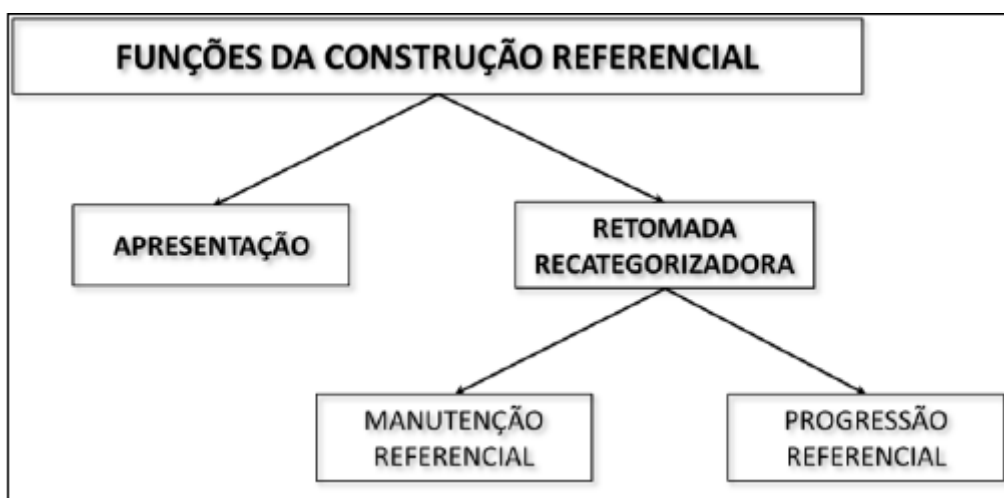
estabelecem uns com os outros contribuem para a coerência do texto e para a progressão textual, e as diferentes redes podem atender a funções diferentes, por exemplo salientar a carga opinativa de um texto, como observam Cavalcante *et al.* (2020). Essa noção propõe uma análise sob uma ótica discursivo-funcional, e não apenas cotextual, como na noção de cadeia referencial – uma noção que se liga a uma visão mais estreita da referenciação, com foco nas ligações léxico-semânticas entre os referentes.

Vale ressaltar também o acréscimo, nos estudos de segunda tendência, da consideração de que as práticas referenciais são também multimodais. Custódio Filho (2011) afirma que elementos não verbais integram o conjunto do texto de forma a contribuir para a instauração (e a retomada) de referentes sem menção de uma expressão referencial. De fato, o autor ressalta que, quando se tem contato com um texto como um filme, por exemplo, o interlocutor reconhece o todo como um texto, e não apenas a fala e a escrita. Por isso, é preciso investigar o papel da imagem na construção dos referentes, visto que faz parte dos recursos disponíveis na interação.

Tendo em vista esses fatores, foram-se estabelecendo as bases e as categorias para a análise da referenciação. Como, então, verificar analiticamente esse fenômeno sociocognitivo e discursivo no texto? Cavalcante e Brito (2016) redimensionam as categorias de introdução e anáfora a esses pressupostos e propõem um quadro de funções da construção referencial, baseado na proposta de Custódio Filho⁴⁷ (2011) (figura 44).

⁴⁷ No quadro de Custódio Filho, a função de apresentação se contrapõe à função de *mudança*, que se subdivide na mudança por *acrécimo*, por *correção* e por *confirmação*. Sugerimos a leitura do texto do autor para melhor compreender sua proposta, já que não a detalhamos aqui por estarmos aderindo ao quadro de Cavalcante e Brito (2016).

Figura 44 – Funções da construção referencial



Fonte: Cavalcante e Brito (2016, p. 129)

De acordo com o quadro, uma das funções da construção referencial é a apresentação de referentes, que corresponde, segundo as autoras, ao processo de *introdução referencial*, entendido como a primeira manifestação de um referente no texto, seja por uma expressão referencial, seja por informações visuais, seja por qualquer outro recurso que instaure, na mente do interlocutor, um objeto de discurso. Já o outro processo é a retomada recategorizadora: uma vez que um referente seja ativado pela primeira vez, as outras referências a ele no texto são denominadas *anáforas*. Cavalcante e Brito (2016) ressaltam que as duas funções são mutuamente excludentes: não se pode apresentar e retomar um mesmo referente.

Como funções dos processos referenciais, elas não podem ser flagradas numa única forma verbal ou não verbal, mas são indiciadas por marcações cotextuais várias, de diferentes aspectos semióticos, para atenderem a diferentes propósitos argumentativos. (Cavalcante; Brito, 2016, p. 129)

Além disso, a proposta de Cavalcante e Brito (2016) é definir as retomadas como naturalmente *recategorizadoras*. Anteriormente, conforme destacam as autoras, a recategorização era tomada, especialmente por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995⁴⁸ *apud* Cavalcante; Brito, 2016) como “um recurso referencial pelo qual uma entidade já introduzida no universo do discurso sofre transformações que seriam perceptíveis pelo

⁴⁸ APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M. (Ed.). **Du syntagme nominal aux objects-de-discours**: SN complexes, nominalizations, anaphores. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-71.

emprego de expressões referenciais renomeadoras” (p. 120). Para as autoras, no entanto, entende-se que não são algumas ocorrências de anáforas que recategorizam, isto é, transformam o referente: todas as retomadas de um referente têm a função de modificá-lo. Tampouco, as transformações podem ser flagradas apenas por expressões referenciais, pois a recategorização passa a ser entendida como uma transformação que “não incide sobre pontos precisos, pois se dá em direções imprevisíveis e requer muitas idas e vindas de uma âncora para outra (como expressões referenciais, imagens, recursos tipográficos etc.) [...]” (Cavalcante; Brito, 2016, p. 127).

Voltando ao quadro, vê-se que as retomadas recategorizadoras servem ao duplo objetivo de manter os referentes no texto e, ao mesmo tempo, fazê-los progredir. Dessa forma, os interlocutores, à medida que a progressão referencial ocorre, tomam uma mesma entidade (o referente) em mente e trabalham ativamente para construir os sentidos encaminhados pelas alterações que esse referente vai sofrendo no texto. A forma como essa progressão se dá, inclusive, é intrinsecamente argumentativa, como destacam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

Além das funções apresentadas no quadro Cavalcante e Brito (2016), há, tradicionalmente nos estudos em Linguística Textual, uma especificação de tipos diferentes de anáforas: as anáforas diretas (dentre as quais se incluem as encapsuladoras) e as indiretas. As primeiras são compreendidas como aquelas retomadas que operam por correferencialidade, isto é, referem-se a um mesmo referente previamente introduzido no texto.

No texto a seguir, um post com uma espécie de notícia curta acerca de uma adaptação do longa-metragem *La La Land* para o formato de musical na Broadway, verificamos algumas ocorrências de anáforas diretas do referente “La La Land”. Se pensarmos que o interlocutor primeiro observou a fotografia na parte inferior do post, tomamos essa porção textual como a introdução do referente em questão (sem menção referencial, vale destacar). Em seguida, no cotexto verbal escrito, vemos a expressão referencial “O filme ‘La La Land’”, que retoma o mesmo referente, o que constitui um caso de correferencialidade.

Nesse mesmo texto, podemos observar casos de anáforas indiretas, ou não correferenciais. Segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), esse tipo, embora não retome exatamente o mesmo referente e aparentemente introduza um referente novo,

funciona por uma remissão a outros referentes já expressos, por meio de expressões referenciais ou outras pistas de qualquer espécie.

Figura 45 – Exemplo de anáfora direta e indireta



Fonte: Perfil @BwayMeme na rede social X. Disponível em: <https://twitter.com/BwayMeme/status/1623011156691496975>. Acesso em: 26 out. 2023.

No texto, além do objeto de discurso “La La Land” (referente ao filme), há a construção do objeto de discurso que remete à sua adaptação para o formato de musical, introduzido pela expressão “musical na Broadway”. Em seguida, lê-se que “O produtor Marc Platt” anunciou “a adaptação” [caso de anáfora direta do musical]: a menção ao produtor [do musical] se trata de uma anáfora indireta, porque pistas textuais como “filme”, “musical na Broadway” e “adaptação”, por exemplo, ativam na mente do interlocutor uma espécie de esquema mental do universo dos longas-metragens e das adaptações (de livros para filmes; de filmes para musicais etc.). Dessa forma, é necessário um conhecimento de mundo prévio acerca desse universo para que se compreenda que o “produtor” é o produtor da adaptação, e não deve ser surpresa que esse referente apareça no texto.

O traço mais marcante dessas anáforas é que sua interpretação depende de outros conteúdos fornecidos pelo contexto, e elas não têm correferência com outra entidade já introduzida. “As anáforas indiretas colaboram, pois, enormemente para que o coenunciador junte as peças do quebra-cabeça dos sentidos, da coerência textual” (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 72). Sua ocorrência se dá por estratégias

textuais diversas: tanto estratégias mais estritamente linguísticas – como relações semânticas de meronímia (parte/todo), hiponímia, hiperonímia, campos léxicos, papéis temáticos de verbos etc. –, quanto estratégias baseadas em esquemas cognitivos, modelos mentais, *frames*, *scripts*, inferências etc. (Marcuschi, 2001).

Observa-se que fundamental para esse tipo de anáfora são as âncoras textuais, entendidas como pistas cotextuais que ativam conhecimentos de mundo para a negociação de sentidos e para a progressão textual (Marcuschi, 2001) e informações que apoiam as anáforas indiretas e engatilham a referência indireta a menções de outras expressões referenciais ou a qualquer outra construção linguística do cotexto, bem como a inúmeras outras informações que povoam a bagagem de conhecimentos de quem participa dessa enunciação (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014).

Por fim, citamos um caso de anáfora direta (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014), a anáfora encapsuladora. Sua característica principal é resumir porções contextuais (de qualquer extensão), isto é, o conteúdo de parte do cotexto somado a outros dados de conhecimentos compartilhados. Os autores consideram-na um subtipo de anáfora correferencial porque o referente que essa anáfora retoma, mesmo sem ter sido citado expressamente antes, encontra-se na mente dos interlocutores – partindo do pressuposto, já evocado por nós anteriormente, de que o referente é uma entidade representada sociocognitivamente. Então, se ele é nomeado e confirmado por uma anáfora encapsuladora, ele já existia no texto.

Vemos, no exemplo a seguir, um caso de encapsulamento realizado pelo pronome “isso” em duas ocorrências. O texto faz uma comparação entre duas situações, retratadas por duas fotografias: a da esquerda, que parece ser uma situação de Carnaval (o que se deduz pelas roupas das pessoas e pela data de publicação do texto, próxima ao Carnaval), mostra uma fotografia com uma distância social impessoal, de forma a representar muitas pessoas e uma lotação excessiva; já a da direita, em distância social também impessoal, mostra apenas Participantes que representam a paisagem de um local vazio, uma praia que pode ser o desejo de muitos.

Assim, os pronomes funcionam como retomadas encapsuladoras de dois referentes distintos que se constroem no texto pelas introduções, sem expressão referencial, operadas pelas fotografias [folia/festa/lotação *versus* praia/sossego]. Mais do que apenas retomar, eles encapsulam as duas porções visuais do texto e instituem uma

divisão dos interlocutores em dois grupos distintos, causando uma espécie de polarização no universo textual criado pelo texto (inclusive pelo recurso tipográfico do elemento “//”, que separa o cotexto verbal em dois). Isso se observa, de fato, pelos comentários a esse post, em que alguns usuários se posicionam a favor de uma das situações.

Figura 46 – Exemplo de encapsulamento



Fonte: Perfil @choquei na rede social X. Disponível em: <https://twitter.com/choquei/status/1623105503852101633>. Acesso em: 26 out. 2023.

Os pressupostos da LT, especificamente os da referenciação, conforme vistos neste subitem, permitem que façamos a investigação do nosso objeto de estudo – as estratégias argumentativas desempenhadas por imagens em textos verbo-visuais de dimensão argumentativa –, porque contemplam uma descrição tanto da argumentatividade inerente a qualquer texto, quanto da multimodalidade constitutiva de todo enunciado. Para que o estudo seja viabilizado, é preciso, ainda, delimitá-lo metodologicamente, o que é feito no capítulo seguinte.

5 METODOLOGIA

Nas próximas subseções, classificamos nossa pesquisa quanto a sua natureza, sua abordagem e seus objetivos, bem como delimitamos o universo com o qual trabalhamos (o dos textos no ambiente digital), especificando a amostra, a fim de delimitar um *corpus* operacionalizável cientificamente. Após isso, demonstramos como o *corpus* foi coletado e analisado em três etapas diretamente relacionadas aos nossos objetivos específicos.

5.1 Método de abordagem e tipo de pesquisa

As hipóteses de nosso estudo foram formuladas levando em consideração a observação de lacunas em trabalhos consultados, já que a análise da argumentação multimodal por critérios da Linguística Textual não foi encontrada em nossas pesquisas em bases científicas e repositórios acadêmicos. Esse movimento de observar lacunas para formulação de hipóteses caracteriza uma pesquisa como hipotético-dedutiva, conforme Lakatos e Marconi (1992).

Dessa forma, elaboramos questões de pesquisa que pudessem guiar nossa investigação: de que forma são construídos raciocínios argumentativos a partir de textos verbo-imagéticos? Como esses raciocínios argumentativos são presentificados a partir da construção referencial verbo-imagética? De que maneira os recursos visuais constituem estratégias argumentativas em textos de dimensão argumentativa?

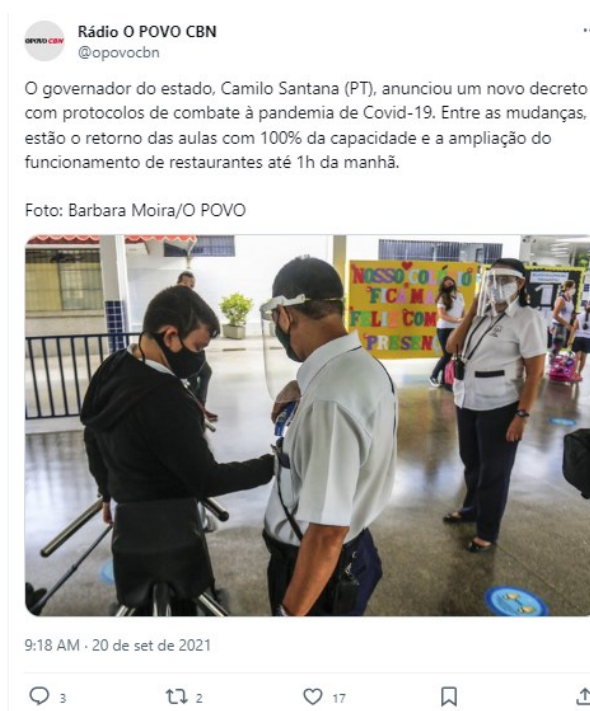
Com base nessas perguntas, pensamos na hipótese básica de pesquisa de que a utilização de imagens em textos verbo-imagéticos faz parte das estratégias textuais, que podem ser entendidas como estratégias de argumentação. Como hipóteses secundárias, pensamos que (i) a reconstrução de raciocínios argumentativos em textos verbo-imagéticos se dá pela relação desses dois modos semióticos com os termos do argumento (premissas e conclusão) e pelo exame da *doxa*, isto é, de valores e opiniões compartilhados socialmente; (ii) a construção referencial verbo-imagética permite inferir a construção de premissas e de conclusões implícitas nos textos (iii) as categorias imagéticas que imprimem maior objetividade são fundamentais para a construção referencial e argumentativa em textos verbo-imagéticos de dimensão argumentativa.

Quanto aos objetivos da pesquisa, ela caracteriza-se como explicativa, já que a preocupação central, conforme Gil (2002), é identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos observados. Nosso objetivo central é analisar, por meio dos processos referenciais, como os recursos imagéticos são mobilizados como estratégias argumentativas em textos verbo-imagéticos. Como os textos analisados serão coletados diretamente do ambiente digital em que são produzidos (a rede social X) sem terem sido anteriormente tratados analiticamente, nosso procedimento de análise é documental (Gil, 2002).

5.2 Delimitação do universo e da amostra

O universo da pesquisa se delimita por textos pertencentes a uma prática que estamos denominando de “post da rede social X com chamada para notícia”.

Figura 47 – Exemplo de texto a ser analisado



Fonte: Perfil @opovocbn na rede social X. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/opovocbn/status/1439926852764803080>. Acesso em: 26 out. 2023.

A figura 47 contém um exemplo da prática discursiva de gêneros que analisamos. Gêneros assim são veiculados no espaço de um post dessa rede social e

podem ter configurações diversas, por isso não os estamos tratando como um gênero único. No período de finalização desta pesquisa, como a rede social passa por uma mudança de nomenclatura – de Twitter para X –, houve também uma alteração no nome do espaço de escritura: antes era chamado de tuíte (*tweet*, em inglês) e depois passou a ser denominado, pela própria rede social, simplesmente de post. No entanto, a descrição que faz Paveau (2021, p. 369) ainda se aplica parcialmente: “um tuíte é um enunciado plurissemiótico complexo”, limitado a 280 caracteres, “fortemente contextualizado e não modificável⁴⁹, produzido nativamente on-line na plataforma de microblogagem Twitter”. Dentre as formas como um tuíte/post pode aparecer, selecionamos o que Paveau chama de “forma ecológica”⁵⁰, que é a forma que o post adquire quando clicamos em cima dele, conforme se vê na figura 47. Há vários elementos que o compõem, como foto de perfil do usuário, nome, pseudônimo, data, espaço para escrita, espaço para mídia (imagem, vídeos, gifs), lista de operações como responder, retuitar, curtir, compartilhar, botão em forma de três pontos, que abre mais opções.

Para delimitar o universo dos posts da rede social X com chamada para notícia, selecionamos apenas aqueles que são publicados por perfis com o selo de verificação, que fornece autenticidade a um perfil de interesse público. Também foram escolhidos apenas textos que continham imagens em sua composição, já que nosso interesse é analisar como recursos verbo-imagéticos contribuem para a argumentação, em português e que apresentavam um link que direciona o leitor para uma webnotícia.

Ficaram de fora também posts do tipo *thread* (ou “fio”, como são também conhecidos em português), segundo a tipologia descrita por Paveau (2021) (figura 48). Essa prática tem o objetivo, segundo a autora, de ultrapassar os limites do espaço escritural do tuíte/post. Acreditamos que, como muda a organização textual, também mudam as estratégias textuais, o que, conseqüentemente, implicaria envolver critérios de análise relacionados aos tipos de tuíte ou aos tipos de interação, por exemplo.

No exemplo mostrado a seguir, o perfil da CNN Brasil publicou um primeiro texto alertando para o número de mortos por covid-19; num segundo post, a informação foi complementada com uma comparação com a situação do Peru e dos Estados Unidos,

⁴⁹ Depois de algumas reformulações em 2023, usuários que pagam uma versão premium do site podem editar seus posts, que ficam sinalizados como modificados.

⁵⁰ O tuíte também tem uma forma estereotipada, aquela que aparece na linha do tempo do Twitter/rede social X quando navegamos.

indicando um *link*; finalizou-se o fio com um vídeo do programa de TV da CNN noticiando o fato.

Figura 48 – Tuíte (post) do tipo thread

← Sequência

CNN Brasil @CNNBrasil

BREAKING NEWS

Brasil passa de 4 mil mortos por Covid-19 em 24 horas

5:55 PM · 6 de abr de 2021 · TweetDeck

526 Retweets 768 Tweets com comentário 2.999 Curtidas

Tweete sua resposta **Responder**

CNN Brasil @CNNBrasil · 6 de abr de 2021
Em resposta a @CNNBrasil
Apenas o Peru e os Estados Unidos já ultrapassaram mais de 4.000 mortes em um único dia
cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/...

CNN Brasil @CNNBrasil · 6 de abr de 2021
Ao todo, 336.947 brasileiros perderam a vida para a Covid-19

13,1 mil visualizações 0:00 / 1:48

Fonte: Perfil @CNNBrasil no Twitter. Captura de tela em computador Windows. Disponível em: <https://twitter.com/CNNBrasil/status/1379538298029420544>. Acesso em: 21 set. 2021.

Quanto ao tema, escolhemos chamadas para notícias que veicularam fatos sobre a covid-19, o coronavírus e suas vacinas. Esses textos se enquadram no que Amossy (2018) classifica como discursos (para nós, textos) de dimensão argumentativa, aqueles que, de forma mais sutil e implícita, tentam modificar as maneiras de o interlocutor ver, sentir e pensar uma questão – em contraponto àqueles textos que têm projeto argumentativo confesso, os textos de visada argumentativa.

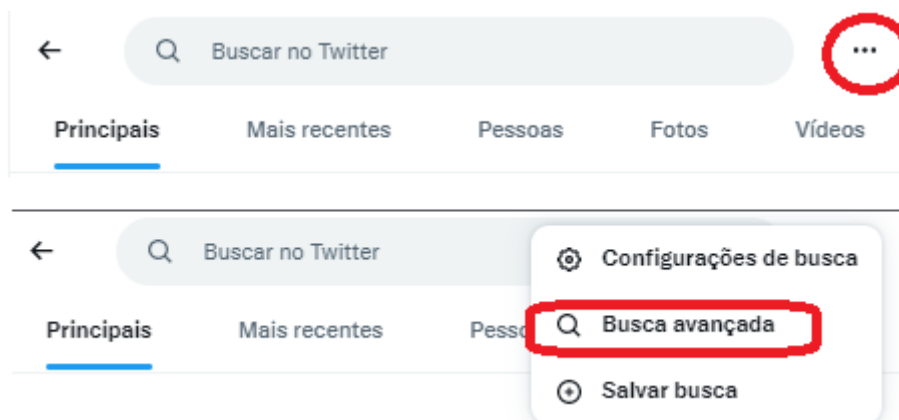
Nosso propósito em escolher esse tipo de enunciado é demonstrar que mesmo um texto que se coloca como revestido de uma neutralidade e uma objetividade aparentes constrói um espaço em que o interlocutor veicula argumentos sobre determinada questão. Nesse sentido, desejamos contribuir, à medida que analisamos a construção argumentativa por meio do critério da referenciação, para a defesa do ponto de vista de que não há textos não argumentativos, mas sim um *continuum* entre o “mais explicitamente” e o “menos explicitamente” argumentativo.

É inegável que esse assunto foi um dos mais comentados desde o ano de 2020, quando se iniciou a pandemia do coronavírus. Para além de facilitar a coleta dos dados, pelo volume enorme de posts sobre esse assunto, consideramos que é bastante relevante tratar sobre esse assunto de interesse público, tão sensível e sério, quando analisamos a dimensão argumentativa que imagens imprimem a esses textos. Escolher certas imagens para veicular objetivamente um fato não deixa de revelar certos posicionamentos ou encaminhar o interlocutor para certos raciocínios.

5.3 Procedimento de coleta de dados

A rede social X oferece uma ferramenta própria de busca chamada Explorar. Dentre as funcionalidades, pode-se usar a opção de busca avançada e selecionar posts por um intervalo definido de data, palavras-chave, *hashtags*, idioma, contas específicas, número mínimo de curtidas, respostas e compartilhamentos etc. Devido a essa gama de possibilidades, optamos por utilizar essa ferramenta para selecionar nosso *corpus* em um intervalo de tempo determinado. Na figura abaixo, pode-se observar um botão com três pontos (circulado em vermelho), que, ao ser clicado com o mouse, se abre e revela três opções – Configurações de busca; Busca avançada (utilizada por nós); Salvar busca.

Figura 49 – Botão de busca avançada



Fonte: Twitter, atual rede social X (2022). Captura de tela feita em computador Windows.

Escolhemos a data de 6 de abril de 2021 para coletar nossos dados. Nesse dia, o Brasil atingiu 4.195 mortes por covid-19 num período de 24 horas, segundo o consórcio de veículos formados por O Globo, Extra, G1, Folha de S. Paulo, UOL e O Estado de S. Paulo, que veiculava diariamente informações obtidas em secretarias estaduais de saúde divulgadas diariamente sobre os números de mortes, internações e casos da doença (Alfano, 2021). A essa época, também, as vacinas para covid-19 estavam sendo aplicadas em parte da população no Brasil.

Usando a ferramenta de pesquisa avançada no Twitter, escolhemos a palavra-chave “covid-19”, posts em português e que continham um link, com imagens em sua composição, publicados por um perfil de veículo de comunicação com o selo de verificação de autenticidade⁵¹. Essa busca retornou 24 resultados que se encaixavam em nossos critérios. Para guardar os dados e disponibilizá-los na pesquisa, usamos a ferramenta “captura de tela” disponível no sistema operacional Windows 10, por meio do qual trabalhamos. As figuras a seguir mostram alguns campos possíveis de serem completados para refinar a busca avançada, de forma a selecionar posts com base em critérios escolhidos pelo pesquisador.

⁵¹ Link da pesquisa avançada: https://twitter.com/search?q=covid-19%20lang%3Apt%20until%3A2021-04-07%20since%3A2021-04-06%20filter%3Alinks&src=typed_query&f=image. Acesso em: 18 maio 2022.

Figura 50 – Opções de refinamento na busca avançada do Twitter, atual rede social X
(1)

The image shows the 'Busca avançada' (Advanced Search) interface on Twitter. At the top, there is a search bar with a 'Buscar' button. Below it, the 'Palavras' (Words) section is active, showing several options for refining the search:

- Todas estas palavras** (All these words): Input field contains 'covid-19'. Example: 'o que está acontecendo' - contém "o que está" e "acontecendo".
- Esta frase exata** (This exact phrase): Example: 'happy hour' - contém a frase exata "happy hour".
- Qualquer uma destas palavras** (Any of these words): Example: 'gatos cães' - contém "gatos" ou "cães" (ou ambos).
- Nenhuma destas palavras** (None of these words): Example: 'gatos cães' - não contém "gatos" e não contém "cães".
- Estas hashtags** (These hashtags): Example: '#ThrowbackThursday' - contém a hashtag #ThrowbackThursday.
- Idioma** (Language): Dropdown menu set to 'português'.

Fonte: Twitter (2022). Captura de tela feita em computador Windows.

Figura 51 – Opções de refinamento na busca avançada do Twitter, atual rede social X
(2)

The image shows the 'Datas' (Dates) section of the advanced search interface. It includes two rows of date selection:

- De** (From): Three dropdown menus for 'Mês' (Month), 'Dia' (Day), and 'Ano' (Year). The selected values are 'Abril', '6', and '2021'.
- Para** (To): Three dropdown menus for 'Mês' (Month), 'Dia' (Day), and 'Ano' (Year). The selected values are 'Abril', '6', and '2021'.

Fonte: Twitter (2022). Captura de tela feita em computador Windows.

Os posts coletados foram catalogados conforme a ordem de aparição na busca com a letra T (inicial de “texto”) e o número correspondente a essa ordem (T1, T2, e assim por diante). Organizamos os posts em três grupos divididos mediante suas temáticas. O primeiro grupo é formado por textos que tratam do número de mortes ou casos graves de covid-19 e número de pessoas com sequelas deixadas pela doença. O segundo conjunto trata da vacinação (o processo em si ou as vacinas). Já o último grupo é constituído por apenas 4 posts sobre outras temáticas: medidas de restrição durante a pandemia; o capacete Elmo; e o estado de saúde de uma personalidade famosa. Nem todos os textos foram explanados nas análises, e os que ficaram de fora apareceram nas seções anteriores como exemplos de categorias diversas. A divisão dos posts dessa forma ocorreu tendo em vista a explicação sobre os embates discursivos que subjazem a cada raciocínio reconstruído, que foram semelhantes em cada temática.

5.4 Procedimento de análise dos dados

Depois de coletados os textos, procedemos à análise, que foi dividida em três etapas.

1. Reconstrução de raciocínios: buscamos elucidar que raciocínios argumentativos são construídos pelas redes referenciais e pelo tópico textual. Nessa etapa, buscamos reformular premissas e conclusões em textos de dimensão argumentativa, via de regra implícitas.
2. Construção referencial: depois de reconstruir os raciocínios argumentativos, focalizamos na descrição da construção das redes referenciais formadas pela interação entre os modos semióticos dos textos verbo-imagéticos. Os critérios utilizados foram a introdução e a retomada anafórica, conforme definidas por Cavalcante e Brito (2016).
3. Identificação de categorias visuais: nessa etapa, buscamos analisar as imagens presentes nos textos de acordo com as categorias fornecidas pela GDV e sua função na dinâmica argumentativa e referencial.

Vale destacar que a etapa 3 é necessária, porque concordamos com Tseronis (2018) e com Gonçalves-Segundo (2021) que uma análise argumentativa multimodal

deve integrar categorias advindas de arcabouços semióticos específicos, para não focar apenas no conteúdo da imagem, mas também na forma como ela é construída. Para isso, foi preciso identificar as regularidades do modo imagético, conforme propostas por Kress e van Leeuwen (2021). Não acreditamos que esse movimento torna nossa pesquisa meramente uma descrição de categorias imagéticas estanques, porque, afinal, elas enriquecem a análise referencial por serem conceitos pensados especificamente para esse modo semiótico. Além disso, a referenciação, que está na etapa 2, é um fenômeno altamente dinâmico, tornando essas categorias mais complexas.

Outra consideração importante em relação à etapa 3 (identificação de categorias visuais) é que, apesar de termos identificado os significados das três metafunções nos textos, na exposição das análises, nem todas as categorias de todas as metafunções serão apresentadas. Nosso objetivo na análise é mostrar as estratégias argumentativas mobilizadas pela integração verbo-visual nos textos analisados. Acreditamos que poderia ser bastante maçante explicar várias vezes, por exemplo, como a categoria “narrativa” atua na construção de um argumento.

Ressaltamos que a separação da análise em etapas é uma escolha metodológica e analítica que se alinha a certas opções teóricas, mas que o fenômeno do texto e do discurso acontece de forma integrada. Também, as categorias selecionadas interagem de forma complexa com outras categorias que não foram focalizadas, mas que poderão ser convocadas nas análises para enriquecê-las. A um só tempo, quando nos deparamos com essa multiplicidade de recursos, construímos certos sentidos que o texto nos autoriza, e, enquanto seres de linguagem, nem sempre nos damos conta das funções de cada elemento nesses textos complexos. A tarefa da análise é, então, tentar fornecer uma descrição com critérios linguísticos a fim de fazer generalizações. Consideramos que é interessante trazer à tona os raciocínios argumentativos construídos nos textos, porque revelam posicionamentos dos quais nem sempre temos consciência.

6 ANÁLISES

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos a partir da aplicação das etapas de análise descritas no capítulo anterior (item 5.4). Em relação à descrição da evolução dos referentes no texto, buscamos proceder com hipóteses de leitura e de análise que variassem, ora considerando a introdução pela imagem, ora pela parte verbal do texto. Como já explicado, os textos foram agrupados conforme as temáticas em comum, e esse agrupamento corresponde às três subseções seguintes.

6.1 A temática da covid-19 relacionada a números

Discorreremos primeiro sobre um grupo de textos que têm em comum o fato de tentar fazer o interlocutor aderir ao raciocínio de que a covid-19 representava, de fato, um problema sério de saúde e que a população deveria ter cuidado com o coronavírus. Veremos que, para reconstruir os raciocínios evocados pelos textos, foi preciso nos ater às opiniões compartilhadas que subjazem a eles, isto é, à *doxa*. Nessa exposição, buscamos mostrar que diferentes categorias visuais foram selecionadas para diferentes formas de progressão referencial, na construção de argumentos variados que guiaram o interlocutor para conclusões semelhantes.

O primeiro texto que gostaríamos de apresentar foi publicado pelo perfil da Veja em 6 de abril de 2021, conforme se vê na figura 52.

Figura 52 – T9



Fonte: @VEJA da rede social X. Disponível em:
<https://twitter.com/VEJA/status/1379545419131322381>. Acesso em: 26 out. 2023.

Esse post faz parte de um grupo de chamadas que tem como temática o número de mortes ou de casos graves de covid-19. Para contextualizar, o Brasil atingia nessa data, pela primeira vez, a marca de mais de 4000 mortes em 24h devido ao novo coronavírus. A fotografia utilizada na chamada é do Cemitério da Vila Formosa, na cidade de São Paulo, o maior da América Latina e responsável pelo sepultamento da maioria das mortes causadas pela doença (Vidale, 2021).

De início, chama a atenção a fotografia selecionada para compor a chamada. De fato, lembrando o que fala Kjeldsen (2016, 2018), a imagem retira sua força argumentativa tanto de sua capacidade de descrever algo acontecendo quanto da propriedade de suscitar emoções em quem a observa, no momento da percepção – a propriedade de condensação simbólica. Se pensarmos que essa fotografia foi o primeiro elemento visto por um interlocutor, os Participantes Representados (PR) que são as valas e o caixão sendo colocado em uma delas funcionam como introdução referencial de um referente que podemos nomear como “mortes”. Esse referente é recategorizado pela porção cotextual “mais de 4.000 mortes por covid-19 nas últimas 24 horas”, na escrita logo acima, número que chama a atenção tanto quanto a imagem e que serve para fazer progredir o referente no sentido de algo bastante sério.

Parte desse encaminhamento de sentido reside em uma série de propriedades da fotografia. Em primeiro lugar, analisando os significados representacionais, ela é uma taxonomia que tem como elementos (Subordinado, para usar a nomenclatura de Kress e van Leeuwen) cada vala nas quais serão enterradas pessoas mortas por covid, formando a categoria de “cemitério”; em segundo lugar, há um processo narrativo inserido nessa taxonomia, um enterro acontecendo em um dos Subordinados, que é, na verdade, o elemento de maior saliência (pensando nos significados composicionais), já que se destaca dos outros.

Em relação às categorias da metafunção interativa, o enquadramento é bastante amplo, de forma que o sistema de distância social é apresentado pela categoria “impessoal”, e o ângulo alto cria o efeito de sentido de que quem observa “tem poder” sobre aquilo – está em situação melhor, ou pode observar de melhor forma. Sendo uma fotografia presente num contexto discursivo jornalístico, essa imagem se enquadra na orientação naturalística e, por isso, tem um alto grau de modalidade nesse contexto, de forma que tende a ter credibilidade por quem a observa.

Em termos argumentativos, para que tipo de raciocínio a construção do referente de (4000) mortes por covid-19 guia os interlocutores? Para compreender isso, é preciso lembrar que havia um embate que circulava nos discursos desse período entre aqueles que consideravam a doença como algo sério – e que, portanto, se assustavam com esses números – e entre aqueles que questionavam se esses números realmente eram decorrentes de complicações de covid-19 e duvidavam da maneira como eram obtidos. Em nosso *corpus*, não encontramos textos que se orientavam para essa segunda maneira de pensar, mas a figura 53 a seguir mostra exemplos de comentários que guiavam para a conclusão de que os números de mortes noticiados não eram reais.

Figura 53 – Comentários ao texto T9



Fonte: @VEJA na rede social X/Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/VEJA/status/1379545419131322381>. Acesso em: 18 maio 2022.

É justamente por existir, no campo do interdiscurso sobre essa temática, um embate entre posicionamentos diferentes que, como assevera Amossy (2018) e concordam Cavalcante *et al.* (2020), um texto aparentemente objetivo como esse adquire uma dimensão argumentativa. Nesse caso, a reconstrução do raciocínio guia para uma conclusão implícita que pode ser deduzida por inferências e conhecimento interdiscursivos sobre as opiniões compartilhadas pela sociedade da época.

A expressão referencial relacionada ao alto número de mortes por covid-19, em T9, atua como uma espécie de premissa menor explícita que sustenta o argumento, conferindo-lhe força, se pensarmos nos lugares da quantidade, em que uma coisa é superior (tanto para o bem, quanto para o mal) por razões quantitativas (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996). Esse mesmo referente, presentificado na porção imagética, atua em favor da premissa menor e da conclusão: a propriedade de a imagem representar algo acontecendo de fato (sua condensação simbólica) em uma codificação naturalística (alto grau de verdade e credibilidade) ressalta a seriedade e a veracidade da doença. Dessa

forma, podemos reconstruir o seguinte pensamento: (Premissa maior implícita) doenças que matam muitas pessoas são, de fato, sérias; (Premissa menor explícita) a covid-19 matou 4.000 em 24 horas; (Conclusão implícita) logo a covid-19 é uma doença séria, e sua gravidade é real.

Observa-se que, das três declarações que compõem o argumento, entramos em contato, pela superfície textual (palavras e imagem), apenas com a informação de que o Brasil registrou mais de 4.000 mortes por covid-19 em 24 horas. No entanto, sabemos que a construção de sentidos do texto não é feita apenas pelos elementos explícitos na chamada. Ao lermos esses e outros textos sobre o assunto, adquirimos conhecimentos discursivos e interacionais acerca dessa temática e acionamos, na leitura, nossos conhecimentos sobre o que pensa a sociedade da época sobre determinado assunto, que argumentos são usados para orientar o outro a aderir a certos pontos de vista e que maneiras de pensar, ver e sentir se diferem daquela construída no texto.

Dentre os 24 textos que compõem nosso *corpus*, verificamos que 12 apelaram para números e porcentagens sobre a quantidade de pessoas que morreram, que estavam em situação grave ou que tiveram sequelas de covid-19. Não acreditamos que seja uma coincidência que, para fazer o interlocutor aderir à opinião de que a covid-19 realmente mata, os jornais usem um *topos* (ou lugar) da quantidade. Como destacamos na fundamentação teórica, Amossy (2018), retomando Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), afirma que os esquemas argumentativos, para além de serem estruturas gerais que se adaptam a uma gama de situações diferentes, contêm um caráter dóxico: nos textos sobre covid-19 (e sobre outras tragédias), os jornais frequentemente apelam para números a fim de ressaltar a seriedade do assunto. Assim, reforça-se a necessidade de não analisar raciocínios apenas identificando-os, mas examinando o contexto de uso numa interação concreta e as condições sociodiscursivas.

Essa estratégia, inclusive, não está desvinculada de um certo apelo às emoções para suscitar, no interlocutor, adesão ao ponto de vista. Segundo Ungerer (2020, p. 280), “o impacto emocional da morte e calamidade humanas parece ficar mais forte à medida que o número de pessoas envolvidas aumenta”. Nesse sentido, vemos a complexidade da imbricação entre *logos* e *pathos* que destacou Amossy (2018), pois se vê um apelo a uma temática que suscita emoções no interlocutor como parte da construção de um raciocínio implícito.

Nessa chamada e nas outras duas mostradas a seguir, não são apenas os números, porém, que constituem elementos dóxicos usados para orientar a maneira de ver o assunto. As imagens usadas de cemitério e caixão são estratégias visuais que apelam para elementos cujo significado é culturalmente compartilhado.

Figura 54 – T5



Fonte: @g1es na rede social X. Disponível em: <https://twitter.com/g1es/status/1379523692661764098>. Acesso em: 26 out. 2023.

Figura 55 – T21



Fonte: @correio na rede social X. Disponível em:
<https://twitter.com/correio/status/1379549268097306624>. Acesso em: 26 out. 2023.

O referente das mortes por covid-19 é introduzido em T5 (lendo a fotografia primeiro) por uma distância social mais pessoal, considerando o *continuum* dessa categoria, já que o participante é representado de forma próxima, como se estivesse fisicamente próximo do interlocutor. Usa-se um ângulo frontal, que pretende criar uma relação de envolvimento com o expectador, o qual, observando a situação de perto, coloca-se no lugar de quem sofreu a fatalidade. O referente progride de forma que o contexto verbal destaca a predicação “bate recorde” atribuída ao estado do Espírito Santo, destacando, em seguida, 110 mortes por covid em um único dia. Os sentidos ativados pelo referente, de que a morte por covid seria algo próximo, presentificado pela figura do caixão em distância social pessoal, podem encaminhar os interlocutores tanto para concluir que a doença é de fato a causa das mortes, assim como em T5, mas também de que qualquer um que observe a situação de perto pode ser o próximo a constar nos records que essa doença vinha batendo diariamente.

Em T21, o referente “mortes por covid-19” é construído pela introdução feita pela fotografia de um cemitério – um processo visual conceitual classificacional, em que os vários túmulos representam a categoria “morte” – e pelas retomadas anafóricas

“Covid-19”, que atua na chamada como um marcador do tópico do texto, e “4 mil mortes por dia pela primeira vez”. Também se usa o apelo ao recorde por meio da predicação “bate marca”. Nesses gêneros postados na rede social X/Twitter, esse apelo era bastante comum, de forma que praticamente todo dia um recorde de mortes por covid-19 era batido. A estratégia visual é representar as mortes por meio de um conjunto de lápides, numa distância social mais ampla, que mostra um grande número de casos e ajuda a reforçar a questão dos recordes.

Parte da força argumentativa dessas fotografias está em sua condensação emocional (Kjeldsen, 2016; 2018), ao apelar para um símbolo associado a uma situação indesejada e trágica. Segundo Kress e van Leeuwen (2021), certos participantes representados tornam-se símbolos em dada comunidade sociocultural para veicular significados específicos, e o caixão e o cemitério atuam, nessas chamadas, como forte estratégia textual e argumentativa para fazer o interlocutor aderir a esse ponto de vista, valendo-se de um elemento culturalmente marcado como trágico.

Encontramos outras estratégias verbo-imagéticas de levar o interlocutor a aderir ao mesmo posicionamento explanado em T5, T9 e T21. A chamada T10, por exemplo, não usa a figura de um caixão ou de um cemitério para introduzir o referente “mortes por Covid-19”, mas de um profissional da saúde caminhando e uma ambulância em segundo plano.

Figura 56 – T10



Fonte: @opovo na rede social X. Disponível em:
<https://twitter.com/opovo/status/1379549513787056136>. Acesso em: 26 out. 2023.

Se testarmos agora outro modo de leitura, com o cotexto verbal lido primeiro, a chamada introduz o referente “Brasil” junto com a predicação “bate novo recorde”. O interlocutor se depara com o qualificador “novo”, que permite deduzir que há chamadas antigas que trataram sobre “antigos” recordes e entra em rede com o referente “4.195 mortes” por covid-19. Somam-se a essa construção os referentes evocados pela fotografia: ela apresenta o Participante Representado “profissional de saúde” no centro da imagem e interage com o PR “ambulância”, nas margens e no segundo plano. Esses PR engatilham pistas contextuais e funcionam como anáforas indiretas para as mortes por covid-19.

O PR do profissional de saúde participa de uma narrativa não transacional, uma vez que ele caminha e prepara sua luva para um local que não é mostrado na imagem, mas que pode ser inferido por nossos conhecimentos acerca do estado dos hospitais durante esse período (UTIs cheias, caos, muitos atendimentos de emergência etc.). Junto com o caráter simbólico da ambulância, que engatilha significados como “urgência”,

“perigo”, esses processos visuais contribuem para construir a conclusão implícita de que a doença demanda ação dos profissionais dos hospitais e, portanto, é uma questão urgente e séria.

Observemos agora T14, que trabalha com uma imagem que representa coronavírus em uma ilustração digital, que difere das fotografias descritas até então.

Figura 57 – T14



Fonte: @brasil247 na rede social X. Disponível em: <https://twitter.com/brasil247/status/1379569018734997505>. Acesso em: 26 out. 2023.

A imagem selecionada para ilustrar T14 é característica de textos de divulgação científica, em que se procura mostrar características essenciais para definir o objeto descrito de forma didática. Interacionalmente, ela se enquadra no que Kress e van Leeuwen (2021) definem como uma orientação abstrata de modalidade. Diferentemente das fotografias usadas em notícias, que se enquadram, em geral, na modalidade naturalística (que pretende mostrar as coisas como são vistas a olho nu, exibindo “os fatos”), as ilustrações usadas nesse tipo de texto procuram tornar a visualização de um participante mais clara e didática, fazendo uma abstração da realidade empírica e focalizando, por exemplo, a aparência do vírus.

Mesmo que seja uma abstração simplificada, a ilustração desempenha o papel de imprimir um “tom” científico ao enunciado – o que é sabido pelo interlocutor que tem contato com esse tipo de texto. Muitas dessas ilustrações, aprendemos desde a escola, são

obtidas a partir de visualizações em microscópios. No entanto, a construção referencial do texto todo não atua apenas para imprimir esse tom, mas também para fazer o interlocutor inferir uma certa gravidade da covid-19. Outras estratégias visuais são mobilizadas para isso: o significado simbólico (portanto, compartilhado socialmente) da figura do vírus, que tem ameaçado a saúde do mundo desde 2020; a representação dele em um plano próximo, o qual faz o interlocutor se sentir “relacionado” com o participante representado; o fato de haver vários exemplares do mesmo vírus, em tamanhos diferentes, dispostos em uma estrutura Centro-Margem, como que para reforçar ao espectador a multiplicação do coronavírus.

Essas estratégias visuais funcionam para fazer progredir o referente “Covid-19” na chamada, que entra em rede com as expressões “um em cada três pacientes” e “diagnóstico de doença mental ou neurológica” – as quais também imprimem um tom científico ao enunciado, afinal, relatam o resultado de uma pesquisa. A progressão permite que se reconstrua o seguinte raciocínio de vínculo de causa: (premissa menor explícita) contrair covid-19 leva, com grande probabilidade (“um em cada três pacientes”), alguém a desenvolver uma enfermidade relacionada à saúde mental, (premissa maior implícita) e sabe-se que sequelas psicológicas advindas de doenças atestam sua gravidade. (Conclusão) Portanto, a covid-19 é uma doença grave. Nesse esquema, a ilustração atua, pensamos, como uma comprovação do envolvimento da pesquisa científica com a investigação do coronavírus.

Mesmo uma composição visual aparentemente simples, como a do texto a seguir, é utilizada em um movimento argumentativo.

Figura 58 – T19



Fonte: @em_com na rede social X. Disponível em: https://twitter.com/em_com/status/1379556553355898886. Acesso em: 26 out. 2023.

A porção superior do post afirma, em caixa alta, “URGENTE” e, em seguida, descreve um recorde de mortes por covid-19 em 24h, como outras chamadas mostradas até então. A figura em fundo azul integra a progressão referencial ao retomar o nome do jornal (que aparece também no nome de perfil) junto a um ícone, na parte superior da composição, e o nome “URGENTE”, novamente, na parte inferior. Além do elemento da cor azul, que é utilizada para atribuir uma identidade visual ao jornal, tem-se, composicionalmente, que a parte superior se classifica como Ideal, a qual constrói significados de algo que é a essência mais geral ou idealizada do texto, ou seja, o Estado de Minas é o elemento “geral” e “ideal” (com credibilidade) de onde partem as notícias. A urgência veiculada pela parte inferior, ou Real (a parte que deve ser interpretada como prática e factual, ligada ao fato em si), atua como retomada da chamada e do contexto de seriedade da doença.

A simples repetição de elementos que estão em outras partes do texto – o nome do jornal na parte de identificação do perfil da rede social X e a palavra “URGENTE” – não é, em verdade, simples. Na progressão dos referentes no texto, toda retomada é recategorizadora e, então, contribui para o avanço da entidade no enunciado. No caso de T19, a reaparição de “URGENTE”, em letras maiores e em destaque na

composição visual, reforça que, de fato, todo esse cenário de recordes por morte é um fato grave e, conforme atestado por um jornal verificado, verídico.

Os textos mostrados neste subitem têm em comum a tomada de um mesmo posicionamento discursivo numa contenda argumentativa que se dá no interdiscurso da época (a covid-19 como algo sério/verdadeiro *versus* a covid-19 como uma doença não grave/fabricada). No entanto, a forma como os raciocínios são construídos, isto é, os argumentos, muda, pois muda a textualização dos referentes, dos itens lexicais, do plano de texto, das categorias imagéticas etc. É nesse sentido que pensamos que o argumento é um esquema de raciocínio construído de forma diferente em cada interação textual, que é apreendido e descrito pelos processos referenciais, no caso deste estudo.

6.2 Temática da vacinação

Outro tópico recorrente foi a questão da vacinação. Para entender as conclusões inferidas nos textos analisados, é preciso nos situarmos, de forma semelhante à temática anterior, sobre a contenda argumentativa acerca desse assunto. Desde que as primeiras vacinas foram anunciadas, muito se discutiu sobre sua eficácia: de um lado, argumentava-se que, em muito pouco tempo, foram produzidas e testadas vacinas para uma doença, até então, desconhecida, posicionamento que questionava sua validade.

No mesmo sentido, havia aqueles que acreditavam que as vacinas surgiam como uma estratégia das indústrias farmacêuticas para obter dinheiro; afinal, seriam vendidas milhões de doses para o mundo inteiro por poucas empresas. A figura 59 mostra exemplos de comentários que revelam esse posicionamento.

Figura 59 – Comentários com posicionamentos contrários à vacinação



Fonte: @g1 e @JovemPanNews na rede social X/Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/g1/status/1379558282742751232>. Disponível em: <https://twitter.com/JovemPanNews/status/1379490345717751810>. Acessos em: 18 maio 2022.

Um dos textos de nosso *corpus* encaminha o interlocutor para essa opinião.

Figura 60 – T8



Fonte: @JovemPanNews na rede social X. Disponível em: <https://twitter.com/JovemPanNews/status/1379490345717751810>. Acesso em: 26 out. 2023.

O texto T8 guia o leitor para o seguinte raciocínio: (Conclusão implícita) a vacina [russa] contra covid-19 pode não ser eficaz, pois (Premissa menor explícita) quem tomou duas doses dessa vacina ainda pode contrair o coronavírus, segundo a OMS, (Premissa maior implícita) sendo que pessoas vacinadas não deveriam ficar doentes. Nessa época, o lançamento da vacina russa causou uma controvérsia sobre sua eficácia, pois faltava validação de mais estudos científicos para comprovar seu poder de imunização. De fato, a própria notícia para a qual o link da chamada direciona contextualiza que o presidente da Argentina, Alberto Fernández, havia testado positivo para o vírus, sem sintomas, mesmo após ter recebido a Sputnik V, a vacina produzida na Rússia (OMS [...], 2021).

A fotografia é responsável por introduzir o referente “vacina russa” no texto, por meio de um processo atributivo simbólico: o PR do profissional de saúde ao fundo, em desfoque, executa o gesto de mostrar a caixa da vacina, em que se lê em russo “Gam-

Covid-Vac”, a vacina desenvolvida pelo instituto russo Gamaleya. Esse referente é recategorizado na parte escrita com a expressão nominal “as duas doses de vacina”, entrando em rede com as outras porções escritas que guiam, como ressaltamos, para o posicionamento de desconfiança em relação a esse imunizante.

Em um lado oposto a esse, houve discursos que acreditavam na eficácia das vacinas e valorizavam os métodos científicos adotados para sua testagem e aplicação, encontrados em nossas análises, como o texto T1 a seguir.

Figura 61 – T1



Fonte: @g1 na rede social X. Disponível em: <https://twitter.com/g1/status/1379558282742751232>. Acesso em: 26 out. 2023.

A expressão referencial “cidade [que testou vacinação em massa]” é introduzida logo no começo da chamada e é recategorizada pela fotografia, em distância impessoal e ângulo alto (conferindo-lhe um grau de atitude objetiva, de acordo com a GDV). Na construção referencial desse texto, muito importante é a predicação “vê sinais de queda em casos graves da covid-19 e na busca por atendimentos”, pois presentifica a premissa menor do argumento construído: (Premissa maior implícita) se uma cidade testa

a vacinação em massa, é esperado que obtenha resultados positivos; então, (Premissa menor explícita), como a cidade de Serrana viu sinais de melhora depois de adotar esse procedimento, (Conclusão implícita) a vacina é eficaz.

A participação da fotografia se dá na construção da premissa e retira seu potencial, de um lado, do alto grau de modalidade que há na orientação de codificação naturalística e, de outro lado, da perspectiva objetiva que os ângulos e o enquadramento conferem a ela: enxerga-se a cidade como um todo vacinado. Nesse sentido, é a condensação racional (Kjeldsen, 2016; 2018) que está mais presente, de forma que a fotografia presentifica e comprova um fato.

Encontramos também argumentos que retiram a força da condensação emocional da imagem e direcionam o texto a favor da credibilidade da vacinação. T6 é uma chamada noticiando que Roberto Dinamite, ex-jogador e ex-presidente do time do Vasco, havia recebido a primeira dose da vacina contra covid-19.

Figura 62 – T6



Fonte: @geglobo na rede social X. Disponível em: <https://twitter.com/geglobo/status/1379580957892706306>. Acesso em: 26 out. 2023.

O referente “vacina contra Covid-19” introduzido pela chamada é recategorizado por alguns elementos da fotografia: o vetor formado pelo braço do ex-atleta segurando a meta desse processo narrativo, o braço que inferimos que foi vacinado; além disso, há um PR em segundo plano, a mascote criada para as campanhas de vacinação contra o vírus da poliomielite, conhecido como Zé Gotinha, mas que, no contexto da pandemia do novo coronavírus, tornou-se símbolo de vacinação de um modo geral.

Esse é mais um caso de um Participante Representado que se torna símbolo em dada comunidade sociocultural, veiculando significados diversos, como a valorização da vacinação, no caso da mascote. A associação entre o ídolo do Vasco e um dos símbolos da vacinação no Brasil, na mesma composição, contribui para o posicionamento favorável à imunização. Apela-se também para uma memória afetiva que o interlocutor possa ter tanto em relação à mascote quanto ao ídolo do futebol, o qual recebe qualificações positivas na parte verbal (“ídolo”, “maior artilheiro da história do clube e de todos os campeonatos brasileiros”).

O próximo texto (T7) é uma chamada para uma notícia do tipo *fact-checking*, que faz a checagem de informações que circulam na sociedade. No contexto em que *fake news* vêm se tornando mais comuns, essa prática tem se popularizado por agências de jornalismo.

Figura 63 – T7



Fonte: @agencialupa na rede social X. Disponível em: <https://twitter.com/agencialupa/status/1379536694643425280>. Acesso em: 26 out. 2023.

O referente “vacinas contra Covid-19” é presentificado na chamada por meio das expressões referenciais “vacinação particular contra a Covid-19”, “vacinas contra Covid-19” (na porção visual) e pelo PR de dois vidros contendo a solução da vacina e uma seringa, elaborados na imagem em cores preto e branco do lado correspondente à categoria de Dado, na composição visual. Em termos representacionais, a imagem dos vidros e da seringa constitui um processo simbólico, na medida em que atua como algo que possui uma identidade ou significado culturalmente compartilhados (a cura para a covid-19, uma elaboração produzida pela ciência). Diferentemente dos outros textos expostos anteriormente, a orientação de codificação dessa imagem é sensorial, porque a baixa saturação de cores e a colocação em um fundo descontextualizado visam criar um efeito de sentido de suspense, tensão e dramaticidade.

A saliência dessa composição está na parte Nova da imagem, a parte escrita que afirma que “É falso” que as redes de farmácia vendem vacinas. O trabalho com as cores é fundamental para essa predicação, pois ela contrasta com o resto da composição de modo a ganhar a atenção do interlocutor. A construção referencial por meio da presença da cor e da dramaticidade do preto e branco integra a conclusão explícita de que o que circulava era uma notícia falsa. As premissas que guiam para essa conclusão são a premissa maior implícita de que é o governo que cuida das vacinações e a premissa menor explícita de que Droga Raia e Drogasil não são instituições governamentais, mas empresas privadas: logo, não poderiam estar vendendo vacinas.

O argumento analisado é percebido quando se focaliza o tópico principal da notícia. No entanto, o locutor começa a chamada com a predicação “Circula pelo WhatsApp”, uma informação que não deve ser tomada como despreziosa. Há uma opinião compartilhada de que o WhatsApp é uma mídia em que as notícias falsas circulam com facilidade. Essa opinião esteve bastante evidente durante o período da pandemia de covid-19, inclusive em uma pesquisa desenvolvida pela Fiocruz a qual afirma que essa mídia era responsável por 73,7% das informações falsas sobre a covid-19 (Nitahara, 2020). Assim, pode-se pensar que se constrói, de forma secundária, um argumento de que, (Premissa maior implícita) como notícias falsas tendem a circular no WhatsApp e (Premissa menor explícita) a notícia em questão circulou nessa mídia, (Conclusão explícita) a informação é falsa.

6.3 Outras temáticas

Neste último agrupamento de textos, os quais não se encaixaram nas outras duas temáticas, tratou-se sobre o capacete Elmo, um dispositivo de respiração assistida desenvolvido no estado do Ceará durante a pandemia de covid-19; sobre o estado de saúde do ex-jogador de futebol Cláudio Adão; e sobre as medidas restritivas na Austrália e na Nova Zelândia.

A figura a seguir mostra o texto T15, sobre o capacete Elmo. Esse dispositivo, segundo site desenvolvido pela Escola Pública de Saúde do Ceará, é um método de respiração assistida não invasivo e mais seguro para os profissionais de saúde, criado em 2020 por meio de uma parceria público-privada (Ceará, 2022).

Figura 64 – T15



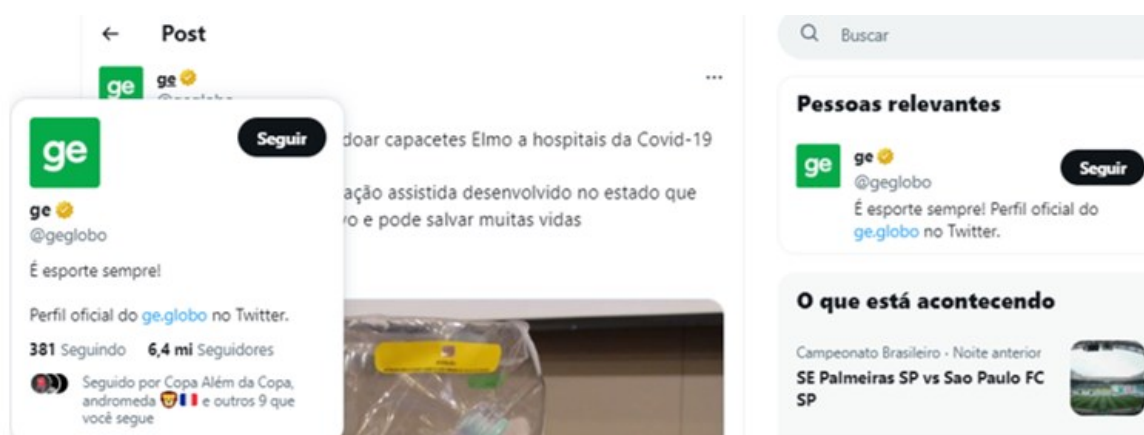
Fonte: @geglobo na rede social X. Disponível em: <https://twitter.com/geglobo/status/1379571081627963397>. Acesso em: 26 out. 2023.

O usuário da rede social X que se depara com esse post e observa primeiro a fotografia, sem conhecimento do que seja, descobre, lendo a parte escrita, que “Fortaleza faz campanha para doar *capacetes Elmo*”, de forma que a expressão destacada atua como retomada anafórica direta da fotografia. Em seguida, lê-se que “Elmo é um capacete de

respiração assistida desenvolvido no estado que tem baixo custo, não é invasivo e pode salvar muitas vidas”, com outra retomada do nome do capacete, seguida de uma predicação que o define e atribui a ele qualidades bastante positivas.

Na construção de sentidos desse texto, é preciso que o interlocutor recupere a informação de que a expressão referencial “Fortaleza” se refere ao Fortaleza Esporte Clube, time de futebol, e que “estado” é o estado do Ceará. O usuário que estiver acostumado com as ferramentas da plataforma pode passar o mouse em cima do nome do perfil e obter informações de que o “ge” é um perfil de esportes. Além disso, pode-se também ter o conhecimento de mundo de que “ge” é a abreviação de “Globo Esporte”, programa de TV e site da rede Globo destinados a notícias do mundo esportivo, cujo logotipo se vê na imagem de perfil. Além disso, tem-se, do lado direito da tela, a ferramenta “Pessoas relevantes”, que mostra perfis citados no texto que sejam relevantes na interação, oferecendo, inclusive, a opção de seguir o perfil. Essas são algumas pistas contextuais, incluindo conhecimentos sobre a plataforma digital, para a construção dos sentidos desse texto.

Figura 65 – Janela com informações do perfil e ferramenta "Pessoas relevantes"



Fonte: @geglobo na rede social X. Disponível em:
<https://twitter.com/geglobo/status/1379571081627963397>. Acesso em: 26 out. 2023.

A fotografia, que, à primeira vista, mostra algo irreconhecível para a maioria dos interlocutores, com a progressão referencial e com os conhecimentos de mundo trazidos, torna-se parte fundamental dos sentidos do texto ao se constituir por um processo conceitual simbólico, já que o participante representado “capacete Elmo” é mostrado ao espectador como um item num mostruário, conforme definem Kress e van Leeuwen

(2021). Essa imagem, ao mesmo tempo em que participa do movimento de definição do que é o capacete, mostrando algo, até então, desconhecido, também contribui para que essa forma imagética entre no repertório sociocultural dos interlocutores.

Esse movimento entra em rede referencial com a predicação “Fortaleza faz campanha para doar capacetes Elmo”, que constitui o tópico principal da chamada. Ao mesmo tempo em que se apresenta o dispositivo e ressaltam-se suas qualidades, conclui-se implicitamente que o time de futebol em questão cumpre uma responsabilidade social e um comprometimento com o tratamento das pessoas acometidas por covid-19. Caso pensemos nos elementos que estão nos fundamentos dessa argumentação, podemos refletir que a adesão a essa maneira de pensar só faz sentido caso o grupo social visado valorize a filantropia e a ajuda ao próximo. Hipoteticamente, uma comunidade social que se oponha a esses valores e que acredite que um time de futebol não deve se envolver em questões que seriam do âmbito governamental não irá aderir a esse posicionamento.

A seguir, analisamos T24, uma chamada sobre o estado de saúde do ex-jogador Cláudio Adão. Relembrando as chamadas analisadas no item 6.1 sobre as mortes por covid-19, T24 utiliza uma outra estratégia referencial e argumentativa para chegar a uma conclusão parecida com as dos textos que apelam para referentes como “morte” e “urgência”.

Figura 66 – T24



Fonte: @geglobo na rede social X. Disponível em:
<https://twitter.com/geglobo/status/1379561134781571073>. Acesso em: 26 out. 2023.

Essa chamada notícia que Cláudio Adão (ex-jogador de futebol de 65 anos) contraiu a doença e foi internado. À medida que se lê o texto e se observa a fotografia, os referentes “covid-19” e Cláudio Adão vão sofrendo mudanças e adquirindo um status positivo: ele contraiu, sim, a covid-19, mas foi internado apenas por precaução médica e não estava em estado grave. Confirmam essa progressão o segundo parágrafo da chamada, bem como a fotografia do ex-atacante, que o mostra em uma narrativa não transacional, em que ele atua num gesto de aceno positivo para a câmera, em um olhar de Demanda com uma expressão sorridente, o que tranquiliza aqueles que porventura estejam preocupados com ele.

Essa construção referencial atua na formulação do raciocínio de que (Premissa maior implícita) internar alguém, mesmo não estando em estado grave, é um indício de que uma doença é séria. (Premissa menor explícita) Cláudio Adão contraiu covid-19, apesar de não se encontrar em estado grave, logo (Conclusão implícita) os médicos consideram a covid-19 uma doença preocupante, que pode causar graves complicações. O papel da fotografia nessa dinâmica argumentativa e referencial é construir o fato de que o estado do ex-jogador não era grave, utilizando-se da propriedade da condensação emocional, assim como a chamada T6, aquela sobre o ex-jogador Roberto Dinamite.

Por último, apresentamos a análise do seguinte texto, que aborda a questão das medidas restritivas que foram adotadas para combater o avanço da pandemia.

Figura 67 – T3



Fonte: @bbcbrasil na rede social X. Disponível em: <https://twitter.com/bbcbrasil/status/1379502469839982596>. Acesso em: 26 out. 2023.

A fotografia e a expressão referencial “Farra de famosos na Austrália” (de caráter altamente avaliativo por parte do locutor) constroem um objeto de discurso que aponta para celebridades que estavam naquele país durante a pandemia de covid-19. Ao ler o texto todo, o interlocutor é levado a atribuir aos “famosos” sentidos negativos, devido, principalmente, ao qualificador “farra” e à predicação “irrita cidadãos ‘presos’ fora do país por covid-19”.

Note-se que a imagem isolada não levaria a tais sentidos: exhibe-se o ator Zac Efron à direita, em uma distância social próxima, sorridente e com um olhar de Demanda para o espectador, o que criaria uma relação de simpatia que envolve quem observa a fotografia. Junto a ele, um homem à esquerda mostra-se ao interlocutor com um olhar de Oferta, fitando, com uma expressão terna, um canguru filhote – símbolo associado à Austrália e que atua como sua anáfora indireta.

No entanto, esse sentido, se é construído pelo texto apenas pela observação da imagem, deve estar na posição de fundo. O que se quer ressaltar, como figura, é que, de alguma forma, esses famosos, que riem e se divertem na Austrália, estão participando de uma “farra” que está irritando os “verdadeiros cidadãos”, os quais estão “presos” fora do país. Inclusive, a opção composicional por representar os dois PR nas posições de Dado e Novo também contribui para esse sentido, na medida em que o homem

desconhecido acariciando o canguru deve ser interpretado como Dado, algo que deve ser lido como objeto de consenso. Já o ator Zac Efron, na posição de Novo, deve ser interpretado como a informação nova, não consensual e, principalmente, controversa.

Há uma série de discussões que estão implícitas nessa chamada e que são retomadas pelo discurso da época, as quais autorizam a reconstrução de um posicionamento discursivo contrário a essa “farra”. A Austrália e a Nova Zelândia foram dois dos países com menos casos de covid-19 e que conseguiram conter o avanço do vírus antes mesmo das vacinas, devido a medidas rigorosas de isolamento social e uso de máscaras.

Por causa dessas medidas, porém, muitos cidadãos nativos dos países que porventura estavam no exterior não conseguiam retornar a suas casas, principalmente devido ao preço alto das passagens aéreas, ocasionados pelas restrições de viagens. As passagens disponibilizadas para compras eram bastante reduzidas, de forma que apenas pessoas com boas condições financeiras – como os famosos – conseguiam adquiri-las e, inclusive, formar residências temporárias nesses países durante o isolamento social (Mao, 2021).

Dessa forma, há um embate de opiniões travado pela comunidade da Oceania entre ricos *versus* pobres, ou, como escreve o post, “famosos” *versus* “cidadãos ‘presos’” fora do país. Pode-se pensar que o locutor do texto argumenta que (Premissa menor explícita) a Austrália (ou melhor, seu governo) coloca impedimentos para o retorno de seus cidadãos, “presos” fora do país; ao mesmo tempo, permite uma “farra de famosos”. No entanto, (Premissa maior implícita) um governo deve priorizar seus cidadãos, logo, (Conclusão implícita) o governo da Austrália seria conivente com essa “farra”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo principal de analisar de que forma recursos visuais, em interação com outros modos semióticos, foram utilizados como estratégias argumentativas. Como *corpus*, escolhemos chamadas noticiosas verbo-imagéticas retiradas da rede social X (antigo Twitter) acerca de assuntos relacionados à covid-19 (entre eles, recordes de mortos pelo coronavírus e a vacinação). Inicialmente, foi preciso delimitar de que noções de argumentação e de multimodalidade nos aproximaríamos, tendo em vista os pressupostos da Linguística Textual.

Assumimos a noção de argumentação de Ruth Amossy (2018), indo na mesma direção de pesquisadores como Cavalcante (2016), Macedo (2018), Cavalcante *et al.* (2020). Tal noção, quando incorporada pela LT, considera que todo texto possui uma dimensão argumentativa, isto é, tenta orientar as maneiras de ver, sentir, pensar sobre determinada questão. Uma noção de argumentação ampliada como esta foi pertinente na nossa investigação, pois optamos por analisar textos que investem em uma objetividade aparente, mas que, ao mesmo tempo, fazem referência a questões debatidas em determinada época, como a eficácia ou não das vacinas contra a covid-19.

Em relação à multimodalidade, assumimos pressupostos da Semiótica Social e da Gramática do Design Visual no que concerne às categorias imagéticas. Autores como Kress (2010) e Kress e Van Leeuwen (2021) consideram que, além do verbal, outros modos semióticos (imagem estática, música, layout etc.) participam da construção de sentidos dos textos e que esses significados são moldados culturalmente. A GDV nos forneceu categorias pensadas para o modo imagético estático, as quais levam em conta as especificidades desse modo semiótico.

Na construção do nosso percurso teórico, deparamo-nos com um texto de Gonçalves-Segundo (2021) que nos colocou em contato com o subcampo da argumentação multimodal. Autores como Groarke (1996), Kjeldsen (2016, 2018), Tseronis (2018) e Roque (2019) contribuíram com conceitos como o de condensação simbólica e com pressupostos como o de que imagens permitem, tanto quanto palavras, que um movimento ilativo seja reconstruído em análise. Dito de outra forma, segundo as ideias da argumentação multimodal, as imagens podem fazer parte de raciocínios argumentativos.

Esta última ideia foi crucial para o caminho que nossa pesquisa seguiu e nos permitiu elaborar uma hipótese secundária de que a reconstrução de raciocínios argumentativos em textos verbo-imagéticos se dá pela interação entre o verbal e o visual e os termos do argumento (premissas e conclusão) e pelo exame das opiniões compartilhadas em determinada época, isto é, da *doxa*, tendo em vista a dimensão argumentativa. Como os textos analisados não são o que se considera um texto prototipicamente argumentativo – o que Amossy (2018) chama de visada argumentativa –, a construção de raciocínios não estava explicitamente dada, já que o propósito dos textos é informar. Mas, em todos os casos, ao nos deter no exame das opiniões e dos valores implícitos compartilhados socialmente naquele determinado período, por meio das chamadas noticiosas, foi possível perceber que os locutores procuraram direcionar os leitores para uma determinada maneira de ver a questão, e não para outra.

Para perceber os argumentos inferidos e os posicionamentos sugeridos, foi preciso entender o que estava implicado, em termos de interdiscurso, em cada questão posta nos textos, na época em que as chamadas foram publicadas. Por exemplo, em todas as chamadas analisadas na temática do número de mortes por covid-19 (item 6.1), os interlocutores foram orientados para a conclusão de que os recordes de óbitos batidos pelo coronavírus, ou de pessoas em estado grave, indicavam que essa doença é grave, séria. Essa conclusão só faz sentido se o interlocutor convocar conhecimentos de mundo sobre pelo menos dois pontos de vista: o lado das pessoas que se preocupavam com a seriedade da covid-19 versus o lado das pessoas que desconfiavam que os números noticiados eram exagerados, que as mortes contabilizadas não envolviam apenas a covid-19 (como mostramos nos comentários da figura 51).

Na dinâmica de reconstrução dos raciocínios dos textos, as imagens foram fundamentais na análise tanto das premissas quanto das conclusões, de forma semelhante ao que concluiu Tseronis (2018) em um estudo de pôsteres verbo-visuais. Inicialmente se poderia pensar que as imagens atuassem em um ou outro termo do argumento (premissa maior, premissa menor e conclusão, conforme o modelo que seguimos), mas tal correspondência não se verificou por meio da nossa metodologia de análise. Em cada caso, foi a dinâmica global entre verbal e visual que permitiu que se apreendessem os referentes presentificados no texto e que se percebessem as redes referenciais em torno do tópico discursivo da chamada.

Dessa forma, notamos que a análise do tópico central das chamadas foi o que facilitou que reconhecêssemos um posicionamento implícito em cada texto, e esse tópico só é percebido adequadamente considerando o verbal e o imagético. Isso ficou mais evidente nas chamadas da temática do número de mortos e pessoas em estado grave, em que objetos de discurso como “número de mortos por covid-19” ou “número de pessoas em estado grave” foram presentificados verbalmente apelando para números, recordes, e visualmente por meio de caixões, cemitérios, narrativas visuais de enterro, pessoas internadas etc. Dentro dessa temática, as estratégias referenciais foram bastante similares. Pensamos que isso pode estar relacionado com o tom de “furo jornalístico” que as chamadas acerca de recordes e números possuem. Na prática jornalística, elas visam angariar cliques, visualizações e compartilhamentos, e esse tópico é bastante sensível e motivo de atenção em nossa sociedade.

Em relação ao papel das imagens na dinâmica argumentativa e referencial, havíamos pensado que categorias da visualidade que imprimem maior objetividade seriam mais importantes, devido ao propósito comunicativo dos textos escolhidos. Conforme vimos no capítulo 3 (Multimodalidade), algumas categorias são codificadas socialmente de forma a construir sentidos de impessoalidade, notadamente as categorias da metafunção interativa, como o olhar de oferta; a distância social impessoal; o ângulo horizontal oblíquo; o ângulo vertical na altura da visão ou o totalmente alto; a modalidade naturalística.

Notamos uma recorrência, nos 24 textos analisados, do uso de ângulos verticais na altura da visão (20 textos) e de modalidade naturalística (19 textos), o que corrobora a expectativa desse uso em gêneros discursivos mais informativos. No entanto, percebemos que, na análise dos raciocínios argumentativos e da construção referencial, todas as categorias foram importantes, tanto as socialmente codificadas como objetivas quanto as subjetivas. A título de comparação, T9 utiliza uma fotografia de um cemitério visto de cima, em distância impessoal (mais objetiva), e T5 utiliza a fotografia de um caixão visto de perto, em distância muito pessoal (mais subjetiva). Ambas são usadas como retomadas recategorizadoras do referente “mortos por covid-19”, mas, em cada caso, por meio de estratégias imagéticas (e também verbais) diferentes.

Por isso, pôde-se chegar a conclusões bastante parecidas nos textos de mesma temática, mas por meio de expressões referenciais e recursos visuais distintos. De forma

geral, em verdade, as categorias de todas as metafunções colaboram para a construção dos objetos de discurso, para a apreensão dos posicionamentos discursivos e dos raciocínios argumentativos implícitos.

No que concerne aos processos referencias de introdução e anáfora e sua relação com os raciocínios argumentativos, observamos que a progressão e a transformação dos referentes nos textos, após sua leitura global, foi o que permitiu ter contato com as premissas menores na maioria dos casos analisados. Observamos que a reconstrução de raciocínios funcionou desta forma para a maioria dos casos:

- A premissa maior estava implícita (com exceção dos textos T4 – a chamada para uma matéria da BBC News Brasil sobre o tempo que levaria para o mundo todo estar vacinado – e T22 – matéria sobre a fala do senador Paulo Paim sobre a necessidade da quebra de patente da vacina);
- A premissa menor estava explícita (com exceção de T22);
- A conclusão estava implícita (com exceção de T22 e T7 – a matéria da Agência Lupa atestando que era falso que farmácias vendiam doses de vacinas);

As premissas menores, nos textos analisados, estavam relacionadas a casos concretos, isto é, aos próprios fatos noticiados, por isso eram explícitas. Essa observação vai ao encontro do que Macedo (2018) já havia observado acerca do exame da presentificação de certos elementos no texto como uma estratégia argumentativa por meio da referência. Nesse sentido, a parte mais cotextual deu conta de tratar dos fatos noticiosos, pois são os elementos presentificados.

É a partir dessas pistas textuais que temos acesso às premissas maiores e às conclusões. As premissas maiores, que estão implícitas na maioria das chamadas, relacionam-se a valores socialmente compartilhados pelos grupos sociais em cada época: por exemplo, governos de países devem priorizar seus próprios cidadãos (T3); pessoas vacinadas não deveriam ficar doentes (T8); ou é esperado que a vacinação em massa gere resultados positivos (T1). A exceção a esse movimento foi T22, em que o locutor institucional da chamada, o Senado Federal, relata a fala de um de seus senadores e utiliza como imagem um frame de um vídeo em que ele expõe seus argumentos. A opinião relatada de Paulo Paim já expõe a premissa maior da qual ele parte e a conclusão do argumento, cabendo ao jornal “apenas reproduzir” a fala dele.

Pensamos que a implicitude dos valores dóxicos é natural de textos de caráter mais objetivo e informativo, como as chamadas jornalísticas, porque eles têm de lidar com um duplo movimento: o locutor tenta, a todo custo, imprimir imparcialidade a seu texto (inclusive por meio das categorias visuais codificadas como mais objetivas), mas, ao mesmo tempo, não pode fugir da rede interdiscursiva e dos elementos da *doxa* que podem ser apreendidos com um exame atento dos raciocínios argumentativos. Isso parece ser uma característica da coerência dos textos dessa modalidade argumentativa, pelo menos nos casos analisados.

Ao longo do nosso percurso nesta pesquisa, principalmente quando da construção da análise e das considerações finais, pensamos que há questões que ficaram em aberto, devido ao escopo do estudo e de suas limitações, mas que podem ser examinadas em estudos futuros. Por exemplo, nosso *corpus* contou com textos de curta extensão, com poucos caracteres e uma imagem. Seria interessante analisar a evolução dos referentes em enunciados maiores, como nas próprias notícias para as quais as chamadas direcionam o leitor, ou até mesmo em vídeos noticiosos – o que implicaria o estudo de outro modo semiótico, o da imagem em movimento, o qual não recebe tanta atenção dos estudos que têm a GDV como base. Além disso, é possível se debruçar sobre relações mais ou menos focais entre visual e linguístico, isto é, deve haver uma diferença de argumentação em enunciados com participação mais ou menos direta das imagens na construção do tópico discursivo e das redes referenciais.

Apesar de assumirmos o pressuposto de que as três provas da retórica (*logos*, *ethos* e *pathos*) são indissociáveis, fizemos apenas algumas considerações sobre o *pathos* e menos ainda sobre o *ethos*. Imaginamos que pode ser produtivo relacionar as três provas ao movimento ilativo de passar das premissas à conclusão, ou relacionar o papel das imagens às três provas retóricas.

Além disso, optamos pelos processos referenciais como critério de análise, mas acreditamos que os outros critérios da Linguística Textual teriam muito a contribuir na análise da argumentação em textos verbo-imagéticos, como a intertextualidade, a construção de um quadro tópico, as heterogeneidades enunciativas, as sequências textuais etc.

Por fim, com este estudo, esperamos ter contribuído com as pesquisas em argumentação multimodal, somando-se às tentativas de validar, cada vez mais, as análises

de outros modos semióticos além do verbal na argumentação. Esperamos que o passo a passo que construímos nas etapas de análise tenha se mostrado relevante e que seja aplicado a outros casos, transformado e aprimorado por pesquisas futuras.

Também desejamos que mais estudos se debrucem sobre textos de dimensão argumentativa e tentem elucidar mecanismos de reconstrução dos raciocínios velados presentes nesses enunciados. Treinar o olhar para questões implícitas transforma nossa visão de mundo e permite que sejamos sujeitos mais atentos e críticos ao que ocorre à nossa volta.

REFERÊNCIAS

ALFANO, B. Brasil tem segundo dia com mais mortes por Covid-19 desde o começo da pandemia: 4.190. **O Globo**, [S. l.], 8 abr. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/brasil-tem-segundo-dia-com-mais-mortes-por-covid-19-desde-comeco-da-pandemia-4190-24962118>. Acesso em: 4 nov. 2022.

ALMEIDA, D. B. L. **Icons of contemporary childhood: a visual and lexicogrammatical investigation of toy advertisements**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/88755/233574.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 maio 2022.

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, R. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. **EID&A**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 129-144, nov. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389/395>. Acesso em: 20 set. 2021.

AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, G.; MACHADO, I.; EMEDIATO, W. (Org.). **Análises do discurso hoje, vol. 1**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 231-254.

AMOSSY, R. É possível integrar a argumentação na análise do discurso? Problemas e desafios. **ReVEL**, [S. l.], v. 14, n. 12, p. 165-190, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/f563cecec4f8b46afefe57c45529d721.pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.

AMOSSY, R. Le « Divin Dali » du visuel au verbal : autoportrait et interaction dans le livre-entretien. **Argumentation & Analyse du Discours**, [S. l.], v. 12, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aad/1624#quotation>. Acesso em: 22 maio 2022.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Edipro, 2011.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARTHES, R. A retórica da imagem. In: BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 27-43.

BLAIR, J. A. The Possibility and Actuality of Visual Arguments. In: BLAIR, J. A. **Groundwork in the Theory of Argumentation: Selected Papers of J. Anthony Blair**. New York: Springer, 2012. E-book.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. S. **Referenciação e humor em tiras do Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/14249>. Acesso em: 2 jan. 2018.

CAVALCANTE, M. M. Abordagens da argumentação nos estudos de linguística textual. **ReVEL**, [s. l.], v. 14, n. 12, p. 106-124, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/ea45a0fb01f8dde37a9435628505a55d.pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística textual e argumentação**. Campinas: Pontes Editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884>. Acesso em: 11 set. 2020.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. Estratégias de referenciação em textos multissemióticos. **SEDA - Revista de Letras da Rural-RJ**, v. 5, n. 12, p. 55-71, 14 jan. 2021. Disponível em: <https://www.revistaseda.org/index.php/seda/article/view/154>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. *In*: AQUINO, Z.; SEGUNDO, P. R. G. (org.). **Estudos do discurso: caminhos e tendências**. E-book. São Paulo: Paulistana, 2016. p. 119-133. Disponível em: <https://cied.fflch.usp.br/sites/cied.fflch.usp.br/files/u31/Livro-CIED-2016-final.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CEARÁ. Escola de Saúde Pública do Ceará. **Elmo**: capacete de respiração assistida. Fortaleza: Escola de Saúde Pública, 2022. Disponível em: <https://sus.ce.gov.br/elmo/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

CHARAUDEAU, P. A argumentação em uma problemática da influência. **ReVEL**, [S. l.], v. 14, n. 2, p.8-30, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/82cdc76251f39fa72a9aa561bec1216a.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

CHARAUDEAU, P. O turbilhão do interdiscurso. *In*: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (Org.). **Texto, discurso e argumentação**: traduções. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 249-268.

CORNELLÀ, J. www.joancornella.net. [S. l.], 2 maio 2020. Facebook: @joancornella. Disponível em: <https://www.facebook.com/joancornella/photos/a.855400607960419/1572768629556943/?type=3>. Acesso em: 26 jul. 2023.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8896>. Acesso em: 7 ago. 2021.

DURAND, Jacques. Rhétorique et image publicitaire. **Communications**, v. 15, n. 1, p. 70-95, 1970.

FARIAS, A. **História do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007

FOSS, S. K. Framing the study of visual rhetoric: toward a transformation of rhetorical theory. In: HILL, C. A.; HELMERS, M. (Ed.). **Defining Visual Rhetorics**. London: Routledge, 2004. p. 303-313.

FREITAS, E. Libertação da província do Ceará. 1891. In: OLIVEIRA, A. C. **Uma escritora na periferia do Império**: vida e obra de Emília de Freitas (1855-1908). 2007. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-73BHB7>. Acesso em: 20 nov. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Argumentação multimodal: múltiplos olhares para um objeto complexo. In: GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; PIRIS, E. L. **Estudos de linguagem, argumentação e discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2021. P. 73-109.

GROARKE, L. Logic, art and argument. *Informal Logic*, [Windsor, Canada], v. 18, n. 2-3, p. 105-129, 1996. Disponível em: <https://scholar.uwindsor.ca/cgi/viewcontent.cgi?article=1023&context=philosophypub>. Acesso em: 6 jul. 2021.

GROUPE μ. **Tratado del signo visual**: para una retórica de la imagen. Madrid: Cátedra, 1993.

HALLIDAY, M. K. A.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4. ed. New York: Routledge, 2014.

JEWITT, C.; OYAMA, R. Visual meaning: a Social Semiotic approach. In: VAN LEEUWEN, T.; JEWITT, C. **Handbook of visual analysis**. London: SAGE Publications, 2001. p. 134-156.

KJELDSEN, J. E. Symbolic Condensation and Thick Representation in Visual and Multimodal Communication. **Argumentation and Advocacy**, v. 52, n. 4, p. 265-280, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00028533.2016.11821874>. Acesso em: 12 set. 2021.

KJELDSEN, J. E. The Rhetoric of Thick Representation: How Pictures Render the Importance and Strength of an Argument Salient. **Argumentation**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 197-215, mai., 2015a. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10503-014-9342-2>. Acesso em: 5 jul. 2021.

KJELDSEN, J. E. The Study of Visual and Multimodal Argumentation. **Argumentation**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 115-132, mai., 2015b. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10503-015-9348-4>. Acesso em: 22 jun. 2021.

KJELDSEN, J. E. Visual rhetorical argumentation. **Semiotica**, v. 2018. n. 4, p. 69-94, 2018. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/sem-2015-0136/html>. Acesso em: 12 set. 2021.

KJELDSEN, J. E.; HESS, A. Experiencing multimodal rhetoric and argumentation in political advertisements: a study of how people respond to the rhetoric of multimodal communication. **Visual Communication**, v. 20, n. 3, p. 327-352, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/14703572211013399>. Acesso em: 12 set. 2021.

KRESS, G. **Multimodality**: a social semiotic approach to contemporary communication. London: Routledge, 2010.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the Grammar of Visual Design. 3rd. ed. London: Routledge, 2021.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MACEDO, P. S. A. **Análise da argumentação no discurso**: uma perspectiva textual. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38840>. Acesso em: 11 set. 2020.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAO, F. Coronavírus: farra de celebridades na Austrália irrita moradores 'presos' fora do país. **BBC News**, Sydney, 2 abr. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56614307>. Acesso em: 19 nov. 2022.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, Curitiba, n. 56, p. 217-258, jul./dez. 2001.

MATOS, J. G. **As redes referenciais na construção de notas jornalísticas**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará,

Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/35419>. Acesso em: 11 set. 2020.

MEYER, M. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-25.

NASCIMENTO, S. O. **A construção multimodal dos referentes em textos verbo-audiovisuais**. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9504/1/2014_dis_ssonascimento.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

NITAHARA, A. WhatsApp é principal rede de disseminação de fake news sobre covid-19. Agência Brasil, Brasília, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-04/whatsapp-e-principal-rede-de-disseminacao-de-fake-news-sobre-covid-19>. Acesso em: 15 jul. 2023.

OLIVEIRA, R. L. **Uma análise textual do pathos em polêmicas**. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/51379>. Acesso em: 11 set. 2020.

OMS diz que imunizados com as duas doses da vacina ainda podem pegar Covid-19. **Jovem Pan**, [S.l.], 6 abr. 2021. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/mundo/oms-diz-que-imunizados-com-as-duas-doses-da-vacina-ainda-podem-pegar-covid-19.html>. Acesso em: 18 maio 2022.

PAVEAU, M. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PERELMAN, C.; TYTECA, L. O. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERON, I. Deltan Dallagnol é condenado a indenizar Lula por uso de PowerPoint. **Valor Econômico**, Brasília, 22 mar. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/03/22/deltan-dallagnol-e-condenado-a-indenizar-lula-por-uso-de-powerpoint.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2022

PINTO, R.; RODRIGUES, M. G.; CORTEZ, S. L. Empatia e emoção em textos multimodais: o caso ‘Marielle Franco’. In: MARQUES, M. A.; SOUSA, S. G. (org.). **Linguagens de poder**. Braga: Edições Húmus, 2019.

PLANTIN, C. **A argumentação**: histórias, teorias, perspectivas. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROQUE, G. Comment argumenter à partir d'images ? **Signata**, [S. l.], v. 10, n.1, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/signata/2363>. Acesso em: 13 set. 2021.

ROQUE, G. Rhétorique visuelle et argumentation visuelle. **Semen**, [S. l.], v. 32, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/semen/9370>. Acesso em: 19 jul. 2021.

ROQUE, G. Should Visual Arguments be Propositional in Order to be Arguments? **Argumentation**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 177-195, mai., 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10503-014-9341-3>. Acesso em: 5 jul. 2021.

SANTOS, J.; PLASSMAN, R. **uM RitO pRos meus passÁ**. 2020. 1 fotografia, colorida.

SALES, T. Y. N. **Processos referenciais em charges de jornais cearenses sob o aspecto multimodal**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/28828/1/2017_dis_tynsales.pdf. Acesso em: 29 out. 2020.

SILVEIRA, G. B. **Estratégias de patemização e modalidade patêmica**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/71057>. Acesso em: 26 out. 2023.

TEIXEIRA, J. F. **Estratégias de referência em infográficos: contribuições da imagem para a progressão textual**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22099>. Acesso em 30 out. 2020.

TSERONIS, A. Multimodal argumentation: Beyond the verbal/visual divide. **Semiotica**, v. 2018, n. 220, p. 41-67, 2018. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/sem-2015-0144/html>. Acesso em: 13 set. 2021.

UNGERER, F. Emoções e linguagem emocional nas notícias em inglês e alemão. *In*: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (org.). **Texto, discurso e argumentação: traduções**. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 269-296.

VAN EEMEREN, F. H. The State of the Art in Argumentation Theory. *In*: VAN EEMEREN, F. H. (Ed.). **Crucial Concepts in Argumentation Theory**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2001.

VIDALE, G. Brasil registra mais de 4.000 mortes por Covid-19 nas últimas 24 horas. **Veja**, [S. l.], 6 abr. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/brasil-registra-mais-de-4-000-mortes-por-covid-19-nas-ultimas-24-horas/>. Acesso em: 18 maio 2022.

VIEIRA, J.; SILVESTRE, C. **Introdução à Multimodalidade**: Contribuições da Gramática Sistemico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social. Brasília: J. Antunes Vieira, 2015.